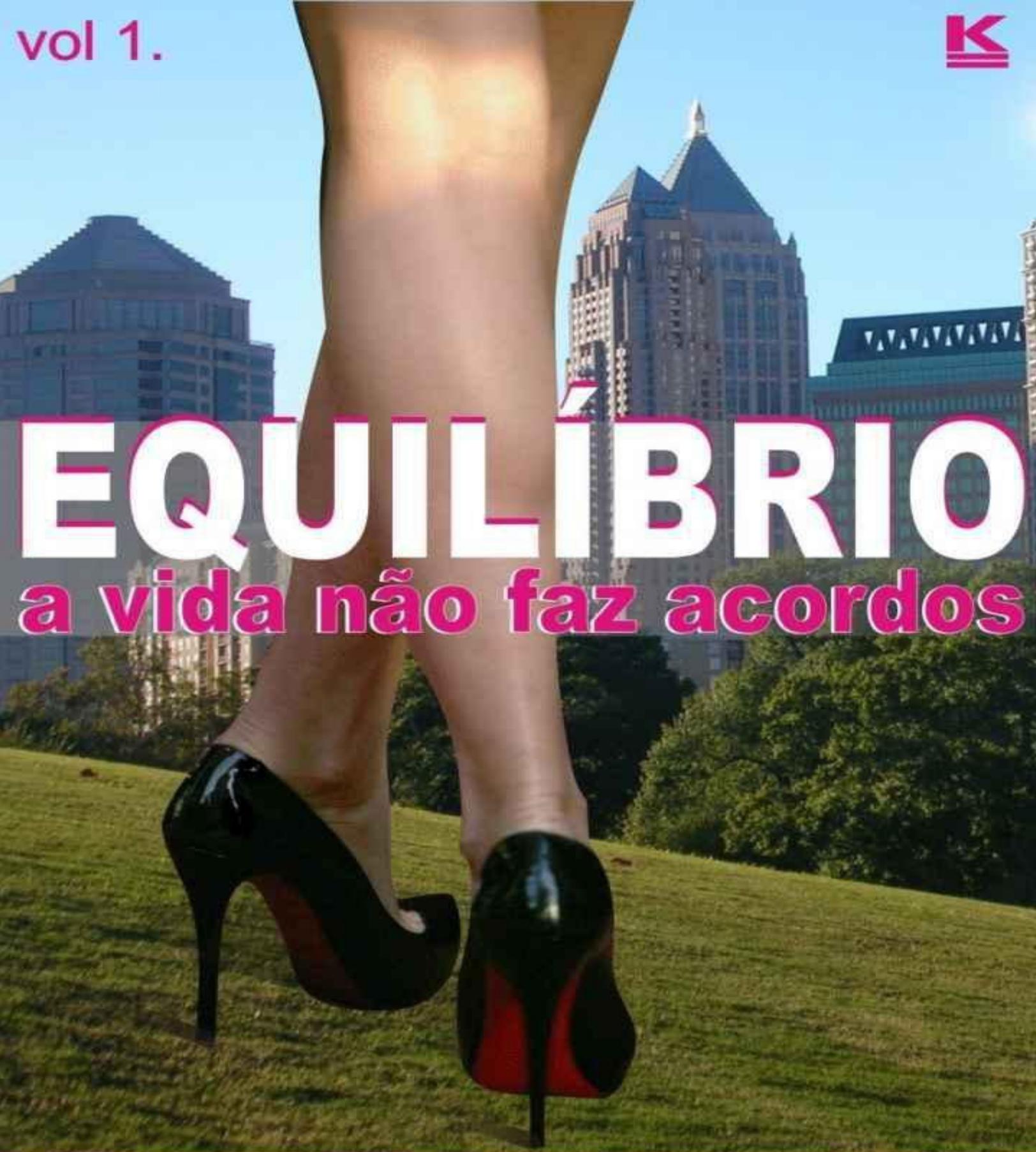


vol 1.

**K**



**EQUILIBRIO**  
a vida não faz acordos

**Flavia Mariano**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Sumário

- Parte I
  - Olhe!
  - Ageusia
  - Tempo
  - Nunca será suficiente
  - Onde está você agora?
  - Férias
  - Natal
  - A vida não faz acordos
  - Eu não gosto de trabalhar
  - Só depende de mim
  - Insegurança
- Parte II
  - Istambul
  - Capadócia
  - Dia seguinte
  - Jantar
  - Alegria
  - Paul
  - Indo embora
  - Impulso
  - Pamukkale
- Parte III
  - A volta
  - Encaixando
  - Londres

*Flavia Mariano*

# **Equilíbrio**

## **a vida não faz acordos**

Copyright © 2010 *Flavia Mariano*  
Todos os direitos reservados à autora

Edição Digital

*KBR*

*2010*





**Flavia Mariano** é escritora, jornalista, pós-graduada em Jornalismo Literário e editora de três blogs relacionados ao universo feminino. Nascida no Rio de Janeiro, Flavia Mariano fez do mundo a sua casa e da escrita a sua meta: "Trazer à tona os dilemas desta mulher urbana, que acaba não encontrando tempo para viver a própria vida, para ir em busca dos seus sonhos verdadeiros e não apenas daqueles que são "possíveis" entre as brechas das obrigações."

E-mail: [flaviamariano@flaviamariano.com](mailto:flaviamariano@flaviamariano.com)

Site: [www.flaviamariano.com](http://www.flaviamariano.com)

Imagem da capa: fotomontagem sobre arquivo Google



## Olhe!

---

— Olhe!

— O quê?

— Venha logo! Corra!

Marília se levanta da cadeira do escritório e corre até a janela, se equilibrando no salto alto.

— Está vendo?

— O quê?

— Não reconhece?

— Não!

O tal homem branco como a neve, de barbas longas, que a convidou para vir à janela, a observa com compaixão.

— Quem é você? Um anjo? — Marília questiona. — Não, não pode ser um anjo, eu não acredito em anjos.

— Não importa quem eu sou, importa o que você acabou de ver passar pela janela.

— E o que era aquilo? Diga logo, não tenho tempo!

O homem dá uma risada irritante.

— Não tem tempo? Aquilo era a sua vida passando pela janela, enquanto você está aqui sentada — ele termina com uma gargalhada.

Marília fica mais branca do que o homem misterioso. E, enfim, acorda.

domingo, e o escritório do apartamento de Marília está repleto de trabalho que trouxe para adiantar. Alguns materiais do mestrado para apresentar no dia seguinte, completam as urgências.

Entre uma tarefa e outra, resolve se permitir uma hora de descanso, merecida e rara. Vai até a sala e se joga no sofá. Liga a TV e passa os canais, sem compromisso. Para num qualquer. Levanta-se e vai até a cozinha. Pega o pote de sorvete de baunilha e enche uma taça.

Volta para a sala. Ela se interessa pelo que está passando na TV, um programa de auditório em que duas mulheres dançam de forma sensual. Parece-lhe vulgar, mas não as recrimina, acredita na pura independência feminina, justificativa para todos os extremos.

As dançarinas se sentam em sofás para dar início ao debate. Do lado oposto, duas mulheres trajando roupas formais passam a aparecer no vídeo.

Marília fica ainda mais atenta ao perceber que a discussão é para chegar à conclusão do que é mais importante nos dias de hoje: "Ser uma gostosona que arrasa corações e que, se tiver sorte, acaba como coelhinha da Playboy, ou ser aquela executiva sem cor, que passa mais tempo diante de um computador do que consigo mesma."

Marília se mexe no sofá. Olha para sua mão, quase transparente, segurando a colher cheia de sorvete. Passa mais de dez horas por dia diante de uma tela de 19 polegadas. Sente-se cada

vez mais ansiosa para ouvir aquelas duas companheiras, muito bem vestidas, em ternos de cortes precisos e marcas poderosas, mas que, ainda assim, não conseguem lhes dar brilho. Falta-lhes luz.

— Comecem logo a falar! — Marília pede em voz alta, sem perceber a própria aflição.

— Voltamos já! É um minuto só! — a apresentadora interrompe. — Enquanto isso, você escolhe: de que lado quer ficar? Ser uma gostosona que enlouquece os homens ou uma mulher reservada, mas de sucesso? Há um meio termo? Voltamos já, não saia daí!

Marília não sairia. Mesmo já sabendo de que lado quer ficar: no das executivas *workaholics*. Orgulhosamente, pertence a este mundo.

— E já estamos de volta! — a apresentadora anuncia. — Obrigada por continuar com a gente! Agora, eu gostaria que você, aí na sua casa, prestasse bem atenção no argumento dessas mulheres que trouxemos aqui hoje.

Marília a obedece.

— Eu sou gostosa mesmo e os homens me adoram! Tenho quarenta anos e três filhos — uma das dançarinas anuncia, recebendo reações espantadas da plateia diante de sua aparência invejável. — Sou feliz assim, não ia querer passar os meus dias como uma louca estressada só para dizer que sou moderna.

A apresentadora dá voz à executiva. Marília espera uma resposta à altura.

— Trimm — o telefone toca. Marília ignora. — Trimm — não resiste. — Trimm — estende a mão. — Trimm — atende.

— Mãe! Depois nos...

— Não — a interrompe. — Vamos falar agora, você sempre tem um depois. É domingo! Nem hoje você tem tempo?

Marília se esforça, mas não consegue ouvir o que a executiva diz na TV.

— Estamos te esperando para o lanche hoje à tarde.

— Hoje eu não vou poder ir. Desculpe, mas estou com muitas tarefas do mestrado e umas pendências do trabalho. A gente arruma um tempinho para se ver durante a semana — justifica, aumentado o volume da TV.

— E agora a reposta dessas mulheres com corpos de dar inveja! — a apresentadora anuncia.

— Está me ouvindo? Que barulho é esse?

Marília desiste. Coloca no mudo. Melhor terminar logo a conversa.

— Eu sei que você gosta que lanchemos juntos aos domingos e que falho na maior parte das vezes, mas hoje não dá mesmo.

— Sinto sua falta, mas não se preocupe, minha filha! Prefiro que fique estudando. Criei vocês todos para isso: terem uma vida independente! Não há nada que me dê mais orgulho do que saber que você tem seu dinheiro. Não depender de homem algum é a coisa mais sensata que uma mulher pode fazer! Adoro essa sua rotina emocionante!

— Está bom, mamãe — Marília interrompe o conhecido discurso. — Agora preciso desligar — se despede trazendo o som de volta à TV.

— E vamos aos nossos comerciais, mas é rápido, não saia daí! Você está vendo como este debate está quente!

— Não! Não estou vendo nada — Marília devolve, recostando a cabeça no sofá.

Ela fecha os olhos. A culpa por ter dispensado a mãe ao telefone lhe traz lembranças da

adolescência. Sua mãe abriu mão da carreira para cuidar dos três filhos, pois seu marido, um juiz influente e fazendeiro nas horas vagas, podia lhe dar uma vida confortável. Mas, quando o filho mais velho do casal completou vinte anos, veio a decepção: o marido, com 50 anos de idade na época, estava tendo um caso com a secretária de 26. Perdida, a mãe de Marília decidiu perdoá-lo e continuar a vida com o pai dos seus filhos, mas ele não quis. Disse que estava apaixonado e iria se casar com seu novo amor.

Abandonada, aos 42 anos, ela caiu em um mundo onde as mulheres buscavam independência, e ter criado três filhos não tinha valor algum para o currículo. Sentiu-se sozinha, deixada para trás por dedicar os últimos vinte anos exclusivamente à família. Assim, decidiu que, para ela, já não havia mais tempo, mas que suas duas meninas, Melanie de 16 anos, e Marília de 14, seriam treinadas para jamais abrir mão de suas vidas por marido ou filho algum. Seriam autossuficientes em todos os sentidos e mais um conjunto de regras valorizado por esta nova e estranha sociedade na qual foi brutalmente jogada. Fazia questão de passar para as filhas tudo o que saía sobre novas teorias de independência feminina radical.

— Estamos de volta! Obrigada por ficar com a gente. E aí? Conseguiu decidir qual a melhor forma de viver nos dias de hoje? — a apresentadora questiona.

Ainda envolvida em seus pensamentos, Marília faz que não com a cabeça. Já não se lembrava dessas partes tão marcantes de sua criação.

— Não sei para que trabalhar tanto. Para ter o quê? O celular mais moderno? O carro do ano? — uma das gostosas questiona.

Uma das executivas rebate.

— Sim, trabalhamos para ter tudo o que queremos. Todo mundo gosta de ter celulares da moda, *laptop*, carros confortáveis. Nada melhor do que ter um apartamento bonito e bem decorado. Desculpe, mas acho que a vida é mais do que rebolar.

A plateia vai ao delírio.

— E a vida é muito mais do que ficar enfiada num escritório, esperando ela passar — a gostosa dá o troco. — Você pode até não querer rebolar como eu, mas com certeza inveja minha liberdade. Computador nenhum compra tempo, pelo contrário, tira. Enquanto vocês ficam aí fazendo sexo virtual, a gente faz sexo na real.

A plateia gosta da discussão, mas as executivas não respondem à provocação. Seu silêncio deixa a dúvida. Não se sabe se estão apavoradas com a realidade ou se já não querem mais continuar naquele debate.

Marília olha para os dois lados do palco. Está tão apática quanto suas prediletas. Queria estar no meio, ser bonita e livre como as gostosas, mas com todos os luxos e intelecto das executivas.

— Chega disso! — Marília desliga a TV. — Se nem computador nem dinheiro compram tempo, não é este debate estúpido que vai comprar.

Ela volta para o escritório. Suas tarefas são mais importantes. Não acredita em meio termo. É preciso escolher um lado. Para Marília, ou você está ou não está, ou é ou não é. Não seria capaz de ser uma executiva durante a semana e uma gostosona no sábado e no domingo.

— Esquece isso — diz para si mesma, voltando a se concentrar nos papéis e livros à sua frente. — Corpo bonito só paga as contas de quem posa pelada em capa de revista.

## Ageusia

---

— Quase não consigo sair! — Marília diz afobada à mãe, que já a espera sentada em uma mesa do restaurante há mais de vinte minutos. — Desculpe a demora.

A mãe lhe dá um beijo no rosto e a tranquiliza, dizendo estar tudo bem.

— Já conheço essa sua rotina emocionante! — avisa, guardando o livro que estava folheando. — Sei que quarta-feira é um dia cheio para você, mas ousei roubar um pouco do seu tempo, já que não nos vimos no domingo. Não se incomode pelo atraso, sabe que me orgulho dessa sua correria.

Marília sorri satisfeita e se acomoda na cadeira.

— Então, minha filha, como...

— Só um minutinho, mamãe — Marília a interrompe, pegando o celular na bolsa.

— Alô.

Cinco minutos se passam. A mãe de Marília olha para o nada, olha para o tudo, olha o cardápio e busca algo para fazer, enquanto a filha resolve seus problemas inadiáveis ao telefone.

— Desculpe, era meu chefe.

— Eu entendo! — a mãe sorri, orgulhosa pelo fato de a filha ser tão necessária no trabalho.

— Já posso anotar seus pedidos? — a garçonete se aproxima.

— Sim — Marília autoriza apressada.

— O que vão querer?

— Só um minuto, por favor — pede, atendendo novamente o celular. — Sim. Não, não estou ocupada, pode falar.

A garçonete lança um sorriso para a mãe de Marília e avisa que volta em alguns minutos.

Desta vez, a ligação demora um pouco mais. Marília não percebe, mas sua mãe está visivelmente perdida diante de suas intermináveis conversas.

— Desculpe, era meu chefe novamente. Aquele banco não para!

— Eu entendo, minha filha.

A garçonete volta. As duas fazem seus pedidos e Marília adverte que o quanto antes os pratos saírem, melhor.

— Estão com muita fome — a jovem deduz, tentando ser simpática.

— Não, estamos com muita pressa! — Marília responde, com o conceito que, para ela, mostra a marca das pessoas bem sucedidas: falta de tempo.

— Quem não tem tempo para comer, não tem tempo para viver — a garçonete rebate, de maneira inusitada. — Se você tem dinheiro para pagar uma comida tão cara, mas não tem tempo de apreciá-la, de que lhe serve?

Marília e a mãe se entreolham, confusas com o atrevimento.

— Quem me disse isso foi um cliente antigo — a garçonete continua, ignorando os olhares.

— Prometi a ele que repetiria essa frase a todos os clientes que entrassem aqui e dissessem que estão sem tempo para comer. Mas isso é uma longa história. Vou fazer o pedido de vocês, nem todo mundo vai ter o mesmo fim que ele. Volto já — lhes dá as costas.

O espanto dá lugar à curiosidade.

— Que menina maluca — a mãe comenta.

— Pois eu vou querer saber tudo sobre esta história quando ela voltar!

A mãe não lhe dá atenção.

— Está bonita hoje, minha filha, de onde é este terno?

— Nem sei — Marília responde, desinteressada. — Aliás, sei sim, é Carolina Herrera.

— Ah... Só podia, ela é fantástica! Minha predileta! — a mãe exclama, arrancando um sorriso satisfeito da filha.

— Mamãe — Marília muda de assunto, parecendo se lembrar de algo. — No domingo, quando nos falamos ao telefone, você disse que conhecia minha rotina emocionante. O que quis dizer?

— Ah... Você sabe. Essa adrenalina de tantas coisas no mesmo dia, tanta gente diferente, compromissos, perspectivas, reuniões inadiáveis! Você é tão indispensável! Isso não é emoção?

Marília comprime os lábios, pensativa.

— Mas, e se você soubesse que iria morrer amanhã? Iria querer aproveitar seus últimos dias com esta "emoção" toda que eu vivo?

— Ah... Já estou entendendo tudo. Você andou conversando com a sua irmã. — Não! Ela não tem nada a ver com isso. É só uma pergunta boba. Qual o problema? As pessoas dizem que temos que viver como se fosse este nosso último dia, mas... Se fosse meu último dia, eu iria querer vivê-lo no trabalho?

— Marília — a mãe responde, mostrando desconforto. — Essas perguntas são bem autoajuda e devem ficar só no pensamento. Mas se quer uma resposta, no *meu* caso — coloca as duas mãos no peito — eu ficaria com todos os meus filhos e netos, debaixo da minha asa! — sorri satisfeita. — Iria querer vocês todos me dando carinho.

— Então, por que acha tão importante esse *status* do trabalho? Ninguém, sabendo que vai morrer amanhã, corre para a empresa e faz de tudo para conseguir uma promoção antes de receber a extrema unção.

— Marília! Vamos encerrar essa conversa! Você não vai morrer amanhã! Nem eu! — a mãe perde a paciência. — Então, é a vida que segue seu curso, com todo mundo vivo. Bem vivo! Já te disse que isso é coisa boba de autor de autoajuda. A verdade, minha filha, é que se você fosse morrer amanhã, iria querer comer filé mignon ou um resto de comida? Desejos custam dinheiro!

— Mas...

— Mas, nada! Vamos mudar de assunto e comer. Você e sua irmã já estão bem grandinhas, mas se eu pudesse, as proibiria de se falarem. Ela é uma péssima influência! — finaliza, irritada. — Ainda bem que a esposa do seu irmão tem a cabeça no lugar!

— Cabeça no lugar? — Marília surpreende-se. — Ela só pensa em dinheiro! A casa dela é um paraíso *high tech*, trocam de celular a cada três meses!

— Ao menos é sinal de que o trabalho deles está dando fruto.

— Está dando fruto em chips! Eles têm uma árvore de frutas eletrônicas.

A mãe ajeita-se na cadeira, impõe um olhar sério e inicia um discurso direto.

— Minha filha, ouça bem, cada um troca seu tempo de vida pelo que acha valioso. Se eles acham que vale a pena dar seus preciosos dias em troca de ter dinheiro para comprar um celular e mostrar *status*, que seja. Agora, me dê licença, vou lavar as mãos para comermos — levanta-se, dando o assunto por encerrado.

Marília não quer ter brigas inflamadas com a mãe, assim como sua irmã Melanie, mas a frase a incomoda. *Cada um troca seu tempo de vida pelo que acha valioso*. Não entende por que anda perturbada com essa história de tempo e escolhas de vida ultimamente. Sempre gostara tanto da rotina estafante... Sentia uma adrenalina boa de sucesso, por que não está tão forte agora?

Por alguns instantes, sua mente sempre ocupada permite análises. Lembra do senhor de barba branca do sonho. Sente que está trabalhando para juntar dinheiro e depois comprar coisas que geram mais despesas que a obrigam a trabalhar ainda mais. Boa parte de seu salário vai para pagar contas, contas e mais contas. Deduz que, se não tivesse a TV a cabo, não teria essa conta para pagar. Ao assinar o contrato, na verdade, está doando algumas horas de sua vida: *Eu, Marília, me comprometo a dar a vocês um dia da minha vida por mês em troca de receber na minha casa sinais de TV que eu mal tenho tempo de assistir...*

— Meu Deus! — balbucia baixinho, levando a mão à boca. — Pelo quê estou trocando a minha vida?

Mas Marília sabe que este nada mais é que um breve momento de loucura. Suas inúmeras obrigações vêm logo em seu socorro, ocupando todo o espaço.

— Aqui estão suas bebidas — a garçonete anuncia. — Os pratos já estão vindo — avisa, ao ver sua mãe voltando do banheiro.

— Ei! — Marília chama a garçonete, que já se afasta.

— Algo mais em que possa lhe ser útil?

— Sim... Eu gostaria de saber por que o tal cliente te pediu para fazer aquele comentário.

— Desculpe-me, senhora, eu não deveria ter falado aquilo. Que boca a minha, mas é que... Quando falou da pressa, percebi uma aflição e logo me lembrei dele, e... Desculpe-me mais uma vez. Que boca! — bate com a mão direita nos lábios.

— Não, não! Nós queremos saber. Não queremos, mamãe?

— Eu? Não quero saber de nada!

— Mas eu quero! Fala!

A garçonete reluta. Não pode ficar parada por muito tempo em uma única mesa.

— Melhor esquecermos esta história.

— Não! Por favor! Conte — Marília insiste.

A jovem dá mais uma olhada ao redor. Seu chefe não está por perto. Se resumir não terá problemas.

— O cliente era um homem muito bem sucedido. Tinha 41 anos e estava indo tão bem na profissão que não percebeu que o trabalho já estava engolindo todo o seu tempo. Ele tinha uma esposa linda e bem cuidada, igual a uma estrela de cinema. Mas raramente se encontravam, porque ele estava sempre trabalhando.

A garçonete dá mais uma breve olhada ao redor e continua dizendo que levar trabalho para casa e planejar o dia seguinte tendo como ponto principal a profissão, já estava tão enraizado em sua rotina que não conseguia entender quando a mulher tentava argumentar, pedindo um

pouco de atenção. Até que um dia ela resolveu ir embora. Não aguentava mais a ausência dele e ainda descobriu que ele tinha uma amante.

— Na verdade, várias.

— Para essas eles sempre arrumam um tempinho — a mãe de Marília intervém, recebendo um olhar de reprovação da filha.

— Continue! — Marília pede.

A garçonete conta que a esposa não deu aviso. No dia escolhido para ir embora, esperou que ele saísse para trabalhar e deixou apenas um bilhete, com várias fotos de passeios dela com o filho deles. No espaço vazio, o menino havia desenhado o pai, que nunca podia estar com eles nas viagens. Tinha medo de tirar férias, pois quando voltasse, alguém já poderia estar ocupando o seu lugar.

— Como eram esses desenhos? — Marília interrompe.

— O menino pegou a foto dele com a mãe nas viagens e desenhou a figura do pai com uma canetinha, como se estivessem todos juntos, e...

— Droga! — Marília esbraveja, ao ouvir o telefone tocar. — Só um segundo, por favor.

A garçonete nota o olhar do chefe, que a observava de longe.

— Preciso trabalhar — diz à mãe de Marília, que parece aliviada com sua partida e, mais uma vez, busca algo de interessante para olhar.

— Seu chefe novamente? — a mãe pergunta, ao vê-la desligar o telefone.

— Não. Minha depiladora dizendo que não vai poder me atender amanhã na hora do almoço. Logo agora! Estou roendo as unhas para saber o fim da história! — Isso é coisa da cabeça dessa moça! — a mãe repreende a euforia da filha. Marília nem sabe muito bem por que quer tanto ouvir esse relato. Mas não vai desistir.

— Aqui estão seus pratos — a garçonete os coloca na mesa e se vira rapidamente, como se fugisse da cliente curiosa.

— Termine de contar! — Marília pede, pegando na roupa da funcionária.

— Minha filha! O que é isso? Deixe a moça em paz.

— Desculpe... — mostra-se envergonhada. — É que quero muito saber o que aconteceu a este homem.

— Não é permitido ficar parada na mesa conversando — a garçonete justifica.

Marília insiste. A garçonete dá uma rápida olhada ao redor.

— Tudo bem, mas tem que ser rápido. Meu chefe está conversando com um cliente muito importante, não vai notar se eu ficar aqui uns minutinhos. Depois você me faz um elogio.

— Claro — Marília concorda, diante do olhar desaprovador de sua mãe.

— Não se sabe se foi por causa da decepção com a perda da esposa e do filho, se foi por causa de estresse ou de alguma doença que já existia, mas ele descobriu, alguns meses depois da separação, que não sentia mais cheiros.

A garçonete continua, dizendo que os perfumes caros que o homem comprava já não exalavam os aromas com tanta intensidade. Mas a decisão de procurar um médico só veio mesmo quando percebeu que não sentia mais sabor. Estava com ageusia.

— Ageusia? — Marília pergunta, intrigada.

— Não sentia mais o gosto de nada.

— De nada?

— Nada. Um dia, ele veio aqui e me contou o que estava acontecendo. Pediu que eu fosse

com ele ao médico. Disse que tinha me escolhido, porque tinha certeza de que eu nunca contaria a ninguém sobre nosso caso e, claro, também não falaria sobre sua doença. Sabia que eu gostava dele.

— Vocês estão juntos?

— Não. Um tempo depois, ele veio ao restaurante para um almoço de negócios. Comia com tanta vontade que achei que estivesse curado. Mas ele disse que não, que estava em tratamento, que aquilo era resultado de muito treino. Quando estava indo embora, perguntei se poderia fazer algo mais por ele. E foi quando me respondeu: "Sim, se puder, quando alguém entrar aqui e disser que está sem tempo, diga: Quem não tem tempo para comer, não tem tempo para viver. Se tem dinheiro para pagar uma comida tão cara, mas não tem tempo de apreciá-la, de que lhe serve?"

— Tudo bem por aqui? — o *maître* pergunta, chegando por trás da garçonete sem que ela percebesse.

— Tudo perfeito! — Marília se apressa em dizer, aproveitando para elogiar a funcionária conforme combinado.

Ele agradece e pede licença para que a moça se retire, pois outras mesas precisam ser atendidas.

— Muito obrigada — a mãe de Marília solta aliviada enquanto os dois se afastam.

— O que foi este muito obrigada tão rude, mamãe?

— Essa moça falando tantas besteiras! Você veio aqui para almoçar comigo ou para ouvir a garçonete contar uma história maluca? Já não basta me deixar sozinha enquanto fala ao telefone?

Marília se surpreende ao perceber que a mãe se sente sozinha enquanto ela atende às suas importantes ligações. Mas não faz comentário algum. Melhor mudar de assunto e aproveitar o prato apetitoso à sua frente.

Marília pede a conta, paga e não comenta mais nada com a jovem garçonete sobre o cliente que não sente gosto. Já tinha se envolvido demais numa história que tem boas chances de ser apenas uma fantasia da moça. Mesmo assim, sente que uma sementinha foi plantada. Durante o almoço, fez um grande esforço para saborear a refeição, sentindo o sabor de cada garfada.

— Gostou do almoço, mamãe? — Marília pergunta, enquanto caminham em direção à porta do restaurante.

— Sim.

— Eu não devia lhe dizer isso — a garçonete as surpreende, interrompendo a conversa e pegando, discretamente, no braço de Marília. — Mas você pareceu tão interessada... O cliente do qual lhe falei está aqui.

— Está? — Marília para de caminhar e reacende sua curiosidade, sem ligar para o olhar reprovador da mãe. — Quem é ele?

— Aquele ali, com o paletó pendurado na cadeira.

— Aquele? Não pode ser. Ele está cortando o bife com tanta vontade!

A garçonete dá um risinho sarcástico.

— Finge bem, não é mesmo? Mas ainda não sente gosto de nada.

— Como sabe de tudo isso?

— Ele me contou, há poucos minutos atrás.

— Mas você disse que tinham se afastado! — a mãe de Marília questiona, parecendo pegar um deslize da jovem.

A garçonete dá um sorriso ao perceber o rosto de incredulidade da cliente.

— Não estamos mais juntos. Hoje em dia, ele beija mal — brinca. — A família dele é que deveria segurar as pontas, mas ele não tem mais uma. E ele sempre deixou bem claro qual era o meu lugar na vida dele. Então, não me sinto na obrigação de estar ao seu lado.

— Não sente pena? — Marília questiona.

— Ele nunca sentiu pena de me tratar como uma mulher qualquer. Isso aqui não é um conto de fadas, sou apenas uma garçonete.

Marília força um sorriso.

— Cada um com suas escolhas — a garçonete finaliza.

— Verdade. Preciso ir. Obrigada por tudo.

— Adeus, minha jovem! — a mãe de Marília se despede, exalando sarcasmo e puxando a filha pela mão. — Vamos sair daqui!

— Nunca mais volto a este lugar! — a mãe de Marília dá vazão ao seu descontentamento, assim que cruzam a porta do restaurante.

As duas param na calçada, procurando seus óculos de sol dentro da bolsa.

— Entendo, mamãe... Desculpe... Eu também não.

— Você não parece tão certa disso.

— É... Talvez eu volte sim. A comida é muito saborosa.

— Mas os funcionários precisam de treinamento.

— Mamãe! Só porque a garçonete era mais falante e nos contou coisas muito interessantes! Há sobre o que se refletir em tudo o que ela disse.

— Chega! Já não basta o que aconteceu comigo? Desperdicei minha vida dentro de casa! Já não basta o desgosto que sua irmã me deu?

— Tudo bem. Não vamos mais falar sobre esse assunto.

Marília está de frente para a rua e de costas para o restaurante. Sua mãe está na posição contrária e pode ver tudo o que acontece lá dentro, inclusive o tal empresário vindo do banheiro em direção à sua mesa.

— Vou provar que tudo o que aquela garçonete disse não tem fundamento algum — a mãe anuncia, entrando no restaurante.

Perdida, Marília se apressa em ir atrás.

— Meu senhor, um minuto de sua atenção, por favor. Serei breve, sei que está a caminho de sua mesa. É que tivemos uma conversa bem estranha com uma funcionária deste estabelecimento durante o nosso almoço. Minha filha ficou impressionada com as invenções dela, dizendo que o senhor tem uma doença que não lhe permite sentir sabores nem cheiros. Uma insanidade, claro. Por isso, pode dizer à minha filha que é tudo invenção da cabeça dessa jovem?

— Bom...

— Só um minuto, por favor — Marília o interrompe, num gesto automático, ao ouvir o telefone tocar no bolso de seu terno. — Alô.

— Não! — o homem diz, ignorando o pedido. — Não tenho um minuto para esperar você terminar sua ligação. A senhora me dá licença, vou voltar para a minha mesa.

A mãe de Marília arranca o telefone do ouvido da filha.

— Mamãe!

— Ouça o que o homem tem a dizer, menina!

Marília se sente sem referências. Não é um ato interessante? Está sendo requisitada para resolver problemas de trabalho!

— Obrigado por sua atenção — o homem ironiza. — Sobre a garçonete, ela só mentiu em uma coisa. Ela não era uma mulher qualquer, eu gostava dela. Sinto falta de nossas conversas. De resto, é tudo verdade. Não tenho ideia dos temperos que deram sabor à carne que acabei de comer.

A mãe de Marília olha para os lados, desconcertada, como faz quando a filha inicia suas longas conversas ao celular.

— Obrigada, senhor. E desculpe nossa falta de jeito — Marília agradece, puxando a apática mãe para fora. — Viu? — faz graça, quando chegam à calçada. — Não precisava ter passado por essa! Eu disse que era verdade! — vibra.

— Realmente! — a mãe contesta, com raiva. — Se você não tivesse dado voz àquela garçonete, eu não precisaria ter passado por nada disso!

Marília dá uma leve risada diante da revolta. Elas trocam um beijo no rosto e um forte abraço e seguem direções opostas, assim como seus pensamentos.

## Tempo

---

Marília chega do almoço e se acomoda em sua cadeira de trabalho. Quer tempo para pensar no que havia acontecido no restaurante e nas inquietações que vêm assombrando a sua vida. Mas é logo interrompida por uma ligação. Olha no relógio. Tenta ser rápida, mas fica meia hora grudada no aparelho. Coloca-o no gancho, mas ele toca novamente.

— As planilhas estão prontas? — seu chefe a questiona, parecendo insatisfeito.

— Acabei de voltar do almoço e, assim que terminar, mando entregar na sua sala.

— Está atrasada! Você sabe disso! De qualquer maneira, venha aqui, por favor.

Marília comprime os lábios. Pensa em algo rápido para livrar-se de ir até a sala do chefe.

— Tem que ser agora?

— Sim! Estou lhe aguardando.

Ela coloca o telefone no gancho, puxando fôlego para encarar o que está por vir. Não entende por que, mas queria ter alguns segundos de paz sentada em sua mesa pensando, apenas pensando. Mas seu dia não lhe permite. De reunião em reunião, de planilha em planilha, de telefonema em telefonema, sua vida vai passando. Mas isso nunca a incomodou. Sempre lhe trouxera tanto prazer quando dizia: não tenho tempo para nada! O telefone toca.

— Não vai vir?

— Já estou a caminho!

Tempo para refletir é um luxo que Marília não tem. E talvez nem saiba como fazê-lo.

*Toc, toc, toc.*

— Entre.

Marília adentra a sala do chefe e caminha até a cadeira diante de sua mesa.

— Não sente aí!

— Não?

— Venha aqui ao meu lado. Quero que veja algo.

Ela obedece, apreensiva. Está confusa e desconfiada, mesmo não acreditando que algo obscuro possa acontecer. Ele parece mais empolgado com o celular do que com seus lindos olhos castanhos em tons de mel.

— Olha só — o chefe diz, diante da tela de seu celular. — O que vê aqui?

— Planilhas de investimento — Marília responde, sem entender tamanha excitação.

— Isso!

— Isso o quê?

— Ainda não entendeu?

— Desculpe, mas não. São apenas planilhas em miniatura.

— Exatamente! Aí é que está a mágica!

— Mágica?

— Enquanto você estava almoçando poderia ter analisado algumas dessas e adiantado o seu serviço! Eu mesmo almocei num restaurante japonês fantástico e não desperdicei tempo, trabalhei o tempo todo! — o chefe vibra. — Entende o que quero dizer?

Marília faz um movimento lento com a cabeça, mostrando concordar.

— Veja só — ele continua. — Enquanto comia, analisava as planilhas e checava e-mails, afinal, de que me serve um celular moderno desses se não for para otimizar o meu tempo? É a tecnologia a nosso favor!

A boca de Marília está tão aberta de pavor que seu lábio inferior parece estar a poucos milímetros de tocar o chão. *Tecnologia a nosso favor? A favor da empresa, só pode ser. Quer dizer que almoçar, apenas almoçar, passou a ser um desperdício de tempo?*

— E então? Não é fantástico?

Marília não sabe o que responder, sabe que é só dizer "sim" e dar as costas, mas tem andado estranha. Não vê nada de fantástico ali. É o oposto do que ouvira da garçonete durante o almoço.

— Ficou muda? — o chefe insiste.

*Sim, fiquei! Estou pensando! Ou tentando!*

Marília é salva pelo celular do chefe, que além de ter todas aquelas fantásticas funções, ainda serve, incrivelmente, para falar. Ele atende e ela aproveita a brecha para voltar ao outro lado da mesa.

— Essa aqui vai demorar — o chefe avisa. — Quando trouxer as planilhas impressas traga o seu celular também. Vou baixar este programinha para você — finaliza, piscando um dos olhos de maneira camarada e voltando a falar ao telefone.

Marília dá um sorriso desencorajado. Sente-se apavorada com a possibilidade de não poder mais comer, apenas mastigar, em nome de ter seu tempo tão otimizado.

*Onde tudo isso vai parar?* Ela se questiona, a caminho de sua sala.

— Comida japonesa não combina com planilhas — diz em voz alta, sentando-se em sua mesa.

Já come rápido demais, o que lhe tira parte do prazer no paladar e, agora, ainda teria que analisar planilhas? Ela imagina que, se o mundo já está assim agora, dentro de alguns anos irão arrancar seus membros, porque um braço mecânico tem muito mais recursos. Toca MP3, tem alcance maior, não sente dor, não tem problemas de flacidez, a pele não balança quando precisa pôr sal na batata, pode dar tchau sem medo e... Se estragar? *Troca!*

— Ter amor aos membros do seu próprio corpo é coisa de nossos antepassados — fala sozinha. — Em que mundo você vive? Parou no tempo?

Olha para as mãos e não vê sentido algum nelas. É muito pouco servir somente para usar anéis, pegar coisas, fazer as unhas e se alimentar.

Marília percebe a louca viagem que está fazendo. Balança a cabeça voltando de seu passeio por um futuro sinistro. Está apavorada com seus novos pensamentos. Precisa aniquilá-los. Eles atrapalham sua proatividade.

## Nunca será suficiente

---

— Tive um almoço tão estranho esta semana!

— Já sei! A mamãe me ligou no mesmo dia, para dizer que eu estava te levando para o mau caminho — Melanie, a irmã mais velha de Marília, diz lhe arrancando um sorriso.

— É uma pena não podermos sair para almoçar. É tão raro eu ter um sábado inteiro livre!

— Eu sei... Mas com a babá doente o melhor mesmo é comer aqui em casa. Com um bebê de dois anos gripado, e um menino de seis querendo atenção, acredite, é melhor ficar em casa.

Marília concorda, e se consola com o fato de o mais velho, ao menos, ter saído com o pai. Assim, conseguirá conversar com a irmã com mais tranquilidade.

— Toma! — Melanie joga um pacote de cereal na frente de Marília, que está sentada diante de uma bancada de mármore na cozinha. — Vai comendo isso aí enquanto eu preparo a mamadeira.

Marília abre o pacote e começa a contar a sua versão do almoço. Aproveita também para falar sobre o celular, seu chefe e o braço com MP3.

— A parte de poder colocar sal na batata frita sem se preocupar com o braço flácido é a melhor — Melanie avalia, dando risada.

Sem opção, Marília deixa que ela ria à vontade.

— Pode ser engraçado, mas não quero almoçar com planilhas!

— Não precisa ficar brava — Melanie tenta acalmá-la. — Você conhece um autor chamado Duane Elgin? — pergunta, sem parar de mexer o leite no fogão.

— Lá vem você com a sua autoajuda! Argh! — Marília finge vomitar.

— Tudo bem. Não está mais aqui quem falou — Melanie se ofende.

— Estou brincando! Fala, por favor... — Marília faz charme.

Melanie aceita. Começa uma explanação sobre o autor e sua obra, *Simplicidade Voluntária*.

Melanie é uma mulher centrada. Como Marília, também incorporou o regime feminista, aplicado pela mãe, mas uma decepção no trabalho e suas buscas de crescimento pessoal a fizeram decidir mudar de vida. De engenheira bem sucedida, tornara-se mãe em tempo integral.

— Deveria ser seu livro de cabeceira. Fala em felicidade simples, mas sem radicalismo. Sem voto de pobreza.

— Lá vem você com essas histórias de viver com pouco.

— Todos nós gostamos de produtos de última geração, e isso não é crime — Melanie rebate. — Olhe ao redor, minha casa é o reflexo do que o dinheiro pode comprar. Aliás, tenho mais dinheiro do que você. O que estou questionando é essa sua obsessão pelo sucesso. Só é considerada bem sucedida uma pessoa que ocupa altos cargos? Que tem muito dinheiro? Quem vive de outra forma é um fracassado?

— Aonde você quer chegar com todo esse discurso? — Marília dá voz a seu ceticismo. — Quanto o autor te pagou para sair por aí vendendo a obra dele?

— Tem certeza de que quer me ouvir?

— Desculpe.

— Não há espaço para todo mundo no que a sociedade rotula como "sucesso". Se estiver com vontade, leia o livro. Acho que será bom pra você.

— Parece que estou no médico, recebendo a minha receita — Marília tenta deixar o ar mais leve.

— Então, tome nota do seu medicamento — Melanie rebate, secamente, sem entrar na brincadeira. — Um dia desses, li a entrevista de um autor que dizia que não há como todos serem donos da fábrica, e que nem por isso os operários são fracassados. A noção de sucesso está dentro de nós. É você quem estabelece o parâmetro.

Marília quer debater e argumentar. É sempre assim quando conversa com Melanie e expressa sua busca desenfreada pelo que considera uma mulher de sucesso e independente. Parece entender o que a irmã diz, mas se nega a aceitar a autoajuda como algo realmente útil. Para ela, é tudo autoenganação, coisas de quem não tem coragem de buscar os próprios sonhos. *Quem quer, vai à luta, arregança as mangas e só desiste quando alcança o seu objetivo.*

— Marília, qual o problema de gostar de autoajuda? — Melanie reage, incomodada.

— Problema nenhum — ela responde, pouco convincente.

— Vamos lá! Diga! Sua resistência é palpável.

Marília reluta. Sabe que a irmã não vai gostar da resposta, mas não resiste e segue em frente.

— Só acho que isso é como ter uma mãozinha acariciando a nossa cabeça. Você já conhece o meu discurso. Ninguém lê autoajuda quando está feliz, só quando tem algum problema. São só palavrinhas bonitas. É sempre uma repetição, o mesmo produto com embalagens diferentes, bem coisa de dona de casa mesmo — deixa escapulir, se arrependendo de imediato. Sabe que foi longe demais.

— Marília, o que é uma coisa bem dona de casa? — Melanie se aproxima da irmã com um semblante desafiador.

— Desculpe, não foi o que eu quis dizer.

— Não se acanhe, você está achando que estou ofendida?

— Não está?

— Por que estaria? Você se sente ofendida se eu disser que você é bem uma executiva *workaholic*?

— Não...

— Pois deveria! Já está provado que as pessoas que vivem *sem tempo* são desorganizadas, não sabem delegar tarefas nem eleger prioridades. As que aproveitam o tempo livre rendem muito mais. Dão muito mais resultados para as empresas. Afinal, não é a isso que você dedica sua vida? Dar lucro para os donos do banco onde trabalha?

Marília fica calada e Melanie continua, como um trator.

— Eu me sentiria muito ofendida se fosse chamada de *workaholic*, porque uma pessoa viciada em trabalho é uma pessoa doente. Tudo na vida depende do ponto de vista, minha irmã. Sinto que sou muito mais feliz hoje, cuidando de mim e da minha família, do que quando

era uma engenheira bem sucedida. E só para você saber, autoajuda não é uma balela de dona de casa não. Todos nós precisamos dela, inclusive você e suas amigas, tão pretensamente realizadas, autossuficientes, independentes e seguras — Melanie imposta ainda mais a voz. — Precisamos de palavras positivas para nos lembrar de que temos poder e força dentro de nós. Leio muitas biografias, isso também é coisa de dona de casa? Então, não sei mais o quê é o quê, pois todas as que eu termino, você pega para ler. Sinto pena de você, tão dominada pelo que a sociedade chama de sucesso, mas com um corpo vazio, que não vê valor algum nisso.

— Não precisa sentir pena de mim — Marília rebate, rudemente. — Não perca seu tempo comigo.

— Já perdi — Melanie lhe dá as costas e caminha de volta para o fogão. Marília aumenta a velocidade com que come os cereais do sobrinho. Sua mão faz um movimento frenético de entrar dentro do pacote e despeja o alimento em sua boca.

Melanie se aproxima novamente, agora com a mamadeira do filho pronta.

— Agora, se me dá licença, tenho mais o que fazer e acho que você também.

— Está me mandando embora?

— De forma alguma, mas ficar aqui na minha cozinha me ouvindo falar de autoajuda é perda de tempo para uma pessoa tão ocupada e bem sucedida como você. Otimize seu dia. Ficar em casa, em pleno sábado, é coisa de dona de casa — Melanie ironiza, lhe dando as costas.

Marília odeia quando a conversa com a irmã toma esse rumo. Não entende como as duas haviam se tornado mulheres tão diferentes. Como a irmã pode não se sentir incomodada sendo apenas uma dona de casa? Como uma pessoa pode aceitar viver sem receber aplausos e elogios? *Desde que nascemos, adoramos palmas! Quando o bebê faz uma gracinha, ele recebe aplausos, por qualquer sorrisinho!* Marília tenta, mas não consegue entender como não se viciar no gostinho tão bom do reconhecimento.

Em meio à caixa de cereal, os acontecimentos da semana se apresentam: o homem que perdeu o paladar, o chefe, o braço mecânico. Mas Marília não acredita em lições a serem aprendidas. Na verdade, até acredita um pouco, mas não a ponto de se modificar de verdade.

Mas, dessa vez, algo parece diferente. Marília se vê correndo em uma esteira. Sente-se vítima da teoria do "nunca será suficiente", tão propagada por Melanie. É isso que ela sempre diz quando afirma que está se matando de trabalhar *agora* para ter mais conforto no *futuro*. Segundo ela, é aí que está o grande problema: os melhores anos de sua vida estão sendo oferecidos de bandeja a um esforço que nunca acabará, pois, quanto mais temos, mais queremos ter. Transformamos o fruto de nosso trabalho em bens materiais só para termos a impressão de que todo o esforço de vida desperdiçada está valendo a pena.

O cereal acaba e Marília acorda de seus pensamentos. É hora de cumprir o velho ritual e pedir desculpas à irmã.

\* \* \*

Marília vai até o quarto e senta na ponta da cama onde Melanie dá a mamadeira ao filho sonolento.

— Ele está cada dia mais bonito — Marília elogia, tentando quebrar o clima.

— Poupe seu tempo, me espera no meu quarto. Já estou terminando aqui.

Marília odeia essa parte, quando Melanie vai às forras e a ignora. Mesmo assim, obedece.

— Ai que alívio! — Melanie se joga na cama, exausta.

Continua dizendo que pior do que um filho doente só mesmo a babá de cama. Marília nada fala diante das lamentações. Enxerga ali uma vida bem chatinha, mas prefere ficar calada. Já está mais do que queimada com a irmã.

— E aí, Marília, por que ainda está aqui? A agenda está vazia hoje? — Melanie provoca.

— Não faz assim... Eu sou feliz dessa maneira.

— Então continue vivendo assim.

— Só que estou meio confusa com o fato de certas coisas estarem me incomodando.

— Então mude.

— Também não é isso. Preste atenção. Tudo caminhava bem até que no domingo passado eu estava vendo televisão e acabei parando em um programa onde mulheres gostosas competiam com executivas para saber quem levava uma vida mais feliz e completa. Desde então, só penso nisso! Queria poder ser gostosa, trabalhar, ter sucesso e ainda viver!

— Você já me contou sobre esse programa. Qual o problema?

— O problema é que até aquele dia eu tinha a certeza absoluta de que queria ser uma executiva *workaholic*!

— Sabe o que você precisa aprender? A ter equilíbrio — Melanie avalia, apoiando os cotovelos na cama e o rosto nas mãos. — Mais arte, filosofia. Não somos apenas tecnologia. Se eu e meu marido trabalhássemos, não teríamos vida, nunca. Por isso, optei por largar meu emprego. Você conviveu demais com a mamãe!

— Engraçado eu pedir conselhos logo a você...

— Por que engraçado? — Melanie arma-se.

— Desculpe, não é uma ofensa — Marília se apressa em esclarecer. — É que você não é nada do que eu sonho ser, mas quando nós conversamos, eu sinto paz. O que você diz faz sentido.

— Como o quê?

— Sei lá, como essa coisa da autoajuda, por exemplo. Nenhuma das minhas amigas lê isso, ou, se leem, é escondido. Eu fico pensando, como você conseguiu largar tudo.

— Eu não larguei tudo! Eu não desisti da minha carreira. Primeiro eu troquei de emprego. Você sabe disso.

Marília se esforça para mostrar que está atenta.

— Na nova empresa, fui contratada para o mesmo cargo que eu teria se tivesse sido promovida na empresa anterior. Mas, diferente do que eu tinha pensado, não fiquei enlouquecida de felicidade. É como se eu começasse a entender que eu precisava enxergar outros horizontes, outras formas de encaminhar a vida. Dizer que eu estava cheia de trabalho até enchia os olhos de quem me ouvia falar, mas no fundo, o que eu recebia em troca? Inveja? Dinheiro?

— E não acha que é o suficiente?

— Sim, sim, sim — Melanie concorda. — Eu adoro dinheiro! Ou você acha que não espero ansiosa por nossa semana de renovação de guarda-roupa em Paris? Mas morria de medo, por exemplo, de tirar férias! Um mês inteiro? Ir para uma praia, ficar de pernas para o ar? Eu tinha a impressão de que ficaria desconectada, ultrapassada!

— Só por causa de umas férias? — Marília fica espantada.

— Há quanto tempo você não tira um mês de férias? — Melanie a desafia.

Marília sente-se nua. As cortinas do palco se abriram e ela não sabe o que fazer. Não tinha ensaiado essa fala. Por que isso soa tão absurdo nas palavras da irmã, mas tão natural em suas atitudes?

— Todos os anos nós viajamos para Paris... — diz, tentando enganar a si mesma, enquanto tenta se lembrar de um mês de férias nos últimos cinco anos.

— Marília... Você escolhe as roupas com uma mão e resolve problemas do trabalho com a outra. Não sabe se almoça ou se atende o telefone. Não sabe se tira foto ou manda e-mails pelo celular. O que faz é trabalhar à distância. Estou falando de férias de verdade.

Marília está séria. Ainda não consegue entender por que nas palavras de Melanie a falta das férias soa tão absurda.

— Vamos mudar de assunto. Você não vai encontrar essas férias, porque não as tirou. Num ano era nova na empresa, estava insegura. No outro, precisava do dinheiro para dar entrada no apartamento, no outro o país estava em recessão... E a vida foi passando...

Uma nuvem de estranheza ainda paira sobre a cabeça de Marília. Não consegue entender como tudo havia passado tão rápido. Melanie está certa demais para ser plausível. As pequenas férias e feriados ficavam por conta de ligações e e-mails, sempre urgentes.

— Cheguei a um ponto em que só dinheiro em troca do meu tempo não me dava mais prazer — Melanie explica. — Eu queria mais. Queria ter tempo para ir a museus com prazer, me sentar para ler um bom romance e ter o feriado para mim, sem ter que aproveitá-lo para cuidar de casa porque durante a semana era impossível.

— Você queria ficar mais tempo à toa? — Marília pergunta, sem saber se está fazendo da maneira correta.

A irmã mostra que não gostou do comentário.

— Eu atropelava tudo. Era tudo corrido e eu achava lindo. Mas, quando saía à noite, lindas mesmo eram as mulheres saradas, com cabelos bem cuidados e aparência descansada. Era para elas que os homens olhavam, era para elas que os aplausos vinham. Ninguém queria saber se eu estava exausta e, por isso, minhas olheiras eram tão enormes que nem o corretivo mais potente que meu dinheiro podia pagar conseguia esconder.

Marília ouve atenta, querendo dizer à irmã que seu corretivo poderoso corrige todas as suas.

— Na época, mergulhei de cabeça em toda a autoajuda que encontrei. Enfiei uma terapia no meio do meu horário apertado, li sobre todas as viagens espirituais e transformações possíveis. Pensei que a solução seria fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Devorei tudo o que Paulo Coelho tinha escrito ou sonhava escrever. Mas, aos poucos, fui me encontrando. Fui vendo o que era bom para mim e o que era tão ruim que não servia para ninguém. Aos poucos, percebi que a escada para o topo já não era tão atraente. Era só uma escada.

— Que você não quis mais subir. É isso?

— Esta é minha escada para o sucesso, agora. É preciso ter muita coragem para fazer o que estou fazendo. No início, eu quase morria de vergonha de dizer que não trabalhava.

— Deve ser difícil ficar em casa vendo o tempo passar.

— E eu fico em casa esperando o tempo passar?

— Não! Desculpe.

— Vamos encerrar esta conversa por aqui — Melanie determina. — O que quero dizer com tudo isso é: Pare, pense e entenda o que realmente tem significado para você. Depois, encontre o equilíbrio. O equilíbrio entre o que você quer, o que tem que ser feito e o que pode ser deixado de lado.

Marília comprime os lábios e, obedecendo à ordem da irmã, a conversa se encerra. Ela promete que vai pensar naquela última frase: "encontrar o equilíbrio". Que não irá mais depositar toda a sua energia em um único propósito. Mesmo que os projetos andem mais lentos, ela quer que tudo ande um pouco mais junto. Certa vez, Melanie lhe ensinou a pensar na vida como se fosse uma balança antiga, dessas de feira. Seria impossível mantê-la em ordem se não estivesse equilibrada.

\* \* \*

— Sabe aquele dia, quando saí da sua casa? — Marília pergunta, durante um almoço com Melanie. — Fui direto à livraria e comprei *O Segredo*. Estou tirando, todos os dias, trinta minutos do meu almoço para ler.

— Que bom! Uma grande transformação em duas semanas. Mas seu chefe não baixou um programinha no seu celular para preencher o horário de almoço?

Marília dá uma risada dizendo que sim, mas que nunca nem tinha mexido nele. O mundo poderia estar caindo, mas a hora do seu almoço seria para comer, conversar com alguém ou ler. Se fosse preciso fazer outra coisa enquanto almoçava, que fosse algo para seu próprio crescimento.

— Odiei este livro — Melanie confessa.

— Sério! E eu aqui me matando para passar as páginas! Como você faz isso comigo? — Marília disfarça.

— Eu? — a irmã responde, achando graça. — O que *eu* tenho a ver com isso?

— Quer saber a verdade? — Marília pergunta.

— Com certeza.

— Estou gostando muito! — confessa, dando uma gargalhada, mesmo com um pouco de medo do que isso possa significar. — Você está me levando para uma seita! A seita de autoajuda dos ferradões!

Melanie gosta do que ouve e pede que façam logo os pedidos.

— Porque hoje é a dona de casa ferradona aqui que está com o dia apertado.

## Onde está você agora?

---

Quatro meses se vão. É dezembro. O Natal está nas vitrines, nos sites e nas ruas. Marília adora a sensação de renovação, pedidos, fraternidade. Participar do amigo secreto é sua maior paixão. É uma das poucas épocas do ano em que se dá o direito de relaxar, mas apenas um pouco, para não perder o controle.

A leitura dos livros de autoajuda não tinha ido muito longe. No meio de *O Segredo* já havia voltado ao seu ritmo normal, e o tempo reservado para ler na hora do almoço tinha virado história. Seu único companheiro é seu moderno celular. Se pode fazer o dia render mais, por que não? Otimização, sua palavra favorita.

Com a fase de questionamentos virando passado, os tais braços mecânicos já nem a assustam mais. Pondera que talvez até façam algum sentido. *É a tecnologia a favor do ser humano!*

As palavras de Melanie foram jogadas no lixo. Marília agora só pensa em maneiras de fazer o dia render mais, para sobrar mais tempo para ficar à toa, mas, sempre que algo é resolvido, outra coisa é colocada em seu lugar. E o ciclo continua, mas ela não se importa. Uma profissional de sucesso não tem tempo para descansozinhos bestas.

Entre uma reunião e outra, marca hora no salão de beleza, massagem ou limpeza de pele. Se tudo está se encaixando perfeitamente em sua agenda, por que não continuar assim? Já está habituada a essa vida e lhe faz bem ter dinheiro para comprar seus produtos, mesmo que seu tempo só lhe permita que seja pela internet.

Vive a utopia de tirar férias depois que terminar o mestrado. Fez a mesma promessa quando estava na especialização, mas emendar um curso no outro era tentador. Quanto mais se especializa, mais dinheiro entra, e esse é um vício no qual Marília se joga há anos, sem remorso.

— Eu amo o que faço! — diz a si mesma, a cada vez que alguma pulga dizendo "a vida está passando e você não está nem vendo" pula em seu ouvido.

Quando se sente cansada diz:

— Você está sendo reconhecida por seu esforço. Parabéns! Vamos lá, superação!

E assim a vida tem passado... Até hoje.

É dia do amigo oculto na empresa. Em meio às suas tarefas, todos conseguem um tempo para trocar os presentes e uma confraternização rápida no refeitório. A empresa fará uma grandiosa festa de Natal para todos os funcionários, mas o chefe decidira fazer um amigo oculto só para o seu departamento.

A jovem secretária resolve inovar e ser gentil. Dá uma folha com uma mensagem de Natal a todos os funcionários do departamento.

— Poderia ter enviado por e-mail — o chefe questiona. — A gente leria e depois deletaria.

— Sabe quantas árvores foram derrubadas para isso estar em nossas mãos? — um

funcionário acrescenta, buscando um discurso pró-verde.

— Como se folhas de papel fossem as grandes responsáveis pelo desmatamento — a secretária se defende.

— Uma não, mas várias, sim — o funcionário insiste, causando desconforto geral. — As empresas aéreas, por exemplo, não imprimem mais os seus bilhetes e estão economizando milhões para a natureza.

— Ahã, só que eu acho que você leu a notícia pela metade. O avião é um dos maiores poluidores do meio ambiente. O papel ainda pode ser reciclado, mas e os gases jogados na atmosfera? — questiona, nervosa.

Marília se limita a observar a discussão. O engraçadinho e metido a "verdinho" cala a boca, diante dos argumentos da secretária. Todos os que pensavam em algum comentário hipócrita pró-verde, mas têm várias TVs em casa e escovam os dentes com a torneira aberta, parecem envergonhados por criticar uma simples folha de papel.

— Isso é só uma mensagem. Quem não quiser ler, não leia — a secretária irrita-se, indo em direção à porta — Feliz Natal a todos — deseja, sumindo da visão de todos.

Para trás, ela deixa o constrangimento e o silêncio. Marília olha para sua cópia. Começa a ler discretamente. *Vale a pena ver o que causou tamanha discussão.*

### ONDE ESTÁ VOCÊ AGORA?

*Onde está você agora? Em casa? No cinema? Em uma praia deserta? Ou dentro do seu escritório? No trabalho? Mas não estou falando deste estar, e sim do estar de verdade: onde você queria estar? Onde o seu coração está de verdade? Num monte de dinheiro, ou ao lado da sua nova paixão, do seu pai doente no hospital, num papo animado com as amigas, na beira da praia com seu filho?*

*Mas onde está você agora? Em frente à tela de um computador, fingindo viver? Uma experiência virtual não existe, não tem emoção. É apenas uma imagem.*

*Por que peço para ser uma mensagem impressa? Porque querer estar não é o mesmo que estar. Ser um e-mail não é o mesmo que existir de verdade. Uma mensagem de celular nunca terá a mesma emoção de uma carta de amor, escrita com a letra da pessoa amada. Um e-mail, por mais animado que seja, nunca substituirá a expectativa de esperar o correio chegar.*

*Para acabar comigo, você não pode simplesmente me deletar, terá que me amassar, me queimar, me rasgar. Mas saberá que junto comigo estará indo seu coração, sua juventude e sua vida, que estão onde você não está agora.*

Marília levanta a cabeça, quase sem ar. Olha ao redor e percebe não ser a única perdida diante de uma simples folha de papel. Constrangida, ela se levanta da cadeira e sai da sala a passos lentos. *Onde está você agora?*

— Olha, não sou muito chegada a correntes — diz, diante da mesa da secretária.

— Do que está falando?

Marília estende a mão segurando o papel, com a mensagem da discórdia.

— Toma.

A secretária não se move.

— Eu também não. Esta é apenas uma mensagem de Natal — responde, sem pegar o papel, deixando Marília com a mão estendida. — É sua. Não precisa me devolver. Aproveita e leve a sua correspondência — estende a mão, com alguns envelopes.

Marília usa a mão livre para pegá-los.

— Não há mais nada para você — a secretária diz, ao ver que Marília continua com o braço estendido.

— Estou esperando você pegar essa sua folha.

— Ela é sua! Se achar melhor, jogue fora. Quer saber? — a secretária levanta da cadeira, pega a lata de lixo no chão e vai até Marília, do outro lado da mesa. — Já basta deste assunto. Pode jogar aqui no lixo.

— Jogar fora?

— Isso mesmo!

*Para acabar comigo, você não pode simplesmente me deletar, terá que me amassar, me queimar, me rasgar. Mas saberá que junto comigo estará indo seu coração, sua juventude e sua vida, que estão onde você não está agora.*

— Marília, não posso ficar aqui o dia inteiro segurando essa lixeira — a secretária diz, diante da falta de ação.

— Melanie!

— Melanie? Quem é Melanie?

— Minha irmã! Ela vai adorar esta mensagem! Já que não é corrente, se você diz que não é, não é — mostra-se confusa. — Vou voltar para minha sala. Nos falamos depois — dá as costas.

A secretária sorri e a observa se afastar. Já conhece o poder daquela mensagem, mas nunca tinha visto alguém tão atordoado.

\* \* \*

A correria do escritório ocupa todos os pensamentos de Marília, mas não o suficiente para deixar aquele pedaço de papel passar em branco. Lembra-se de algo que uma amiga sempre lhe diz: "Os e-mails são meios, mas nunca chegarão a ser um fim." Uma filosofia um tanto doida, mas que agora faz algum sentido. Talvez, por isso, a tal folha a esteja incomodando tanto. As palavras estão impressas, elas existem.

— Chega! — Marília diz a si mesma, em voz alta, brecando os pensamentos fora de controle. — O que está acontecendo comigo? — questiona, jogando o papel dentro de sua bolsa. — Volte ao trabalho!

*Onde está você agora?*

*Trabalhando!*

## Férias

---

— Vamos às compras? — Marília convida Melanie, ao telefone.

— Não posso, tenho três confraternizações hoje à noite. Nem sei como vou dar conta. Mas tenho um tempinho para um café depois do salão. Aceita?

É sábado, e as compras de Natal precisam ser feitas. Enquanto espera a irmã no café, Marília pensa em seu novo desafio. Desde que recebera a mensagem da secretária, há cinco dias atrás, os questionamentos sobre correria, vida e tempo tinham voltado a rondar o seu dia a dia. Por isso, ela tomou uma decisão: tirar férias. Vinte dias seguidos. *Trinta é muito!*

Por algum motivo, sua correria diária voltou a não fazer muito sentido. Corre em busca de ser uma profissional cada dia melhor, atrás de uma admiração que até vem, mas não lhe traz tanta emoção quanto achava que sentiria.

Marília tem duas opções: pode esperar que o tempo, novamente, leve embora a sua inquietação ou tomar alguma providência a respeito. Opta pela segunda opção. Vai mesmo tirar férias.

*Mas, para onde ir?* Logo pipocam locais conhecidos. *Nova York seria a melhor opção.* Conhece locais aconchegantes onde pode relaxar, fazer compras, assistir a shows na Broadway e voltar renovada.

— Hum... — Marília diz baixinho, tamborilando na mesa diante de seu cappuccino. — Não, ainda não é isso.

Quando o segundo local ensaia vir à sua cabeça, Melanie chega afobada.

— Desculpe o atraso, mas lá fora está um caos!

Marília se levanta da cadeira e lhe dá um forte abraço.

— Não se preocupe, cheguei há pouco tempo. Época de Natal é assim mesmo. Eu adoro! — diz, excitada como uma criança, arrancando um sorriso de Melanie.

— É impressionante como você gosta de Natal! Acho que nem meus filhos gostam tanto.

Melanie se acomoda e pede um café expresso. Marília se apressa em contar a novidade.

— Férias!

— Fala baixo! — Marília sussurra como se ninguém pudesse ouvir. — Nem eu mesma acredito que vou fazer isso.

— Ter passado dos 30 está te fazendo bem.

— Não estou muito certa disso. Além do mais, não consigo decidir para onde ir. Nova York já está fora! E quando você chegou, Londres estava me cantando — beberica seu cappuccino.

— Escolha algo mais *up!* Praia, sol, gente bonita, algo para relaxar. Tirar férias para ficar um mês em Londres? Por favor! Que tal Ibiza, Maiorca, Côte D'Azur?

— Eu acho impressionante... — Marília reflete, vendo a irmã eufórica.

— O quê?

— Como você consegue ser tão você... — coloca um cotovelo na mesa, apoiando o rosto na

mão. — Mesmo casada, com filhos, dona de casa, você continua alegre e curtindo a vida. Teve sorte de encontrar o marido que tem.

Melanie dá uma gargalhada.

— Sorte, minha irmã? Sorte não existe no casamento, nem na vida. Eu *construí* a vida que queria ter com meu marido. Não por ele, mas porque era a vida que *eu* queria para mim.

Marília lança-lhe um olhar de admiração.

— Mesmo assim, não sei se conseguiria não trabalhar, apenas para ter filhos e ser esposa.

— Esse *apenas* é por sua conta. É que eu não estou na moda.

— Moda?

— É, não está na moda ser mãe. Olham para mim como se eu fosse a pessoa mais à toa deste mundo! Mas não me incomodo. Se eu fosse seguir tudo o que a sociedade tem definido como *in*, eu estaria completamente *out* de mim. Até rimou — brinca.

As duas riem como adolescentes.

— Mas vamos ao que interessa — Melanie ordena. — Não comece a mudar de assunto!

— Não sei se é uma boa ideia tirar essas férias.

— Marília! Eu tenho pouco tempo, vamos resolver logo isso. Sei que você é feliz com a vida que leva. Eu também sou com a minha. Tenho momentos ruins como qualquer pessoa. Tem dias, sim, em que me sinto muito sozinha por não ter amigos de trabalho, e até problemas do trabalho. Em alguns momentos, me sinto defasada na profissão, deprimida, querendo estar no mercado, mas logo me imagino acordando às seis, correndo para deixar os meninos na creche e estar na empresa as oito, almoçando depressa! À noite, pegaria os meninos, chegaria em casa tendo que dar conta de ficar linda para o marido e brincar um pouco com as crianças. À meia-noite lembraria que existo. E ainda teria que mentir dizendo "não vivo sem esta correria". Sei que a vida que levo não é perfeita, mas se eu for buscar a perfeição, vou morrer sem viver.

Marília escuta, apenas.

— Não vai falar nada? Contestar, fazer ironias?

Marília balança a cabeça em negativa.

— Está com febre? Doente? Você sempre rebate!

— Estou tentando mudar diz rapidamente, como se não quisesse ser ouvida.

— Está o quê?

— Estou tentando mudar! Só não sei se terei fôlego suficiente para ir até o fim. Mudanças são sempre tão difíceis! Exigem tanto de nós!

Marília não sabe o que está buscando com esta viagem, sabe apenas que é um primeiro passo para não mais adiar decisões.

— Deixa eu ver o que tem nesta bolsa! — Marília muda de assunto.

— Livros! — Melanie diz, pegando a sacola plástica que está na cadeira ao lado.

— Eu já li este, maravilhoso! — Marília diz, ao ver o *Adeus China! O último bailarino de Mao*.

— Gostou?

— Adorei. Maravilhoso! Talvez eu devesse ir à China...

— China?

— É. Interior da China... Confrontar alguns conceitos.

— Também comprei este aqui — Melanie anuncia, tirando o livro da sacola.

— *Istambul?* — Marília pega o livro da mão da irmã.

— Estou querendo conhecer um pouco mais sobre a Turquia — Melanie justifica. — Uma amiga se separou do marido e resolveu fazer uma viagem solitária. Escolheu a Turquia como destino, aleatoriamente. Voltou fascinada com a beleza de tudo o que viu.

— É isso! Vou para a Turquia! Para a Capadócia! — Marília anuncia, num rompante.

— Capadócia? Mas lá só tem terra! Nada a ver com você, só Deus sabe se tem internet! Não foi lá que filmaram "Guerra nas estrelas"?

— Foi? Mas é para lá que eu vou! Está decidido. Posso ficar com este livro, como presente de Natal?

A irmã levanta os ombros mostrando-se sem opção e puxa o outro livro, discretamente para dentro da sacola, antes que Marília se apodere dele também.

— Tenho que ir embora.

— Eu também já vou indo. Vou fazer minhas compras de Natal.

— Você? Compras de Natal? Não vai comprar pela internet? — Melanie não esconde o espanto.

— Perdoo sua cara de surpresa. Mas, este ano, quero sentir o prazer de escolher o presente para as pessoas que amo. Praticidade nem sempre é sinônimo de qualidade de vida — finaliza, causando um espanto ainda maior à irmã.

Com vontade, mas sem tempo para argumentar, Melanie vai embora cuidar de suas confraternizações natalinas.

\* \* \*

Marília sai andando pela rua, excitada, pensando no que está prestes a fazer. Não só pelo destino de viagem, mas porque será uma grande mudança. Significará não mais adiar planos, não receber o dinheiro extra que ganha quando vende as férias, confrontar o medo de perder o emprego e vários outros, que imagina terem sido inseridos em sua cabeça quando saiu da adolescência, para que trabalho e dinheiro se tornassem as maiores prioridades de sua vida.

Está diante de uma gigantesca livraria. Quer presentear os que ama com algo que possa trazer alguma mudança para suas vidas. *Palavras são eternas.*

As horas passam sem que ela se dê conta. Esforça-se para comprar um exemplar para cada pessoa da sua lista, com uma mensagem direcionada. *Um exercício para enxergar o outro.* Ver além de copiar, colar, clicar, enviar. Assim como a secretária, quer algo que faça a diferença.

Já com a cesta cheia, ela resolve passar na área de turismo para pesquisar mais sobre a Turquia. Até ela mesma se espanta com sua dedicação. Tem medo de que essa coragem passe, e de que a rotina acabe engolindo seus planos.

Com alguns guias nas mãos, senta-se num confortável pufe. As imagens são fascinantes. Marília se entrega.

*Ahahaahhahahaaha.*

O som da gargalhada de um homem e uma mulher a incomodam. Ela tenta ignorar.

*Ahahahaahahahaha.*

Não resiste. Abaixa o livro, levanta o rosto e se prepara para pedir que riam mais baixo, quando...

— Não pode ser!

Rapidamente, tampa o rosto com o livro e planeja uma saída estratégica. Consegue se levantar do pufe sem ser notada. Corre para o caixa, carregando sua pesada cesta de compras, e entra na imensa fila. Pensa em deixar todos os presentes para trás. *Eu sabia que deveria ter comprado pela internet!* Seu coração bate descompassado. Ela não consegue entender porque está tão nervosa, se...

— Próximo! — a atendente chama.

Marília caminha rapidamente.

— Quanto? — pergunta, espantada ao ouvir o valor final.

A atendente repete o valor. Marília acredita que algo tenha sido computado errado, mas logo saca o cartão de crédito e o entrega. Não pode ser vista.

— Está demorando assim porque é Natal. As linhas ficam congestionadas — a senhora justifica, ao perceber que Marília está impaciente, mexendo as pernas num ritmo tão frenético que faz balançar todo o seu corpo. — Três guias da Turquia? — comenta, vendo a cliente olhar para os lados como se fosse uma fugitiva, sem lhe dar atenção.

— Três? — Marília, agora, parece ouvi-la.

— Sim, três.

— Droga!

— Alguma coisa errada?

— Não! Mas é que eu só queria um. Tem como cancelar?

— Tem sim, não demora muito, vou chamar o gerente para estornar a compra.

— Não, não, não. Deixa. Vou levar os três mesmo, está demorando demais!

— Como eu disse, é Natal! Bem-vinda! — a senhora do caixa consegue, finalmente, arrancar um discreto sorriso da cliente. — Pronto! Digite sua senha, por favor, e poderá sair daqui!

— Obrigada — Marília pega as sacolas, olhando ao redor para se certificar de que o caminho está livre.

Suas pernas andam o mais rápido que podem em direção à porta. Ela está cada vez mais próxima, quase lá, vai dar certo, e...

— Marília!

Ela comprime os lábios e continua andando.

— Marília — a voz se aproxima e uma mão pega em seu ombro.

Não tem jeito. Precisa se virar.

— Ei! — força uma cara de surpresa. — Você por aqui!

— Eu que digo! Que surpresa *você* por aqui. Este lugar não é muito a sua cara nesta época do ano!

— Não?

— Pelo menos, não era. Quando estávamos juntos, você preferia comprar presentes de Natal pela internet, lembra?

— Lembro...

— Mas isso não importa! Vem aqui, me dê um abraço!

— É que eu tenho muitas sacolas nas mãos e...

Mas o homem que causa tanta confusão de sentimentos em Marília ignora as sacolas e lhe dá um apertado e acolhedor abraço. Ela tenta manter distância, se não física, ao menos mental, mas não consegue. Não entende por que aquele olhar ainda lhe parece tão lindo e atraente.

Paolo tinha sido sua maior paixão, mas o amor não resistira a desejos tão diferentes. Ele queria uma família. Marília estava casada com o trabalho e flertando com o sucesso. Paolo também era ambicioso, queria ser diretor da empresa, mas estava disposto a tentar conciliar isso com a vida de casal e seus desejos mais loucos. Já Marília não enxergava outra forma de vida. Precisava daquela correria, dos eletrônicos, de um consumo sempre imprescindível e de trabalho, muito trabalho para ser finalizado em casa.

Um dia, Paolo se cansou de mais uma noite em casa sozinho, porque Marília estava trabalhando até mais tarde. Foi a uma boate com os amigos e só chegou em casa de manhã, quando Marília já se aprontava para sair. Sem rodeios, ele anunciou o fim.

— E então — Marília afasta o corpo. — Há quanto tempo não nos vemos? — ela abaixa a cabeça, tentando segurar uma sensação tão boa que lhe causa calafrios. — Você está...?

— Sim! Noivo! — Paolo levanta a mão direita, mostrando a aliança com orgulho. — Fui obrigado! — diz, fazendo Marília estremecer.

Estão separados há seis meses, mas só agora ela parece entender que ele realmente saíra de sua vida. Até aqui, em seu coração, era como se estivessem dando um tempo, até ela *ter tempo* para se dedicar a um relacionamento mais sério.

— Mas foi tudo tão rápido! Por quê?

— Rápido?

— É, o noivado... Na verdade, esqueça! Não me deve satisfações! Que comentário o meu! O que você está fazendo aqui? — tenta se salvar.

— Compras de Natal. Estou esperando a minha namorada passar nossas compras no caixa.

— Namorada ou noiva? — Marília devolve, sustentando um ilusório fio de esperança.

Paolo dá uma risada sem graça. Talvez as esperanças de Marília não sejam tão falsas assim.

— Na verdade, essa aliança é só uma brincadeira que fizemos. Passamos numa joalheria, achamos bonito e compramos. É de platina — ele estende a mão para que ela confira. — Na verdade nem é de noivado, é apenas de compromisso.

As esperanças de Marília ganham força e um sorriso se instala em seu rosto, apesar de ser obrigada a admitir que Paolo parece mais feliz e até mais leve do que quando estavam juntos.

— Bom, agora eu tenho que ir, de verdade — ela se despede com um beijo no rosto do ex. Ele retribui com mais um forte abraço. Desta vez ela não tenta fugir, apenas sente o calor de seu corpo reacender antigos sentimentos.

\* \* \*

Enquanto caminha lentamente até a estação de metrô, Marília tenta equilibrar-se em um corpo desestabilizado. Ainda sente algo pelo ex, ou está apenas sensível, por causa de seu desejo de mudança?

Marília está tentando evitar o carro, uma maneira de praticar a tal simplicidade voluntária, ver pessoas diferentes, ouvir histórias, fazer o percurso até o trabalho na companhia de um bom livro. *Mudar hábitos, ganhar em troca: vida. Seu novo mantra.*

O barulho do metrô se aproximando faz com que se prepare para encarar o vagão que virá, provavelmente bastante cheio. Ela decide colocar uma sacola dentro da outra tentando diminuir o volume, quando...

— Não pode ser! O que eles estão fazendo aqui? — se desespera ao ver o feliz casal

descendo a escada rolante, apressado, para pegar o trem que acaba de abrir as portas.

Paolo e sua noiva, ou seja lá que título tenha, se aproximam. A pele dela tem a cor do sol, seu longo cabelo castanho charmosamente iluminado com luzes em tom de mel nas pontas. Seu sorriso é uma pintura. *Corra!* Marília se desespera. O plano é entrar no último vagão do trem. Não quer ser vista, mesmo sabendo que está tão branca que até poderia se passar por invisível. Quando soa o alerta de que as portas serão fechadas, ela pula dentro do vagão mais próximo. Espremida entre os outros passageiros, respira aliviada por ter escapado do casal, mas seu coração, não. Ele a presenteia com a expectativa gostosa dos apaixonados.

*E agora?*

## Natal

---

— Marília! — um coro é entoado quando a veem entrar pela porta.

— Olá a todos! Desculpem o atraso! — ela joga sua bolsa no aparador ao lado da porta.

É 24 de dezembro à noite. A família de Marília está reunida na casa de sua mãe, como faz todos os anos. Ela cumprimenta a todos calmamente e, só então, caminha até Melanie, que está sentada num canto da sala dando comida ao filho mais novo.

— Veio direto do banco?

— Pois é. Todo ano eu digo que vou conseguir vir ajudar na preparação, relaxar um pouco... Mas acabo só chegando neste horário. Este é o único dia do ano em que Marília odeia seu trabalho. Ama muito todo esse clima, os primos todos juntos, a falação, os *updates* da vida de cada um, ver suas caras e não apenas recados de e-mail ou imagens de *webcam*.

O cheiro da comida vindo da cozinha, da família, da bagunça e da avó, fazem com que ela se pergunte como pode passar o ano todo longe dessas pessoas. *Mas estamos sempre em contato...* Reflete. No entanto, outro pensamento contesta rapidamente: *Por e-mail? Quando muito, um telefonema no aniversário?* Logo pensa em justificar-se com a "correria do dia-a-dia", mas desiste. Seria apenas mais uma frase feita. Não só os livros de autoajuda são feitos delas, as desculpas também.

— Sabe quem eu encontrei na livraria naquele dia, depois que saímos do café? O Paolo.

— O Paolo! E como ele está? — Melanie pergunta, empolgada, sem esconder o carinho pelo ex-cunhado.

Marília aproveita o interesse da irmã e sua própria vontade de contar.

— Que bom que ele encontrou uma pessoa que o faz feliz!

— Mas eu tenho pena dela!

— Pena? Por quê?

— Porque ele vai traí-la.

— Como você sabe?

— Sabendo. Vi o jeito que ele me olhava, deu pra ver que ainda sente alguma coisa por mim. E ainda me ligou esta manhã.

— E aí...?

— E aí que é isso. Queria me desejar Feliz Natal.

— E...?

— Como "e", Melanie?

— Vocês não terminaram o relacionamento brigados. Não vejo nada de mais em um telefonema de Feliz Natal.

— Se seu marido ligar para uma ex para dar Feliz Natal, você não vai ter medo de ser traída?

— Faça-me o favor, Marília! Você realmente pegou muitas mágoas da mamãe. O papai agiu

muito errado com ela, mas o trabalho não é a grande fórmula da felicidade como ela quis enfiar em nossa cabeça! Você devia montar um santuário para a sua carreira.

— Talvez!

— Marília, existem várias formas de traição. Inclusive no trabalho! Já lhe contei isso várias vezes. Aconteceu da forma mais cruel. Eu tinha um projeto sendo desenvolvido, me empenhei muito! Só que, no fim, quem ficou com todos os aplausos foi o meu chefe. Não me promoveu como combinado e ainda deu o cargo a um protegido dele.

— Está vendo como a traição destrói?

— Não foi por causa disso que saí da empresa! Você sabe disso! Só perdi aquela gana de ter que me destacar, de colocar tudo de lado na minha vida para conseguir brilhar em um emprego. Queremos tanto ser reconhecidas, quando o salário é o próprio reconhecimento. Damos nosso tempo e o chefe nos dá dinheiro. Está me escutando?

— Estou, sim! É que nunca tinha visto a relação de trabalho desta forma. Uma simples troca de tempo de vida por dinheiro.

Marília sente falta do romantismo das carreiras fantásticas.

— O falso *glamour* da carreira foi criado para nos fazer trabalhar mais e mais. Seja um pedreiro ou um executivo, todos nós trocamos tempo de vida por dinheiro. Mas chega dessa conversa, ao menos no Natal temos que esquecer nossas diferenças.

— É...

\* \* \*

A hora dos presentes é uma confusão na casa da família de Marília. E ela adora! Tanta gente, os abraços, os "Obrigada, adorei!". Marília se emociona ao ver a agitação, os costumes, a oração antes da ceia, o carinho das pessoas. *Por que nem todo dia pode ser Natal?*

— Toma! Este é o seu! Melanie diz, excitada, entregando o presente a Marília.

— O que é?

— Abre!

— *Simplicidade Voluntária?* Aquele livro que você me indicou! — Marília se joga nos braços da irmã.

— Vai ajudar você a entender um pouco melhor o vazio que toda essa agitação do dia-a-dia está trazendo para sua vida.

Marília agradece, mesmo sabendo que não irá ler.

— Li uma vez uma entrevista de uma atriz famosa, em que ela contava que, depois do nascimento da sua filha, todos os dias pareciam Natal. Eu queria encontrar um motivo para que todos os meus dias fossem tão excitantes quanto este.

Melanie sorri por perceber que por trás da executiva durona, tem uma mulher em busca de amor.

— Eu queria que a vida fosse um eterno Natal.

Melanie abraça a irmã novamente.

— Basta buscar. Tenho certeza de que você vai achar o seu caminho para que todos os dias tenham o gostinho do Natal.

\* \* \*

*Trimmmm.*

O telefone da casa da mãe de Marília toca. Ela atende.

— *Jingle bells, jingle bells.* Feliz Natal! — a amiga Rachel diz do outro lado da linha, animada. — Cadê você? Seu celular chama e ninguém atende!

— É Natal!

— Não me importo. Já está pronta?

— Estou desanimada...

— Problema seu! Já estou dentro do carro.

— Mas...

— Eu preciso ir a essa festa! Nós duas precisamos. Você também anda precisando sair. Não vai me deixar sozinha nessa, vai?

*Deveria...*

— Fico pronta em quinze minutos.

— Ótimo! O motorista do meu pai vai nos deixar lá. Nem pense em desistir! Estamos a caminho.

\* \* \*

Marília se despede dos poucos parentes ainda presentes. Já passa da meia-noite. Avisa à mãe que volta no dia seguinte para pegar o carro na garagem.

— Que cara é essa? — a amiga pergunta, quando Marília entra no carro.

— O que você bebeu? — Marília pergunta, estranhando tamanha animação.

— Nada! Mas vou beber! E muito! — Rachel grita.

— Por que você está tão animada? É só uma festa. Vamos a esse encontro todos os anos. As mesmas pessoas, os mesmos assuntos.

— Essa festa promete!

— Algo me diz para não ir.

— Que besteira! E desde quando nós acreditamos em "algo" ou em sinais? Se fosse sua irmã Melanie, iria dizer que é um sexto sentido — a amiga dá uma gargalhada.

Marília não responde. Rachel está certa. *Pode ser uma crise dos 30, com dois anos de atraso.* Até pouco tempo atrás, já teria vestido a fantasia de felicidade, de alegria, de leve e livre, mesmo que por dentro não se sentisse assim. Mas agora há uma insegurança estranha. Não sabe se o fato de ser bem sucedida a ajudará a competir com a beleza das meninas na casa dos vinte e poucos.

— Marília, se continuar com essa cara, vou te colocar para fora do carro! Toma! — Rachel estende a mão.

— O que é isso?

— Seu presente de Natal. Uma garrafa de Chandon.

Marília enfim sorri.

— Uma garrafa inteira, só para mim?

— Só para você! Sorria!

— Vamos curtir a noite! — ela se rende.

— É assim que se fala! É Natal! — a amiga se levanta, colocando parte do corpo para fora do carro através do teto solar.

Marília decide curtir. *Não será nem hoje nem aqui que resolverei os meus problemas.*

\* \* \*

Ao ouvir a música, Marília não resiste. Seu corpo parece querer dançar sozinho. A badalada festa de Natal, na mansão de um amigo de infância, acontece todos os anos e é imperdível, mesmo em tempos de crise de identidade.

Enquanto se joga na pista de dança, sente algo como... *Liberdade*.

— Você! Aqui? — alguém diz, chegando por trás de Marília e interrompendo seu breve momento de plenitude.

Ela gira o corpo.

— Você?

Não sabe como reagir. É Paolo, bem na sua frente.

— Me dê um abraço! — ele a toma em seus braços.

Marília já está tonta o suficiente para retribuir e passar dos limites.

— Por que a surpresa em me ver? Venho aqui todos os anos! — Paolo questiona, com seu olhar tão sedutor que chega a assustar.

— Cadê a sua namorada?

— Por que quer saber dela?

— Não quero saber dela. Quero saber de você.

— Ela não veio — Paolo responde, entrando no perigoso jogo. — Viajou com a família para a Itália. Eles são de lá.

— E você, não foi convidado?

— Estou aqui, não estou? — Paolo questiona, arrancando um sorriso insinuante de Marília.

— Eu tenho que trabalhar. Vivo no meio dos ricos, mas trabalho como o proletariado. Você é empregada, sabe como é ter patrão — ele completa, lhe arrancando um novo sorriso, meio insosso desta vez.

— E sua namorada, não tem patrão?

— Não. Tem várias lojas de roupas. Trabalha muito, mas faz seu próprio horário. Como eu queria esta vida! É bom, porque não precisamos combinar as férias. Sempre que eu posso, ela pode. Entende o que quero dizer?

— Perfeitamente — Marília se mostra insatisfeita com o rumo da conversa.

— Desculpe. Eu aqui falando de outra pessoa e... Quer ir ao bar? Aqui está muito barulhento.

— Pode ser — Marília concorda, desanimada com o discurso sobre a namorada. *Ele está apaixonado*.

\* \* \*

— Bem melhor aqui! — Paolo comenta, ajeitando-se num banco alto diante do balcão do bar.

Marília não quer mais perder tempo com conversas sem rumo. *Já que estou aqui vou à luta!* Olha fixamente para Paolo, quase o obrigando a cruzar seu olhar com o dela. Sem medo do que pode acontecer, ela se mostra sexy e se entrega a um sentimento saudosista. Sente falta dos braços de Paolo, de seu cheiro, de suas mãos, do seu olhar a admirando enquanto ela trocava de roupa.

Mas ele não parece estar na mesma sintonia. Sem grande esforço, consegue fugir das insinuações de Marília e começa a falar de suas experiências nos últimos meses. Contrariada, ela senta no banco ao seu lado para ouvir. Apenas ouvir.

*Quanta coisa ele fez em seis meses!*

Marília tem poucas novidades. Na verdade, nada que valha muito a pena. Enquanto tenta revirar seu baú de atividades para trazer algo novo e impressionar o ex, e a si mesma, ela percebe que não tem mesmo muito a dizer, a não ser sobre novidades tecnológicas, compras e muito trabalho. Sente-se vazia. Não tem vivido nenhuma aventura, não anda fazendo nenhuma caridade.

As novas experiências de Paolo ocupam quase uma hora. Marília não consegue deixar de pensar que a vida dele parece bem mais agitada e animada, nos últimos seis meses, bem longe dela.

Com tão pouco a oferecer e já farta da interessante vida do ex, decide que é hora de partir.

— Vou voltar para a pista — anuncia, se levantando do banco alto.

— Estou falando demais, não é mesmo?

— Não é isso — Marília pega seu drinque no balcão e bebe pelo canudo.

— É que...

Um novo vento sopra e a vida mostra que, a cada segundo, tudo pode mudar.

— Você está mais bonita — Paolo surpreende.

Ela não responde, mas intensifica o olhar de sedução. É a sua chance, mesmo sem saber por que quer esta oportunidade.

Em um movimento lento e arriscado, Paolo tira o copo de sua mão e o coloca no balcão. Mesmo tonta, Marília fixa seus olhos nos dele. Ele entra no clima e a puxa pela cintura. Seus rostos se aproximam, suas bocas se encontram e, a intensidade do beijo, mostra que ele também sentiu saudades.

— Não é certo o que estamos fazendo. Acho melhor a gente parar por aqui.

*Como assim, parar? Está rolando uma química! Continue me beijando!*

Marília se lembra de ter sido muito pouco determinada quando terminaram. Deixou que ele fosse embora de sua vida como se o relacionamento fosse algo secundário. Mas agora é diferente. Não quer o divórcio de seu marido oficial, o trabalho, mas estão repensando a relação. Há um espaço para Paolo.

Ajudada pela bebida em excesso, Marília toma coragem. Encaixa seu corpo no meio das pernas do ex e se oferece, sem pudor.

— Por que parar? — ela provoca.

— O que está acontecendo, Marília? Estamos indo longe demais...

O novo beijo acontece. É como se o tempo não tivesse passado. Paolo não resiste aos encantos daquela que ainda parece ter espaço em seu coração.

\* \* \*

Marília abre os olhos e se sente voltando no tempo. Está no apartamento de Paolo. Ainda sonolenta, abre um sorriso, sabia que esse dia chegaria, e agora está preparada para viver seu amor com intensidade. Ela se prepara para se levantar da cama e ir até a sala. Quer ficar perto de Paolo. *Para sempre.*

— Não! Por favor! — uma voz chorosa, surpreende Marília, antes que possa colocar os pés

no chão.

Ela caminha até a porta do quarto com passo leves, sua cabeça dói. Fica quieta, tentando entender o que está acontecendo. Logo percebe que Paolo está conversando com a namorada ao telefone. *Melhor não ir até a sala.* Ele repete sem parar a palavra: amor.

— Tudo bem... A gente se fala depois... Eu entendo...

Ao perceber que Paolo está vindo para o quarto, Marília volta correndo para perto da cama. Pega suas peças de roupa espalhadas pelo chão. Quando ele entra, ela já está vestida.

— Oi — ele diz, ao vê-la.

Seu rosto está inchado. Parece ter chorado bastante. A namorada já saberia da reaproximação dos dois? Marília já imaginava que seria difícil para ela perdê-lo para uma ex. Só não entende por que Paolo chorou tanto ao telefone. *Mas isso não é importante.* A noite foi intensa e ela agora é uma pessoa diferente, pronta para dar e receber todo o amor que um relacionamento exige. *Agora tudo vai ser diferente.*

Marília se aproxima de Paolo e fica parada diante dele, com os sapatos nas mãos.

— Sinto muito que tenha terminado assim...

— Do que você está falando?

— Términos são sempre difíceis.

— Mas não terminamos!

— Não? — Marília deixa cair um dos sapatos.

O quarto começa a ficar pequeno.

— Mas... E... Nós dois...

— Nós dois? E você sabe o que é isso? "Nós dois" não existia nem quando morávamos juntos.

— Eu não entendo... A noite foi tão... É melhor eu ir embora.

Paolo balança a cabeça, mostrando que concorda. Ela dá alguns passos e para. *Esta é a hora em que você me pede para ficar!* Ele não deveria concordar com sua partida. Deveria pedir que ela não fosse, ao menos em nome dos velhos tempos! *Eu senti algo a noite passada! Estou mudada!*

Marília sempre teve as respostas na ponta da língua, mas sabe que o melhor a ser feito agora é sair do apartamento em silêncio.

— Como ela soube do que aconteceu? — não resiste.

— Eu contei. Fiz questão que ela soubesse por mim.

Marília comprime os lábios o mais forte que pode. *Por que ele contou para ela? Por que chorou por ela?*

— Depois dessa noite, percebi o quanto gosto dela. Você não percebe o quanto estou melhor? Mais feliz? Você não se dá conta, mas nem tem repertório para conversar. É só trabalho, seu chefe, tecnologia ou suas amigas, que pouco consegue encontrar. Não tem histórias legais de loucuras, sonhos sendo realizados, planos ousados, vontade de cruzar a cidade só para tomar um sorvete. Você é só mais uma formiga no meio da multidão que só vive da casa para o trabalho e do trabalho para casa. Que não ousa ser o que realmente quer. Sinceramente, não estou nem aí para o novo *hit* do YouTube! Que se danem todos os idiotas que expõem suas vidas lá!

Marília se sente diminuir. Está no chão, como um balão de aniversário furado que um dia já brilhou, cheio de gás.

— Eu não sou assim...

— Não? Quantas viagens você tem feito? Quanto amor tem dado, e quanto tem recebido? Você finge que vive e a vida finge que lhe é interessante. Se ainda estivesse com você, eu estaria vivendo a sua promessa do "um dia".

— Que "um dia"?

— Um dia vamos viajar, um dia você vai comprar menos eletrônicos e coisas supérfluas, vai poder trabalhar menos, para viver mais. Agora não... É uma vida tão diferente sem você.

Mesmo magoada, Marília entende o que Paolo quer dizer. Ele parece ter tantas histórias para contar, enquanto seu repertório está, realmente, um tanto... *Limitado. Eu devia ter falado sobre as histórias que ouço no metrô!* Reflete, de maneira infantil.

Paolo tem raiva nos olhos.

— Estou indo encontrá-la hoje! Meu voo sai às cinco da tarde.

— Você está indo para a Itália?

— Para o *interior* da Itália.

— Você acaba de contar que a traiu e vai fazer uma loucura dessas? E seu trabalho? Que irresponsabilidade!

Paolo olha para Marília, agora com repugnância.

— Impressionante... — avalia. — Você é uma boa pessoa, mas agora me lembro *exatamente* por que nosso relacionamento terminou. Você é limitada. Um robzinho.

— Eu? Um robô? Deixe de ser ridículo!

— É sim, Marília — ele mostra uma certeza irritante. — Mal sabe falar sobre uma exposição, um livro, algo que não seja relacionado ao trabalho ou ao seu mestrado. Disse que acha um absurdo o seu chefe ter lhe sugerido que analise planilhas no celular na hora do almoço, mas entrou no jogo direitinho. Porque não assiste TV enquanto almoça? — debocha. — A tecnologia do seu celular já permite isso, não sabia?

Se antes Marília se sentia como um balão murcho no chão, agora, é como se todos da festa tivessem resolvido passar por cima. Tudo o que acreditava que a faria ser admirada está sendo usado contra ela. Sabe que, realmente, não tem tantas histórias interessantes para contar. *Mas a vida é muito difícil, não tem sobrado tempo para outras atividades! A vida está corrida! Sabe quantos querem ocupar minha vaga?*

Está levando uma surra moral. Logo de um cara que, diferente dela, não nasceu em berço esplêndido, mas tem muito menos medo de ficar para trás do que ela que sabe que mesmo se perder o emprego, não passará tantas dificuldades.

— Eu achei que a gente...

Paolo dá um suspiro de tédio antes que ela possa terminar a frase.

— Vai mesmo atrás dela? — insiste, se humilhando.

— Sim. Vou atrás dela! E, se perder o emprego, ainda sou capaz de pegar toda a minha poupança e viajar mais um pouco! Talvez a peça em casamento. Talvez me case com ela lá mesmo! Tudo para estar ao lado de uma pessoa que, quando acorda, olha para mim e não para o celular. Que não enlouquece quando esquece o telefone em casa. Uma pessoa que, aos domingos, sai comigo na rua sem rumo. Que almoça sem precisar analisar tabelas, nem fica vendo TV na nossa cama, e sim, curtindo o nosso momento juntos!

É o ápice da humilhação. São verdades que só podem ser ditas por quem a conhece muito bem.

— Melhor eu ir embora... — diz, enxugando uma lágrima fujona. — Mas, só para você saber, eu mudei. Estou indo para a Capadócia.

Paolo solta uma gargalhada maldosa, mostrando toda a sua incredulidade.

— Vai mesmo? Só você acredita nisso! Mas, se for, bom para você! Vi uma pesquisa dizendo que o maior medo das pessoas, hoje em dia, é perder o emprego. Eu te entendo. Só que o meu maior medo é perder a minha vida. Não perdê-la porque morri, mas porque a deixei passar, por não estar lá para vivê-la. Era o que acontecia quando eu estava ao seu lado, sempre esperando "o dia" chegar. Meu trabalho é muito importante, mas eu sou muito mais. A mulher que eu amo é muito mais. Você respira, mas já está morta.

Marília abaixa a cabeça. As lágrimas teimam em querer escapar, mas ela não é mulher de chorar. Caminha até a porta da sala e vira-se para trás. Ainda pode ver Paolo. Olha-o mais uma vez. A última vez.

\* \* \*

Marília dá o endereço de Melanie ao taxista. Quer chorar e se derreter em lágrimas, mas logo recobra seu eixo. *Chorar nunca levou ninguém a lugar algum.*

Friamente, pega seu celular na bolsa. Precisa desabafar. Está descarregado. Não tem como avisar à irmã que está chegando em sua casa. E o pior acontece. Dá com a cara na porta. Toma outro táxi até a casa da mãe. Ninguém. Sente-se sozinha. Todos têm compromissos em 25 de dezembro.

Sem Paolo, sem a mãe, sem a irmã. Incomunicável. Só lhe resta a solidão de sua própria casa. *Desabafe com as planilhas. Ligue para o seu chefe.* Provoca a si mesma.

Vai direto para o banho. Depois, se entrega a duas canecas de café, sentada em frente à televisão com o *laptop* no colo. Terá uma overdose de internet e tecnologia. Mas a tela do computador parece lhe cegar a vista. Coloca o *laptop* de lado e foca na TV. Nada mais faz sentido. Acabou de ser humilhada por um homem que está indo para a Itália em busca de sua amada. Foi dispensada exatamente por causa daquilo que sempre achou que a tornaria atraente: sua correria profissional, seus aparelhos de última geração, seu carro do ano e sua total falta de tempo.

Não pode mais evitar que as lágrimas escorram de seus olhos. Eles transbordam, sem controle. Queria ter a coragem de fazer a mesma loucura que Paolo. *Loucura? O que há de louco na atitude dele? Só por que ficará uma semana longe do trabalho? É um ótimo funcionário. Loucura talvez seja a minha insegurança de me afastar do emprego, mesmo com férias programadas!* É como se um portal se abrisse diante de Marília. *Trabalho como uma escrava, enquanto os donos do banco curtem suas vidas, de pernas para o ar, em alguma ilha de sol quentinho.*

— Isso sim é loucura! — exclama como se recebesse uma iluminação.

*Como ter medo de aproveitar o que eu fiz por merecer?* Um sentimento diferente a invade. Agora, tem certeza: deve ir para a Capadócia. Ainda sente culpa e medo, mas, pela primeira vez, enxerga que a insegurança pode até não ir embora em momento algum, mas ignorá-la é uma saída.

*E se quando eu voltar alguém estiver ocupando o meu lugar? Tem uma recaída. Que se dane. Tem alguém vivendo a minha vida aqui fora, no mundo, e não estou gostando nada disso.*

## A vida não faz acordos

---

O Ano Novo bate à porta, e em alguns dias dominará o calendário. A conversa com Paolo fez efeito: Marília curtirá sol, praia e um fim de semana, na medida de suas novas decisões. Ficarà o dia inteiro de biquíni e mostrará o que as raras corridas e as poucas sessões de drenagem estão fazendo pelo seu bumbum. As celulites já perderam algum espaço.

— Você já se recuperou do que aconteceu com o Paolo?

— Ainda dói — Marília conversa com Melanie ao telefone, no fim do dia. — Mas tenho que entender que o perdi. De alguma maneira, ele tem razão.

— Fico feliz em te ouvir falar assim. Agora preciso desligar, meu voo sai daqui a pouco. Ainda tenho que deixar as crianças na casa da minha sogra. Liguei só para te dar um tchauzinho, nos vemos na praia.

— Só posso ir amanhã, dia 31, mas pelo menos vou poder ficar até o dia 3!

\* \* \*

Marília acorda animada. Apenas mais um dia de trabalho a separa da praia, do sol, da família dos amigos e de alguns assustadores dias de folga. Os tais dias em que começaria a aproveitar a vida, chegaram.

Ela chega mais cedo ao banco para compensar os dias de ausência.

Após o almoço, começa a se preparar para sair. Não quer perder seu voo, às quatro da tarde. O plano é simples: passar em casa, trocar de roupa e pegar um táxi até o aeroporto. Não embarcaria fantasiada de executiva. Quer ter cara de turista.

— Tchau — ela abre a porta da sala do chefe, mostrando apenas a cabeça.

— Já vai? — ele pergunta, levantando o dedo indicador, pedindo que ela aguarde um minuto, enquanto termina a ligação.

Marília entra na sala e espera. Após alguns instantes, ele desliga.

— Isso está uma loucura, todo mundo resolveu ter problemas no Ano Novo!

— E quando isto aqui não está uma loucura?

O chefe dá um sorriso concordando, mas essa verdade não o afeta. É normal, resultado do sucesso da empresa.

— Passei aqui para desejar feliz Ano Novo. Já estou de saída.

— Vá e aproveite por mim. Tem tantos anos que não tiro férias.

— Verdade?

— Sim, mas isso não acontece do dia para a noite. Você não entra numa empresa e planeja: vou ficar sem férias! A gente diz que vai ser só naquele ano, depois no outro, no outro e, quando acorda, está como eu, há sete anos sem descanso. Mas, também, com dois filhos na faculdade e quatro carros para sustentar!

— E por que cada um tem que ter um carro? O seu fica parado aqui o dia todo. Seus filhos podem revezar — Marília se intromete no que não é de sua conta.

— Não tenho mais como sair dessa teia que criei para mim. Sorte a sua, ainda não ter uma família.

O semblante de Marília mostra desconforto. Tem certeza de que o problema não é a família do chefe, mas a postura que adotara. Ele olha para ela com um ar tão invejoso, que ela não entende se é por não ter uma família, por estar tirando uns dias de folga ou se pelas duas coisas.

— Agora vou mesmo!

O chefe deseja Feliz Ano Novo e seus olhos a seguem, até que ela saia pela porta.

*Paaaaaaa!!!*

Marília está no chão. Uma queda sem explicação, boba, besta, como aqueles mínimos instantes que mudam todos os planos tão bem elaborados. O salto de seu sapato ficou preso em um mínimo pedaço de carpete solto. Caída no chão, ela olha para cima, está rodeada de pessoas que não estavam em seus planos de viagem.

— Eu estou bem — ela diz, sendo apoiada por um colega de trabalho que a ajuda a se levantar.

*Eu não estou bem!* Percebe, ao tentar colocar o pé direito no chão. Sente muita dor. *Vai passar.* Mas não passa. Não consegue caminhar. Não resta outra alternativa, senão ser levada para o hospital.

Em vinte minutos, está dando entrada no pronto-socorro. Em mais quinze, está entrando na sala do médico, pulando em uma perna só, apoiada pelo chefe, que fez questão de acompanhá-la.

— Então, o que aconteceu com esta perna? — o médico pergunta, simpático, enquanto ela se ajeita na cadeira.

Marília começa a explicar o que aconteceu e...

— Só um minutinho, por favor — o médico a interrompe, diante do toque do celular. — Não, não posso falar agora, querida, meu plantão acaba às sete da noite. Sim, te ligo daqui a pouco. Para você também.

O médico desliga e se desculpa. Pede que Marília continue. Ela recomeça a falar quando...

— Só um segundo — ele atende o telefone novamente. — Sim, pode tomar aquele remédio que te passei. Está na receita que dei para a senhora. Isso, exatamente. Disponha.

Ele pede desculpas mais uma vez.

— Uma paciente que operei ontem. Mas continue, por favor.

— Doutor, eu gostaria de pedir que o senhor não atendesse o celular durante a consulta. Ao menos, durante a minha. Estou sentindo dor! Desculpe, mas não há ligação tão importante que não possa esperar até o intervalo entre uma consulta e outra.

O chefe a olha como se ela tivesse acabado de matar alguém.

— A senhora me desculpe, mas sou médico — o homem barrigudo e careca devolve. — Não posso desligar meu celular!

— O senhor está aqui de plantão. Se fosse uma emergência, o chamariam — Marília argumenta, deixando seu chefe cada vez mais surpreso. — Não é nada contra o senhor, mas gostaria de ter sua inteira atenção. O telefonema da sua esposa não era uma urgência.

— Nenhum paciente nunca se incomodou — ele tenta justificar.

— Será?

— Não é de sua conta — a simpatia inicial dá lugar ao profissionalismo. — Diga em que posso lhe ajudar e vamos acabar logo com isso, porque tem muita gente aí fora para ser atendida. Isso aqui é um pronto-socorro!

Marília ignora a rispidez. Conta como tudo aconteceu e é enviada para a sala de raio X, onde descobre que terá que imobilizar a perna.

— Ah! Não! Gesso, não! Como vou trabalhar?

— Vou lhe dar uma licença. São apenas quinze dias. Espero que não tenha planos muito ousados para o Ano Novo.

*O Ano Novo!*

\* \* \*

— É aqui — o médico diz, ao chegarem à sala onde a perna de Marília será engessada. — Boa sorte. Tenho que atender outros pacientes.

— Obrigada.

— Marília, o que foi aquele comentário? — o chefe questiona, assim que o médico cruza a porta. — Hoje em dia todo mundo atende o celular em qualquer lugar.

— Não comigo. Estou cansada de ir a médicos e eles pedirem um minutinho. Uma vez, um chegou a comentar: "olha só, meu filho está aqui no *messenger* me pedindo um computador só para ele." Em que mundo nós estamos? Estou lá porque tenho um problema sério e a pessoa fica no *messenger* com o filho, no meio da minha consulta? — Marília se revolta. — Tem limite! Em outra ocasião, um ginecologista me pediu um minutinho para atender o celular. Fiquei muito constrangida.

— Mas eles precisam estar sempre disponíveis. Não tem como não atender.

— Tem sim! Depois de ter ido àquele ginecologista louco, fui a outro onde a secretária foi logo me pedindo para colocar o telefone no "vibra" ou desligá-lo, porque o doutor não atendia telefone durante as consultas, nem gostava que os pacientes o fizessem. Foi a melhor consulta da minha vida! A secretária me disse que o celular dele ficava com ela e, no caso de alguma emergência, ela avisava. Isso é respeito!

O chefe faz uma cara de inveja.

— Eu queria ser mulher para me consultar com ele — brinca.

— Pronto — o enfermeiro diz, terminando de enfaixar o pé de Marília. — Já está imobilizado. A senhora pode ir.

Ela olha para o relógio. Uma hora a separa de seu voo. *Adeus, viagem!* Agora, só quer ir para casa.

\* \* \*

O chefe faz questão de levá-la em casa e promete arrumar alguém para buscar seu carro na empresa.

— Sobre aquela história de médicos e celulares... — ele a surpreende, enquanto dirige.

— Sim..

— Homens vão ao urologista, você sabe.

— Sei.

— E precisamos fazer aquele exame de...

Marília faz que sim com a cabeça, poupando-o de dar mais detalhes sobre o exame de toque.

— Demorei muito a criar coragem para procurar um médico. Quando cheguei lá, ele me pareceu muito simpático e paciente. Consegui relaxar um pouco. Mas, de repente, o celular dele tocou e mudou tudo. Fiquei tenso, constrangido, nervoso. Alguém do outro lado saberia que eu ia... Aquele telefonema não poderia ter sido mais fora de hora!

— Quebrou o clima — Marília solta, fazendo seu chefe rir, sem graça. — Desculpe.

— Não precisa se desculpar. É engraçado mesmo. Ninguém vai ao médico por esporte. Queremos ser enxergados, que esqueçam o mundo e se concentrem na gente. Gostei do que você fez.

— Mas não se esqueça de desligar o seu também — ela adverte. — Senão a reclamação não funciona! — brinca.

O chefe ajuda Marília a se instalar em casa.

— Tem certeza de que vai ficar bem?

— Tenho. Logo, logo, alguém vem me fazer companhia.

— Então já vou indo — ele se despede.

Pela primeira vez, Marília enxerga que por trás daquela máquina de trabalhar com medo de perder o emprego, como se fosse perder a vida, seu chefe é um ser humano com prioridades distorcidas e planos adiados, ano após ano, década após década. Desculpa após desculpa.

Já passa das quatro da tarde quando Marília põe os pés para cima no sofá da sala. Só então, percebe que seus planos foram estupidamente interrompidos. *Foi praga do Paolo!* Não consegue entender. Sente-se traída. Tinha se preparado por anos para o dia em que teria tempo livre.

— Não é justo! — dialoga com a perna engessada.

Sem receber resposta, estende o braço para pegar o telefone.

— Marília? Onde você está? Não deveria estar nas nuvens? Que horas são? Cinco da tarde! Seu voo está atrasado?

— Calma! Não é nada disso, eu não vou mais.

Ela faz um resumo dos últimos acontecimentos. Melanie lamenta, tenta pensar em pessoas próximas que possam lhe fazer companhia, mas nenhuma parece agradar à irmã, que decide passar o Ano Novo ali mesmo, sozinha.

— Logo agora! Decidi que começaria o ano com o pé direito e estou começando, com o pé direito engessado! Isso não é justo! Logo agora, que acordei para a vida que estava perdendo?

— Marília, a vida nem sempre obedece os nossos planos. Não espera a hora em que dizemos: pronto, agora vou te aproveitar. Talvez, agora, você aprenda: a vida não faz acordos.

Marília fica em silêncio. Mulheres fortes não choram, nem lamentam, resolvem os problemas. Mas ela, ultimamente, tem sido fraca. Melanie parece nem se incomodar com sua revolta.

— Não foi por falta de aviso. Aproveite que é apenas uma perna quebrada. Muitas pessoas esperam que alguém morra ou que algo muito ruim lhes aconteça para olharem para a vida e ver que estão adiando sonhos, como se fossem donos do futuro. Somos donos apenas do

segundo que estamos vivendo, minha irmã.

Marília ouve atenta, mas não aceita. Havia feito um acordo com a vida.

— Não conta nada para a mamãe. Ela está tão feliz com o novo amor... Pedimos tanto que arrumasse um namorado!

Marília se surpreende com a frieza de Melanie, mas não contesta. A mãe está em Paris. Reencontrou um grande amor do passado, que agora está viúvo. Como celebração do reencontro, ele a presenteou com uma semana em Paris e outra em Veneza. Queria que fosse o passeio mais romântico da vida dela.

— Não contarei.

— Ótimo.

Melanie se despede, dizendo que tudo ficará bem e sugere que Marília vá para a casa de sua sogra, onde, pelo menos se divertiria com as crianças.

— Talvez...

## Eu não gosto de trabalhar

---

Foi o Ano Novo mais solitário de Marília. Ela, a TV, alguns livros e a perna quebrada. Deu seu jeito para tomar banho e nem ligou para ninguém para desejar "Feliz Ano Novo". Ainda não havia se conformado com a ideia de que o que passou se foi, e que sobre o futuro não se tem domínio algum. A vida não fica esperando o dia em que decidimos aproveitá-la. Ou você vai e aproveita, ou corre o risco de nunca ter uma nova chance. *Porque só estou entendendo isso agora?*

Marília compreende que não tem o controle que pensava ter. Brota-lhe a percepção de que o que é empurrado para o futuro pode nunca vir a acontecer. *Nunca! Assim mesmo, nunca!* É um sentimento incômodo. A ilusão de que tudo pode ser planejado e controlado é mais confortável, mesmo com a certeza de que não passa de uma ilusão.

O imprevisto lhe dá forças para adiantar sua viagem à Capadócia. Quer entender por que, mesmo com todas as suas conquistas profissionais, ainda se sente sozinha.

Começava a não ver *glamour* algum em sua rotina atribulada. É rápida para os outros, mas está sendo lenta para si mesma.

\* \* \*

A mãe de Marília volta de viagem no mesmo dia em que ela tira o gesso. Assim, não lhe sobra tempo para buscá-la no aeroporto. Tem muitas tarefas acumuladas. Melanie fará esta parte festiva com o filho mais velho. O menino fez um desenho e faz questão de ficar segurando-o, com os braços para o alto, para que a avó veja assim que o portão de desembarque se abrir.

Marília não vê muita função nesse hábito de Melanie de buscar pessoas no aeroporto. Elas vão e voltam o tempo inteiro em meio a salões lotados, voos atrasados, cancelamentos, tempestades. Enxerga como um gesto pouco prático. É melhor cada um pegar um táxi e agilizar a vida. *Poupar tempo.*

\* \* \*

— Veneza mudou tanto... — a mãe avalia, com a voz doce de uma jovem apaixonada.

À noite, após um longo dia de trabalho, Marília vai para a casa da mãe, que distribui os presentes.

— Mas, mamãe, você foi lá no ano passado! — Melanie relembra.

A mãe concorda, mas insiste que havia algo diferente.

— O amor, mamãe, o amor — Melanie resume.

Depois de colocada a par de todos os acontecimentos durante sua ausência, a mãe mostra as

fotos e comenta sobre o quanto ficou feliz ao ver o neto no desembarque com o desenho nas mãos.

— Ele sempre faz isso, mamãe — Marília comenta, diminuindo a importância do gesto.

— E eu não deixo de me emocionar, uma única vez que seja.

Melanie sorri satisfeita.

— É até bonitinho, mas pouco prático! Precisamos poupar tempo!

— Você e seus mantras fabricados, Marília. Poupar tempo? E por acaso o banco onde você trabalha tem uma caderneta de poupança para quem quer poupar tempo? Alguém vai lá aos 70 anos de idade e resgata tempo de vida? Você não está aprendendo nada mesmo... Uma pena. Achei que estivesse acordando, de verdade.

Marília quer responder, mas seu banco realmente ainda não tem uma poupança para tempo mal utilizado. *Essa pode ser uma nova linha de investimento...*

\* \* \*

Os dias passam e Marília é atropelada por eles. Num dia é segunda, no outro já é sexta-feira. E assim as semanas se repetem, rápidas, deixando os preparativos para as férias sempre para depois. Os guias de viagem da Turquia fazem um esforço, encarando Marília em cima de sua mesa de trabalho, mas perdem sua atenção a cada vez que o telefone toca. Sente-se sendo empurrada. *Preciso agir.*

— Que bom que você pôde vir, estava com saudades. Não nos vemos desde o seu casamento! — Marília diz à amiga.

É domingo, e foi Marília quem fez o convite para o almoço no restaurante. A amiga fora escolhida por um motivo específico. Para Marília, ela seria a mais receptiva à novidade que precisa contar. Quer saber como será a reação de alguém que não seja Melanie, nem sua mãe.

— Preciso te contar uma coisa — diz, em tom misterioso.

— O que aconteceu, Marília? Fala logo! Você está grávida?

— Não!

— O que pode ser pior do que ficar grávida?

— Ficar grávida é tão ruim assim?

— Não! Não é isso — a amiga diz, impaciente. — É que quando a pessoa fala desse jeito, a gente pensa logo em gravidez!

— Mas eu nem tenho namorado! Por que você pensou logo nisso? Estou gordinha?

— Marília! Fala logo!

— Tá, tá, tá bom. Vou falar. É que descobri que...

— Só um segundo, tenho que pegar esta ligação.

Marília vê toda a sua coragem ir embora enquanto a amiga conversa com o marido. Seu olhar busca algo em que se fixar. Tenta se distrair. A mesma atitude que as pessoas tinham quando *ela* atendia suas imperdíveis ligações.

— Sei que precisa desligar, amor. Um beijo. Nos vemos mais tarde em casa — a amiga finaliza, melosa. — Dez minutos? — se espanta, ao constatar no visor. — Fiquei este tempo todo ao telefone?

Marília mostra seu descontentamento com a longa espera, mas nada comenta.

— Onde estávamos mesmo?

— Nem lembro — Marília mente.

— Lembrei! Você estava a ponto de me contar uma grande novidade! Conta logo!

Marília quer contar, precisa dividir, mas não sabe se será a melhor atitude. As palavras estão prontas a sair, mesmo assim, insiste em deixar para lá. Mas não resiste.

— Descobri que não gosto de trabalhar — diz rapidamente.

— O quê?

— Eu acho que não gosto de trabalhar — Marília repete, pausadamente, arrancando uma gargalhada da amiga que chega a chamar a atenção do casal na mesa ao lado.

Ela passa quase um minuto rindo. Então, toma um gole de seu suco, como se quisesse retomar o fôlego para fazer seus comentários a uma Marília ansiosa, que não entende o motivo de tanta graça.

— E quem gosta, minha querida?

— Eu. Num passado bem próximo. Você também deve gostar, pois abriu uma empresa!

— Para sobreviver, Marília, por favor! Nunca achei que fosse viver para ouvir uma coisa dessas — a amiga mostra-se impaciente. — Eu queria fazer meu horário, mas me dei mal, porque tenho que trabalhar mais do que quando era empregada. Antes eu sabia que tinha meu salário no fim do mês. Se não fossem cumpridas as regras, ganhava uma indenização fácil, fácil. Agora que estou do lado de cá, não estou achando a menor graça.

Marília está chocada com o que ouve. Antes, se sentia um E.T., e agora percebe que o mundo está cheio de gente como ela. *Mas se ninguém gosta de trabalhar, por que estão todos trabalhando cada dia mais?*

— Quer saber? Vou embora! — Marília decide, colocando sua bolsa em cima da mesa.

— Mas já? Por quê? Mal terminamos de comer!

Marília limita-se a dizer que tem que ir. Começa uma procura frenética por sua carteira que parece ter se escondido, deixando-a preocupada com a possibilidade de tê-la perdido. Vai tirando seus objetos de dentro da bolsa e os colocando em cima da mesa.

— Achei! — comemora, tirando a carteira da bolsa e a mostrando como um troféu. — Ufa! — respira aliviada. — Pensei que a tivesse perdido!

— *O Segredo?* — a amiga imposta a voz, ao ler o título.

Marília respira fundo, apoia o cotovelo na mesa e tampa o olho esquerdo com a mão se arrependendo de ter retomado a leitura. Ler *O Segredo* é seu novo e grande segredo.

— Estamos num país livre — Marília diz, com grosseria.

A amiga coloca o livro em cima da mesa e levanta as duas mãos, se rendendo.

— Não precisa ficar nervosa, só achei estranho. Não está mais aqui quem falou.

— A conta, por favor! — Marília pede, ao ver um garçom passando.

Rapidamente, coloca seus pertences de volta na bolsa e finge que nada acabara de acontecer. Não quer discutir com a amiga o fato de estar lendo autoajuda. Tenta mudar o rumo da conversa e se enrola ainda mais.

— Ainda bem que achei esta carteira. Ia ser um transtorno ter que tirar novos documentos, com a minha viagem tão próxima!

— Viagem? Que viagem é essa?

Marília coloca o cotovelo na mesa novamente e escora a cabeça. Pressiona os lábios, buscando uma resposta. Quer ir embora, mas agora nem tem mais pressa. Não há mais segredo algum a ser revelado.

— Quer dizer que você vai viajar e não me conta nada! Só porque casei não me convida

mais? Estou me sentindo péssima! Para onde você vai?

— Você não iria gostar... — desconversa.

— Como não? Adoro viajar! Conta logo!

O garçom chega. Marília está salva. Ele fica de pé entre as duas esperando para ver quem pegará a conta. Marília se apressa em arrancá-la da mão dele, dizendo que pagará tudo. Ela abaixa a cabeça numa manobra estratégica, fingindo conferir o consumo. Após alguns segundos, diz que está tudo certo e lhe entrega o dinheiro.

— Agora me conta, que viagem é essa? Não vou parar de perguntar enquanto você não me disser.

— Prometa que não vai fazer nenhum comentário.

A amiga cruza os dedos, os beija e jura que não abrirá a boca, mesmo que não concorde com o roteiro.

— Estou indo para a Turquia.

— Turquia? — a amiga solta, aliviada. — Achei que fosse um lugar pior. Meu pai já foi à Turquia, adorou Istambul! É um roteiro exótico. Quem sabe eu até vou com você?

— Acho que você não vai gostar muito.

— Por quê?

— Porque não vou para Istambul, vou passar só um ou dois dias lá. Meu objetivo principal é a Capadócia. Vou ficar onze dias numa cidade chamada Goreme.

— Goreme! Mas...

— Não se pronuncie! Você prometeu. E como eu imagino que você nem mesmo saiba onde fica a Capadócia, acho melhor a gente ir embora — sugere, pegando o troco deixado pelo garçom em cima da mesa.

A amiga não esconde a surpresa. Mesmo assim, levanta-se e segue Marília.

— Capadócia? — a amiga confirma, ao pararem na porta do restaurante para se despedir.

— Sim, Capadócia, no interior da Turquia — Marília afirma, dando-lhe um beijo no rosto e agradecendo pela companhia no almoço.

A amiga vai embora, pensativa. Tenta entender o que está acontecendo com Marília. É como se alguém tivesse mudado a sintonia de seus pensamentos. Tem um ótimo emprego, uma vida agitada, um guarda-roupa de dar inveja, dinheiro para tudo de mais moderno que o mundo pode oferecer. O que mais poderia querer?

Marília também está pensativa, se culpando por ter dito à amiga que vai viajar. Sofre ainda mais ao se lembrar do livro. Até pouco tempo atrás, ela própria abominava autoajuda. Não que agora os ame, mas lhes tem um certo... *Respeito*.

Mesmo assim, Marília conclui que o saldo da conversa foi positivo. Descobriu que o mundo está cheio de pessoas como ela, que acordam cedo todos os dias e gastam a maior parte de suas vidas dentro de quatro paredes, por sobrevivência ou porque morrem de vergonha de dizer que só se matam tanto porque precisam pagar as contas, ou receber reconhecimento. Nos dois casos, lhes custa dias, meses e anos valiosos de suas vidas.

Começa a entender que o trabalho virou uma espécie de identidade, seu cartão de visita para ser aceita no mundo. *Por que temos que dizer nossa profissão quando vamos ao médico ou ao dentista? Não faz a menor diferença no resultado do tratamento!*

## Só depende de mim

---

— Desculpem o atraso! — Marília diz, sentando-se à mesa. — Não vemos a hora passar dentro de shopping!

É domingo. Três semanas se vão desde a conversa de Marília com sua amiga. Aproveitou o dia de folga para passar no shopping e comprar os últimos itens para a viagem, antes de vir para a casa da mãe, onde os irmãos a esperam com suas famílias.

— Então, minha filha, para onde vai viajar tão de repente? Para onde sua empresa está te mandando desta vez?

— Na verdade é uma viagem para fora do país, mamãe.

— Internacional? Que bom! Estou muito orgulhosa!

— Na verdade... Não é a trabalho, mamãe... É a passeio.

— A passeio? Que bom... Bom mesmo! — tenta mostrar o mesmo entusiasmo. — Uma semana de férias sempre faz bem para trabalharmos melhor.

— Na verdade... Não é uma semana, mamãe... São quase vinte dias.

— Vinte dias? — a mãe tenta conter a surpresa, sendo observada por todos à mesa. — E para onde vai? Posso saber? Nova Iorque, Paris?

— Na verdade...

— Chega de "na verdade"! — a mãe eleva a voz, assustando a todos. — Diga logo tudo de uma vez!

— Turquia!

— Turquia?

— Capadócia!

O espanto na mesa é geral. Apenas Melanie mantém a calma. Um bombardeio de perguntas vem seguido de intervenções, sugestões e algumas palavras de desestímulo. Mas Marília logo avisa que está tudo comprado e que vai embarcar na terça-feira.

— Depois de amanhã? — o irmão se certifica.

— Exatamente.

— Tudo bem! — a mãe intervém. — Se não quer pensar na insanidade do destino escolhido, ao menos pense nas coisas práticas. E o seu mestrado?

— Eu tranquei o mestrado — Marília diz, tomando um gole do suco.

— Você fez o quê?

— Vou voltar no semestre que vem — esclarece, em vão.

— Mas não é assim que as coisas funcionam! Você sabe como o mundo anda competitivo! Tem ideia de quantas pessoas querem a sua vaga? Muitos esperam apenas um deslize seu para dar o bote! E ainda tem a licença médica por causa do pé engessado. Você acabou de voltar a trabalhar!

— Mas, eu não tenho culpa de ter torcido o pé. Além do mais, isso foi há mais de um mês.

Emprego não é tudo na vida!

A mãe de Marília dá uma gargalhada.

— E onde você vai achar uma mina de ouro para pagar por suas viagens caras, suas roupas, seu carro do ano?

— Não preciso trocar o carro este ano. Não vou morrer se ficar com ele mais uns dois ou três anos.

— Era só o que me faltava! Minha filha, não me faça uma coisa dessas, já me basta a sua irmã! Ninguém bate palmas para pessoas como eu, que passaram a vida se dedicando aos filhos. As pessoas só conseguem olhar para mim como um dinossauro ultrapassado, que perdeu anos de sua vida tomando conta da família. Ninguém quer saber o quanto me esforcei para que vocês se tornassem pessoas de bem.

Marília e os irmãos se olham com cumplicidade, mas nada dizem. Deixam que a mãe solte seu discurso da vida inteira, que eles bem sabem, não está de todo errado. Ficou conhecida entre os vizinhos como a tonta que parou sua vida, enquanto o marido fornicava com a secretária. Nem pensam na gorda pensão que ela recebe, apenas que não gostariam de estar no lugar dela e, por isso, trabalham loucamente, como se mulheres independentes nunca fossem traídas.

Marília busca fôlego para continuar.

— Mamãe, eu não estou abandonando a minha vida, não vou virar *hippie* nem me jogar no budismo. Sei de tudo o que você passou e te admiro por isso. Não importa o que os outros digam ou pensem, temos orgulho de você.

Melanie se empolga com a demonstração de carinho e aproveita para dizer que demorou muito até que entendesse que o equilíbrio em sua vida só viria quando aprendesse a negociar com seu próprio ego e não se render aos caprichos da sociedade.

— A gente tem que saber lidar com o ego, mamãe. Não por filosofia, mas porque depois que você se liberta, tudo ao seu redor se transforma — Melanie aconselha. — Esqueça o que passou.

O telefone interrompe o discurso.

Uma das crianças levanta correndo e atende.

— Tia, é para você!

— Para mim? — Marília se levanta.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Seu celular só cai na caixa postal, imaginei que você estivesse aí na sua mãe!

— Estamos lanchando.

— Mas não custa nada parar um minutinho para atender ao celular. Tudo bem, isso é doideira da sua cabeça — Rachel avalia. — Uma amiga minha está aqui também, diz "oi" para ela. Está no viva-voz!

— Olá! — Marília obedece.

— Marília, desculpe, mas não resisti. Conte para a minha amiga sobre a sua viagem. Ela já foi a Istambul e procuramos "Capadócia" no Google!

— O quê?

— Não desligue! Não estamos aqui para te dizer para não ir!

— Aquilo lá é bom para dois ou três dias — a tal amiga intervém. — Você conhece o costume dos homens turcos? Sabe como podem ser inconvenientes com mulheres sozinhas? Já

fiquei um mês em Istambul por causa de um namorado jogador de futebol que foi contratado pelo Galatasaray. Quando saía sozinha pelas ruas era desconcertante. Parecia que estavam vendo uma peça de carne exposta num açougue!

— Muito bom, mais alguma dica sobre a Turquia?

— Sim! — Rachel responde. — Você não vai ter nada para fazer na Capadócia! Vai sentir falta de tudo!

— Você foi até lá ou só a Istambul? — Marília pergunta à tal amiga, namorada de jogador de futebol.

— Eu fui só a Istambul, mas tirando por lá, imagino o que deve ser a Capadócia! É interior do país!

— Além do mais, a gente pesquisou. Lemos tudo sobre a região — Rachel complementa.

— Quando? Onde?

— Na internet. Entramos em sites e blogs muito informativos.

Marília se enfurece. Antes, também acreditava que poderia fazer turismo virtual.

— Bom mesmo que estejam no viva-voz, assim dou o recado uma única vez. Muito me admira ouvir isso de duas pessoas tão viajadas quanto vocês. A gente não tira conclusões sobre um local fazendo uma viagem pela internet! Tem que ler livros, estudar, saber sobre o passado, os cenários. Tem que saber sobre a história do povo, a relação com o que se passa e o que se passou. Li bastante, para formar uma opinião. Lembram o que é isso? Ter uma opinião? Leituras fragmentadas não ajudam ninguém a conseguir uma. Não quero informações pela metade, não quero uma viagem virtual, quero viajar de verdade, quero *ser*, de verdade.

— Mas é que não tivemos tempo de... — Rachel tenta argumentar.

— Mas, nada! Digitem aí "Marília" em um buscador. Nem tudo pode ser conhecido na internet. Para saber quem eu sou, é preciso conversar *comigo*, saber a minha história, o que passei, os lugares que visitei, olhar nos meus olhos e ver os movimentos que faço quando estou nervosa, quando minto, quando estou triste! Eu sou inteira, não sou parte de uma máquina! Agora, se vocês me dão licença, preciso desligar! — avisa, enfurecida. — Obrigada pelas informações sobre a Capadócia. Nota 10 em preconceitos infundados.

Marília desliga, após ouvir murchos tchaus. Sua família também não esconde a surpresa diante do discurso inflamado. Quem seria aquela pessoa, que acabara de dar uma aula sobre formação do conhecimento?

Mas ninguém diz uma única palavra. Marília senta-se à mesa novamente. Seu irmão resolve puxar outro assunto. Viagens e novos rumos na vida, definitivamente, iriam arruinar a noite.

— Compramos uma TV de LCD para a cozinha.

— Que bom! Vocês realmente precisavam Melanie — finge felicidade, diante do casal mais consumista que conhece.

Marília não contesta. Assim, o clima fica mais leve.

— Tenho que ir para casa. Preciso terminar de fazer a mala — justifica, após comer a sobremesa.

A mãe retoma sua indignação, dizendo que tudo fora feito pelas suas costas, que não havia sido consultada, mas logo se cala. Marília está decidida. Após as despedidas e abraços de boa viagem, ela vai embora, aliviada por não ter que esconder mais nada de mais ninguém.

A segunda-feira passa rápido. Marília trabalhou o dia inteiro e só agora, no meio da tarde de terça, encontra tempo para checar o que está faltando na mala. Tem dúvidas sobre o que vestir, a temperatura, o idioma. *Será que todos falam inglês?*

É o início da noite. Hora de chamar um táxi e começar a aventura. Não há mais o que pensar, nem se arrepender.

Marília despacha as malas e recebe o ticket para embarque. *Um café seria bom para esperar.* Senta-se em um bar do aeroporto. Pânico e ansiedade brigam, ordenando que ela pegue as malas de volta e saia correndo, sem olhar para trás. Mas não, um mundo novo a espera. Basta ter coragem para agir.

Ela termina o café, se levanta e puxa a bagagem de mão. *Só depende mim, só depende de mim,* repete, atravessando o portão de embarque. *Só depende de mim.*

Está quase na hora. Marília se senta em frente ao portão de embarque, faz algumas ligações e, após um longo suspiro, o combinado: desliga o celular. Só será ligado novamente na volta, ou em caso de alguma emergência. Não é um experimento, nada disso, apenas uma forma de ficar consigo mesma e se concentrar no local, não nas chamadas perdidas. O foco é a viagem, não quem deixa de ser atendido. *Sou a responsável por direcionar minha energia. Só depende de mim.*

Marília pretende manter um diário, contando suas emoções de cada dia, as novas descobertas, suas impressões sobre os lugares, e mais, suas impressões sobre si mesma.

Outro acordo feito com ela mesma: não correrá para a internet. E-mails só a cada dois dias e, mesmo assim, por sua preocupação com a saúde do pai. Promete se limitar a meia hora, nada mais que isso. Está curiosa para saber como será sua vida depois dessa viagem, mas está mais ansiosa ainda para *viver* a viagem.

## Insegurança

---

Assim que o jantar é servido dentro do avião, Marília bebe duas taças de vinho e desmaia. Está exausta da correria e de tantas atitudes novas que vem se impondo. Quer acordar em seu destino e ouvir o chamado para as orações vindo da mesquita, cinco vezes ao dia.

O voo tem uma conexão em Frankfurt e Marília se sente aliviada por parar em um destino conhecido, antes do *grand finale*. Surpreendentemente, está confiante. Passa pela imigração alemã, pega suas malas e vai direto ao guichê da companhia turca. E é ai, só ai, que se desespera. Coloca a mala na esteira para ser despachada e, num movimento involuntário, a pega de volta. A mulher à sua frente não entende. Trocam olhares. *O que estou fazendo? Estou destruindo minha vida profissional! Vou perder tudo o que tenho! Tranquei meu mestrado! Quantos anos eu penso que tenho? Não sou mais uma adolescente!*

— Senhora, preciso que coloque sua mala na esteira para finalizar o atendimento — a atendente do *check in* insiste.

Marília a encara. *Só depende de mim. Só depende de mim. Só depende de mim.*

Mais alguns minutos de apreensão. O mantra não está dando certo.

— Senhora... A mala...

*Só depende de mim...*

— Pode me dar uma janela longe da asa, por favor? — responde enfim, colocando a mala de volta na esteira. — Quero ver a paisagem de cima.

Marília pega o cartão de embarque e não pensa mais. Caminha em direção ao portão indicado. O simples fato de olhar o símbolo da empresa aérea, impresso em seu bilhete, lhe provoca pânico. Não conhece uma única pessoa que tenha estado na Capadócia, mas, de alguma maneira, está feliz por ser a primeira.

Mesmo tendo ainda cinquenta minutos, Marília opta por ficar sentada, aguardando, próximo ao portão de embarque. O aeroporto de Frankfurt tem sempre tanta gente que poderia se perder de propósito, só para ter uma desculpa e voltar para casa.

Hora do embarque. Marília carrega nas mãos uma sacola com chocolates, pacotes de batata frita e toda a sua ansiedade. Uma mistura de sentimentos e muito medo do que está por vir.

Lera em um de seus livros de autoajuda que deixamos de dar grandes passos na vida e fazer mudanças necessárias, porque ficamos à espera de que, *um dia*, os sentimentos de medo e insegurança sejam sepultados dentro de nós. Mas eles nunca serão. Não é possível jogá-los fora, apenas manipulá-los. É o que está tentando fazer.

Num exercício de autocontrole, deixa as inseguranças de lado por alguns instantes e dá espaço à observação. Surpreende-se com o que vê. As pessoas ao seu redor são normais e nenhuma mulher coberta da cabeça aos pés aparece. Duas lindas executivas lhe chamam a atenção. Parecem suas colegas de trabalho.

Ela se encanta com as cores do avião. Parece uma casa de bonecas, em tons de rosa e

verde. Um senhor ao seu lado puxa assunto, mas a conversa não vai muito longe. Ela não fala turco e ele não fala inglês. Simpático, ele faz mímica e diz alguma coisa sobre sua dor na coluna ou, ao menos, é o que ela entende. Marília não se mostra muito amistosa, não consegue parar de pensar no que a amiga de Rachel dissera: "Eles te olham como uma peça de carne no açougue". Apesar de que o velhinho ao lado não aparenta ter nenhuma intenção além de jogar conversa fora.

O voo está calmo, bem diferente da passageira sentada na poltrona 27A. Marília é uma mulher-bomba, pronta para explodir de tanta ansiedade. *Mas, não há mais como fugir.* O avião já está no ar, rumo a Istambul. Num gesto inesperado, ela passa a mão com delicadeza em sua própria cabeça. *Não fique tão nervosa. Não há nada que possamos fazer agora. Vamos dormir... Vai dar tudo certo...*

\* \* \*

— Em poucos minutos estaremos aterrissando no aeroporto internacional de Ataturk, na cidade de Istambul.

Marília abre os olhos. *Chegou a hora!*

\* \* \*

Marília mal tem tempo de pensar em angústias ou medos. É tudo corrido e confuso. Passa pela imigração, vai ao banheiro, pega as malas e, ao sair no saguão do aeroporto, é atacada por um bombardeio de funcionários de agências de viagem oferecendo seus serviços. Desconfiada e despreparada diante da recepção, ela faz gestos de "não" com a mão e pronuncia um "no, no thanks" a cada dois segundos. Por fim, apenas um grosseiro e único "no" é dito. Chegar até o "thanks" se tornara cansativo.

Consegue pegar um táxi com facilidade. Este pequeno passo a enche de confiança. Foi orientada sobre a forma de proceder e quanto seria o preço justo de uma corrida do aeroporto internacional Ataturk até Sultanahmet, o centro turístico da cidade, onde se hospedará.

O táxi avança. Marília está apreensiva. Ouviu muitas histórias sobre a Turquia: desde camelos andando na rua em plena luz do dia até sequestros de mulheres bonitas para serem negociadas em haréns nos países vizinhos. Sabe que boa parte é invenção e fantasia da cabeça das pessoas, mas e se não for? *Ao menos a parte dos camelos, sei que é mentira.* Isso ela pode ver, fascinada, com os próprios olhos.

Marília observa tudo atentamente, como uma criança grudada na janela do carro, não querendo perder um só momento. Seus olhos marejados mostram toda a emoção e orgulho por ter chegado até aqui. As mesquitas iluminadas lhe dizem:

— Sim, você conseguiu, você veio, está aqui junto ao seu coração. Prepare-se! Este não é um *tour* virtual.

— É aqui, senhora — o taxista anuncia.

O encanto se vai. Marília não gosta do que vê. Antes de viajar, decidiu que seus hotéis não passariam de oitenta euros a diária com café da manhã incluído. Poderia pagar por mais conforto, mas não queria ficar numa redoma de vidro. Só fazia questão de ter banheiro privativo e limpeza. Mas não esperava por algo tão... *Caidinho.*

Passado o susto da visão externa, é preciso seguir em frente. Paga o valor devido ao taxista

e, ao entrar na recepção, fica mais calma. Apesar da fachada bem diferente da exposta no site da internet, seu hotel é muito bem localizado, simples, mas muito limpo.

Ao abrir a mala, após um demorado banho, Marília se depara com seus companheiros de viagem, os livros. Para equilibrar a overdose de autoajuda, uma história de vida: *O Castelo de Vidro*. Ela os coloca na cabeceira e os observa antes de dormir. Têm uma longa jornada pela frente. É reconfortante saber que não está sozinha.



## Istambul

---



Istambul é mais do que Marília esperava. Uma metrópole com um sabor sedutor de passado. Ver a modernidade nas ruas e, de repente, as pessoas correndo para as mesquitas para atender ao chamado para as orações, deixa-a extasiada.

A Mesquita Azul é uma grande surpresa. *Linda!* Cheia de vida, gente passando, rezando, visitando, limpando o carpete. *Magnífico!* Santa Sofia também lhe enche os olhos. Construída para ser a catedral de Constantinopla, anos depois, ganhou minaretes, virou mesquita e, desde 1935, funciona como um museu cheio de história. Marília contrata um guia para lhe contar tudo em detalhes. *Como esperei tanto para vir aqui?*

Após a visita, o fascínio é tão grande que Marília anda pelas ruas sem rumo, olhando as lojas e sentindo a cidade. Decepção no Grande Bazar. Esperava algo mais místico, tradicional, típico, e o que encontra é um mar de turistas se espremendo por seus infindáveis corredores, tentando negociar com os habilidosos comerciantes turcos. Para compensar, o Bazar de Especiarias, uma surpresa com a qual não contava, em sua profusão de aromas e cores que aguçam o paladar.

Ao fim do dia, Marília está exausta. Para em um pequeno restaurante, pede um *kebab* e um suco de romã espremido na hora, um novo sabor, ácido. Mas logo se acostuma e fica viciada. Para finalizar, um café turco, com doces folheados irresistíveis, os melhores que já experimentou. Lembra-se dos doces turcos que tinha provado em uma doceria de Paris, perto de Montmartre, e só agora percebe que nem se comparam ao que está em sua boca neste momento. *É preciso ir, ver e sentir um lugar!* Conclui que só estando aqui para saber o que é Istambul. *Fascinante...* Mas o melhor é ter a certeza de que sim, ela e seu coração estão juntos.

Às nove da noite, Marília já está na cama com um de seus livros nas mãos. Só quando começa a adormecer se dá conta de que não sentira a menor falta de toda a sua agitação cotidiana. Nem se lembrara do celular desligado. Gosta da sensação de saber que no dia

seguinte não terá um compromisso inadiável. Está conseguindo pensar e realizar seus desejos e isso é o que a trouxe tão longe.

Na manhã seguinte, o café a surpreende novamente: pepinos, tomates e azeitonas são oferecidos, assim como algo parecido com um cone de queijo frito, no qual prefere não se aventurar. Limita-se ao pão com queijo. Mesmo querendo vivenciar a cultura, ainda prefere legumes no almoço e no jantar. Após o café, ela faz o *check out*. À noite, pegará um ônibus para a Capadócia, seu real destino.

O dia é dedicado a visitar vários locais, mas o Palácio Topkapi é o ponto alto. Não só por causa da suntuosidade e da história de seus moradores, mas porque é quando, pela primeira vez, ela vê o Estreito de Bósforo. Sabia que ele existia, mas vê-lo tão real e imponente é uma dádiva.



Por causa do Bósforo, Istambul pertence a dois continentes, Europa e Ásia. Uma cidade única em todo o mundo. O Mar Negro e o Mar de Mármara também são agraciados com suas águas. Marília está diante do que estudou em seus livros de geografia e tanto pesquisou na internet. Faltam palavras.

Deslumbrada, pega algo para comer na lanchonete e se senta em um dos bancos posicionados estrategicamente para os turistas apreciarem o grande astro. É fim da tarde e o vento passa por seu cabelo, quando ela decide que a Europa representará a velha Marília, que acredita que a correria e a tecnologia são o único futuro do mundo. No lado asiático de seu coração, ficará o que ela mais usará daqui em diante: o equilíbrio. Quer plantar um pouco de Ásia na Europa dentro de sua vida. O Bósforo será um divisor de águas entre o novo e o antigo, entre o adiar e o agir.

## Capadócia

---

Às dez da noite Marília está dentro do ônibus para a Capadócia. Fica confusa quando, após algumas horas de viagem, um homem avança pelo corredor jogando uma espécie de gel nas mãos dos passageiros. Sem saber o que fazer, ela abre as mãos, seguindo a maioria e esfrega uma na outra até que fiquem secas.

Todos devidamente limpos, o homem volta para a frente do ônibus e, após alguns minutos, começa nova jornada, se equilibrando entre as curvas, servindo chá e café aos passageiros que abrem as mesinhas grudadas no encosto da poltrona da frente. É quando Marília entende que é o serviço de bordo, assim como nos aviões. Dá uma risada discreta achando divertido. Aceita um chá e assim que termina, briga com o cansaço. Não quer dormir. Tem medo do que possa acontecer enquanto estiver de olhos fechados. Lamenta não ter optado por fazer este trajeto de avião. Seria mais rápido e seguro. Enquanto se culpa, vai perdendo a briga, seu corpo relaxa, ela agarra-se à sua bolsa e então cai no sono.

\* \* \*

Doze horas depois de ter saído de Istambul, o ônibus abre suas portas em Goreme. Marília está tão cansada que só acorda quando o motor é desligado. Abre os olhos e demora alguns segundos para entender onde está. Afasta a cortina da janela para que possa ver do lado de fora. Pisca os olhos. Pisca novamente. Passa a mão pelo rosto. Está em Goreme, sozinha. *Não pode ser aqui! Eu não vou descer!*

Ela volta seu olhar para dentro do ônibus. Só ela e mais uns quatro passageiros continuam sentados. Seu coração está apreensivo e algo dentro de sua cabeça a questiona freneticamente: *O que veio fazer aqui?* Por sorte, ou azar, Marília não tem muito tempo para ouvir voz alguma. Ao ver os últimos passageiros descendo, se apressa em fazer o mesmo.

Entrega o ticket ao rapaz que libera suas malas no bagageiro. Olha ao redor e vê que restam poucos turistas. Tê-los por perto é, no mínimo, reconfortante.

Marília vê todos buscarem seus rumos e, por algum motivo, ela não se move. Ao seu redor apenas uma cor neutra, areia, deserto e falta de vida. O som vai ficando cada vez mais limpo até que o som do nada domina. Agora, está sozinha de verdade. Está mais arrependida do que apavorada.

A paisagem é deslumbrante, mas fria e inóspita. Um ar místico ronda a cidade. O que aprenderá que possa utilizar em sua vida? *Nada, sua louca! Nada! Mexa-se!*

É hora de colocar os pensamentos de lado e agir. Sozinha na praça, que também faz as vezes de rodoviária, ela estufa o peito, tenta fazer cara de confiante e vai em busca de seu hotel. A cidade se resume a uma rua que vai e outra que vem. *Não será difícil encontrá-lo.*

Tenta um primeiro contato verbal e não se faz entender. Antes que seja acometida pelo

nervosismo, tem a ideia de mostrar ao senhor à sua frente o comprovante de reserva do hotel. Dá certo. Ele lhe dá algumas direções em turco, mas o que a ajuda mesmo são os gestos. Pegando indicação com mais um aqui, outro ali, em dez minutos está na recepção.

Já no quarto, acomodada, Marília não tem vontade de desbravar a cidade como costumava fazer em suas viagens agitadas a lugares cheios de vida, festas, restaurantes e atrações. Nesse momento, só quer ligar para sua mãe pedindo socorro ou desmaiar na cama na esperança de acordar em casa, longe do pesadelo para o qual andou com as próprias pernas. Opta por dormir e tentar se acalmar. Tudo ficará bem. *Tem que ficar!*

\* \* \*

Marília acorda no início da tarde e conclui: ainda está na Capadócia. Não quer nem abrir a janela. Passa o resto do dia no quarto, e o seguinte também. Entre leituras, sonecas, batata frita e os chocolates comprados em Frankfurt, seu sonho de ser transportada magicamente para seu escritório e sua vida segura não se realiza.

O terceiro dia amanhece. Marília, ao menos, cria coragem para abrir a janela. Mas volta para a cama e tem mais uma overdose de leitura. Sente falta da TV, do seu guarda-roupa recheado de Carolina Herrera, Chanel e jeans da Diesel. *E onde estão minhas camisas Anne Fontaine?* Não consegue entender como em sua mala não há um único par de sua coleção de Christian Louboutin. *Onde estão as lojas?* Marília respira fundo, sabe que não pode entrar em pânico.

Às cinco da tarde, por algum motivo, Marília sai de sua crise de abstinência e arruma coragem para se levantar, tomar um banho e encarar o que havia escolhido: conhecer outras realidades e confrontar o que a sua sociedade considera certo e digno de reconhecimento. *Mas eu quero mesmo é ir embora!* Mesmo revoltada, diz a si mesma que precisa comprar comida e checar seus e-mails, ou não viverá para usar novamente suas tão adoradas roupas de corte perfeito. Contrariada, obedece, se sentindo sozinha, triste e incomunicável. *Onde está a graça de toda essa aventura? Nos livros tudo parecia tão emocionante!*

\* \* \*

— Pode ir — um rapaz simpático diz a Marília.

— Mas é a sua vez.

— Não estou com pressa.

— Vou aceitar, então.

— Pode aceitar, não me incomodo de ceder a vez a novatos.

— Novatos? — Marília pergunta, enquanto puxa a cadeira para se sentar diante do computador e usar a meia hora de internet que havia se permitido.

Só há dois computadores e um está quebrado. Mas as pessoas não parecem muito ansiosas para usá-los. Nem mesmo os turistas.

— O que você quis dizer com novato? — ela se vira para trás, curiosa, enquanto a página de e-mails abre.

— Nada demais. É que já estou aqui há tantos meses e você chegou há alguns dias — o estranho sorri em meio a uma fala mansa, como se o tempo fosse algo lento e demorado, e uma tranquilidade pairasse sobre sua cabeça. — A famosa moça que não sai do quarto.

— Eu?

— É como as pessoas te chamam por aqui no hotel. É só uma brincadeira. Não leve a mal.

— Não levarei — tenta parecer natural.

Ela vira-se para o computador para ler as mensagens, deixando transparecer que não gostou muito do comentário.

Sua meia hora passa num segundo, mas trato é trato, e ela sabe que não há nada de tão importante a ser visto. Pelo menos, nada mais importante e deslumbrante do que estar aqui. Por algum motivo, está começando a ter ânimo, além do mais, não quer ser conhecida como a hóspede que passou dez dias trancada dentro do quarto.

— Pronto, acabei, sua vez — Marília avisa, se levantando.

— Ah, tá, obrigado. Podem passar na minha frente — o rapaz diz a um casal que acabara de chegar.

— Mas você chegou antes — respondem, em coro.

— Não estou com pressa.

— Tem certeza de que podemos... — a mulher pergunta, receosa.

— Fiquem à vontade — o rapaz a tranquiliza.

Aproveitando a gentileza e a experiência do homem à sua frente, Marília pergunta onde há um bom lugar para se comer.

— Eu levo você.

— Você? — assusta-se.

— Sim.

— Mas você não vai usar a internet?

— Uso outra hora. Estou com mais fome do que vontade de usar o computador.

Marília reluta em aceitar a companhia. *E se ele for um ladrão especializado em roubar mulheres que viajam sozinhas?*

— Não se preocupe, não sou um tarado — ele lê seus pensamentos.

*Pode até ser um assaltante, mas a rua não parece um local mais seguro. Além do mais, o que ele vai roubar? Algumas liras turcas?*

— Então vamos! — ela cede.

Os dois saem pela rua e engatam um papo leve. Marília se apresenta e descobre que o rapaz "veterano" se chama Paul e é de Londres. Os dois seguem falando sobre suas nacionalidades, idades, interesses, e tudo aquilo que se pergunta quando se conhece alguém, mas que raramente se escuta de verdade. Mas Marília tem um motivo especial para não prestar atenção a muita coisa do que Paul diz. Como estão andando lado a lado, a imagem dele não a incomoda tanto, mas quando chegam ao bar, ela precisa fazer um grande esforço para conversar olhando em sua direção. Ele usa uma touca de crochê que cobre toda a cabeça. Tem um aspecto sujo ou, no mínimo, pouco limpo.

Logo alguns conhecidos do veterano Paul se juntam aos dois. Ele parece ser amigo de boa parte da cidade. A conversa fica animada e Marília sente como se estivesse rodeada de amigos de longa data. A maioria dos estrangeiros conhecidos de Paul está aqui pelo mesmo motivo que ele: tentando encontrar uma razão para viver ou se livrar de muita coisa que só eles, o tempo, ou a Capadócia, poderão resolver.

— Tenho que ir embora — Marília anuncia, assim que termina de comer. — Tenho um *tour* amanhã cedo.

— Cuidado para não se perder na volta ao hotel! — alguém adverte, em tom de brincadeira. Uma pessoa só se perderia no centro de Goreme se resolvesse se enfiar no meio das pedras, como essa não é a intenção de Marília, a volta é rápida e tranquila.

Ao chegar em seu quarto ela é surpreendida por uma sensação boa. Não sabe o que é, mas quando se deita na cama, seu corpo parece lhe agradecer pela nova experiência. Relaxada, fecha os olhos, dormir é o que tem feito de melhor nos últimos dias.

\* \* \*



Às cinco da manhã, Marília acorda assustada. Dá um pulo da cama ao sentir alguém gritar em seu ouvido. Demora alguns segundos até entender o que está acontecendo. É o chamando para a primeira reza do dia, antes do amanhecer. Diferente de Istambul, tem a sensação de que alguém grita, sentado em uma cadeira, dentro de seu quarto. É belo, mas assustador. Quer correr para o quarto da sua mãe, como uma criança, mas cobre os ouvidos com o travesseiro e só consegue pegar no sono novamente quando a reza termina. Mais uma hora de sono a aguarda.

\* \* \*

Às oito da manhã, Marília está em frente ao hotel esperando pela van. Mais alguns hóspedes se juntam a ela. Surpreende-se ao perceber que, diferente do que havia pensado, os turistas têm as mais variadas nacionalidades e rostos, mas a maioria, ao menos em seu hotel, é de pessoas tão "normais" quanto ela. Conhece três jovens do Barém que mais parecem americanos descolados e americanos que mais parecem muçulmanos radicais, com pensamentos tão engessados.

Os que estão dispostos a ficar mais de três dias na Capadócia, não se pode negar, têm um estilo mais Paul de ser. Algo meio alternativo ou, no mínimo, aventureiro. *Será que tenho um desejo reprimido de ser hippie?* Reflete assustada, enquanto a van segue em meio às formações rochosas, de formas inusitadas. *Será que isso é um ensaio para largar tudo e viver uma vida mais alternativa? Vou virar uma daquelas mulheres que doa toda a sua coleção de sapatos em nome da simplicidade?*

Ao menos agora, Marília vive a angústia de não ter resposta, mas é presenteada com

paisagens cada vez mais instigantes. Da janela da van, começa a avistar as famosas casas escavadas nas pedras. *Valeu a pena ter tido coragem.*

O almoço está incluído no *tour*. Sem muitas opções, diante de mesas para quatro pessoas, Marília se junta a um grupo de três americanos, também hospedados em seu hotel.

— Esperam por mais alguém?

Todos confirmam que o lugar está vago e ela se junta a uma enfermeira, o marido médico e um engenheiro cuja esposa ficara no hotel, pois não estava passando bem desde que haviam chegado à Capadócia. Mal conseguia sair do quarto, por conta de um forte enjoo.

— É Marília, seu nome, não é? — O médico puxa assunto.

— Isso mesmo — ela confirma, simpática.

— Você disse que veio aqui não só a passeio. Qual o real motivo de sua viagem?

— Vim refletir. Quero mudar alguns aspectos da minha vida, ser menos obcecada por trabalho, dar menos importância ao meu guarda-roupa. Mas desde que cheguei aqui, não paro de pensar nele! — sorri, sem graça. — A verdade é que não estou gostando da correria desenfreada da modernidade. Quero ter mais tempo.

— Ah! Essa coisa de mudar de vida! — a enfermeira empolga-se. — Acho essas experiências tão interessantes! Mas você parece muito nova para já estar cansada da correria do dia-a-dia. Quantos anos você tem? 28? — pergunta, fazendo Marília dar um sorriso que mal cabe em seu rosto.

— Como eu gostaria de ainda ter 28... Tenho 32.

— Mesmo assim. Eu tenho 37, cinco à sua frente — a enfermeira brinca.

— Deve ser difícil se impor uma mudança tão radical. Já li alguns livros sobre isso e, aliás, acho que só funciona neles mesmo — o engenheiro avalia, cético. — Nas páginas de um livro podemos ser qualquer coisa e fazer qualquer viagem.

Marília apenas levanta as sobrancelhas. Já está se acostumando aos comentários de espanto dos chatinhos que fingem não acreditar em sua busca. No fundo, o que mais querem é ter coragem de dar um pé na bunda de sua própria covardia e realizar o que realmente lhes dá prazer na vida. *Sair da ilusão que está por trás das telas de computadores e viver a vida de verdade. Por que o ser humano é tão covarde quando o assunto é assumir a verdade de seu coração?*

— Eu também já li vários livros sobre mudanças radicais. Mas não nasci para isso — o médico segue a fala do engenheiro. — Qual a sua profissão mesmo?

— Sou executiva de um banco.

— Uau! — a enfermeira exclama. — Deve ser algo bem rentável.

— É... Nunca estamos satisfeitos com nosso salário.

— Mas ainda não entendi muito bem — o engenheiro insiste. — Por que mesmo quer ficar aqui por onze dias?

— Porque descobri que não gosto de trabalhar — Marília solta, sem perceber, mas acha bom que tenha escapulado com tanta naturalidade, assim o recado já está dado.

Todos sorriem.

— Ninguém gosta, minha jovem. Gostamos da profissão que escolhemos, mas não gostamos de nossos empregos.

— Eu gosto — Marília responde, enfática, contradizendo a si mesma. — Adoro o que eu

faço, só não acho legal o esquema em que tenho que trabalhar. Não gosto de ter que passar a maior parte da minha vida enfurnada num escritório. Essa rotina não está me fazendo feliz, é por isso que tenho dito que não gosto de trabalhar.

— É a vida, minha jovem, bem-vinda! Só acho você muito nova para já se sentir cansada — o médico complementa, repetindo o adjetivo que a esposa usara minutos antes. — Ainda tem muita vida pela frente. E lhe garanto, pior do que trabalhar todos os dias é ficar sem trabalho. Aí seu guarda-roupa ficaria vazio.

Marília decide intervir.

— O que o senhor entende como cansada?

— Cansada da inevitável guerra pela sobrevivência para poder arcar com suas contas.

— Mas eu não estou cansada! Só não quero *vir a ficar* — enfatiza. — O senhor deve entender muito bem disso, afinal, os médicos dizem que é melhor prevenir do que remediar. Não se aplica à vida também? — desafia.

O homem sorri, observado por todos à mesa, enquanto aguardam uma resposta que não vem. Marília continua.

— Uma vez li num livro que "estar doente não é a ausência de doença e, sim, a ausência de vida, ânimo, felicidade". Sei que vocês, médicos, são céticos, e pelo visto os engenheiros também — olha para o profissional. — Mas não estou aqui em busca de grandes mudanças, de trocar de profissão, largar minha vida estressada e fumar maconha o dia inteiro. Só estou em busca de equilíbrio. Se fosse traduzir para o senhor, na linguagem médica, seria: estou aqui porque resolvi me cuidar antes que minha vida fique doente, sem chances de cura. Antes que precise viver apenas controlando a doença e dando graças a Deus pelas coisas estarem, ao menos, estacionadas.

O médico olha para os lados. Ele disfarça, coçando a garganta. Sua esposa, a enfermeira parece não se intimidar. Entendera o recado e quer fazer uso dele.

— Prevenir... Nunca tinha pensado assim. Falamos tanto sobre isso com os pacientes, não é mesmo, querido? Prevenir... — divaga. — Você leu tudo isso nesse mesmo livro?

— Metade do pensamento é meu e a outra metade é do autor — Marília brinca.

— A metade do autor eu posso comprar, não posso? — a enfermeira segue o bom humor, arrancando um sorriso de Marília, que promete que no fim do dia lhe passará as informações.

Aproveitando o clima mais leve, todos se apressam em mudar de assunto. Marília acha ótimo. Está aqui para se transformar, não para encher os outros com lições de autoajuda e autoconhecimento. *Cada um tem seu momento de encarar as próprias doenças*. E esse é o dela. *Cada um que faça o esforço de buscar o seu*.

— Vocês conhecem este guia? — Marília pergunta levantando o livro para que todos possam vê-lo.

— Não — o engenheiro responde, parecendo refletir para ter certeza.

— Pois é, comprei por acaso... — ela aproveita para contar como acabara com três guias da Turquia nas mãos, fazendo todos rirem de sua corrida para não encontrar o ex-namorado dentro da livraria.

A comida chega e a conversa diminui. Marília está gostando de jogar conversa fora, faz parte de sua busca por equilíbrio.

Às cinco da tarde a van já se aproxima do hotel. Marília está bem disposta e não quer ir para o quarto. Resolve dar uma volta pela cidade, mas logo desiste. O tempo está feio, cinza e nublado. *Bela recepção! Se não queria que eu viesse, era só dizer. Não precisava fazer uma cara tão feia.*

Exausta, se joga na cama e sente o cansaço de um dia repleto de tantas aventuras e descobertas. Fecha os olhos e relembra tudo o que viu. Está em um lugar único no mundo vivendo uma experiência que não tem preço.

Aos poucos, o sono vence as recordações. Mais uma vez, seu corpo lhe presenteia com uma sensação boa em agradecimento por estar sendo utilizado por completo.

\* \* \*

*Toc, toc, toc.*

Marília abre os olhos com dificuldade. O quarto está todo escuro.

*Toc, toc, toc.*

Ela caminha até a porta, cambaleante. Acende a luz. Gira a chave.

— Desculpe! Você estava dormindo! — a enfermeira que conhecera no almoço exclama, desconcertada.

Marília dá um sorriso simpático, mas ainda sonolento.

— Vim aqui pegar o nome do livro — justifica, mostrando a caneta e o papel nas mãos.

Marília anota o título e nome do autor.

— Espero que goste. Para mim, foi muito bom — confessa, devolvendo o pedaço de papel.

— Também vim aqui convidá-la para jantar conosco. Vamos embora amanhã de manhã. Adoraria conversar mais um pouco com você — a enfermeira sugere, tentando não ser inconveniente.

Marília reflete se deve ir ou não. A conversa certamente terminará em discussões sobre ser ou não ser, profissão, correria, vida monótona, prevenir e remediar.

— Não sei se devo.

— Seria um grande prazer! — a enfermeira insiste.

Marília aceita o convite, sua agenda não está tão lotada assim. Na verdade, é sua única opção para a noite.

— Preciso me arrumar.

— Não tem problema, vamos sair daqui a uns vinte minutos, acha que é tempo suficiente?

Marília responde que sim.

\* \* \*

— É uma injustiça do mundo!

— Não pense assim..

No horário combinado, Marília está na recepção do hotel. O engenheiro e sua esposa também. Os três engatam uma conversa que beira o desagradável, enquanto aguardam o médico e a enfermeira.

A mulher do engenheiro lamenta, inconformada, o fato de estar passando mal desde que chegara à Capadócia. Sonhara com esta viagem durante anos e, quando a oportunidade surgiu,

preferiram pintar a casa e trocar de carro, adiando o sonho por mais três anos. Não acha justo que, agora que está aqui, mal consiga sair do quarto.

— Não consegui nem fazer o passeio de balão! — exclama, esperando uma reação revoltada de Marília, à altura de sua indignação.

Mas Marília se cansa de consolá-la.

— A vida não faz acordos — diz.

A mulher do engenheiro mostra espanto.

— Do que está falando? O que sabe sobre a minha vida?

— Desculpe. É só uma frase que minha irmã me disse e que fez todo sentido para mim. Nada tem a ver com você. Só lamento que *eu* não a tenha entendido antes.

A esposa do engenheiro se cala, dá um discreto sorriso e começa a chorar. Marília se assusta. Teria ido longe demais? Pensa em perguntar se pode fazer algo para consertar o que quer que tenha feito de errado, mas, antes que o faça, recebe uma explicação.

— Meus hormônios estão loucos! Choro por causa de qualquer coisa!

— Desculpe ter tocado nesse assunto.

— Não foi culpa sua — o engenheiro a tranquiliza. — Ela anda emotiva.

— Mas ela está certa, querido, a vida não cumpriu o acordo — a esposa diz, em meio às lágrimas. — Eu quis tanto vir aqui, era o meu sonho! Fui adiando, trocando por casa e carro que poderiam ter esperado. Agora que tomei a decisão, a vida me prega esta peça! Como pode ser tão injusta?

A enfermeira e o médico chegam e ficam confusos com a cena.

— Se estão todos aqui, podemos ir andando — o engenheiro se apressa em dar fim às lamentações da esposa, puxando-a pelo braço para que se levante do sofá. — Vamos querida, chega. Se a vida não faz acordos, aproveite que agora ela está dando um tempo em suas crueldades e você não está passando mal.

\* \* \*

— Bem-vindos! — o grupo é recebido pelo animado dono do restaurante que fica a poucos minutos de caminhada do hotel.

Ele lhes entrega o cardápio e avisa que chamará um garçom com inglês fluente para atendê-los. Seu conhecimento do idioma é limitado. *Bastante limitado!*

— Você? — Marília mostra-se surpresa ao ver quem os servirá.

— Eu! Faço um bico, às vezes. Acha que só no primeiro mundo tem trabalho ilegal?

— Vocês se conhecem? — a enfermeira questiona.

— Sim...

Marília apresenta Paul a todos, dizendo que ele está hospedado no mesmo hotel e conta rapidamente como se conheceram.

— Então você está morando aqui — o médico conclui.

— Digamos que eu seja apenas um hóspede permanente, por enquanto — Paul brinca.

— Bom levar uma vida sem compromissos — o engenheiro emenda.

— Mas eu tenho compromissos — Paul o corrige. — Só que algumas pessoas escolhem ter compromissos com seus patrões, com as frustrações, enquanto eu, escolhi ter um compromisso comigo, com os meus sonhos. Mas, no final, todos nós temos algum tipo de compromisso, o senhor não concorda?

Marília percebe que sua vida está se infestando de garçons com lições de vida. *Gosto disso*, reflete. *Comer e evoluir*, conclui em silêncio, dando um discreto e solitário sorriso.

— Na verdade, levo uma vida mais leve — Paul complementa. — Vou ficando num lugar enquanto este lugar me quer e eu o quero. Quando nos enchemos um do outro, vou embora.

Marília lança-lhe um olhar de cumplicidade. Se fosse uma competição, estaria no time de Paul.

— Agora, vamos aos pedidos? — ele sugere, mostrando não se intimidar com os julgamentos. — Apesar dessa vida mansa que pareço levar, ao menos por esta noite, tenho um chefe!

Marília o observa anotar os pedidos. Sente que precisa aprender a viver o que acredita. *Preciso ir mais a restaurantes. É neles que encontro os meus gurus*. Brinca consigo mesma.

\* \* \*

— Não sei se vou conseguir comer — a esposa do engenheiro diz, diante do prato à sua frente.

— Tente, querida, não comeu nada típico da região desde que chegamos. É tudo tão saboroso!

O comentário atencioso soa como uma ofensa.

— Está vendo? — a mulher lamenta, tentando, sem sucesso, ser discreta. — Essa viagem era minha e você é que está aproveitando!

Cada um procura se concentrar em seu próprio prato, tentando ignorar a cena do casal. *A vida não faz acordos...*

Durante os três dias na cidade, a esposa do engenheiro deu algumas idas breves à rua, mas a maior parte do tempo ficou mesmo foi dentro do quarto, lendo e dormindo.

No hotel há uma estante de livros com a placa: "Se terminar de ler seu livro aqui, deixe-o aqui. Você vai carregar menos peso e permitirá que outros viajantes se deleitem com a leitura."

E os viajantes pareciam atender ao pedido. Muitos títulos eram deixados na estante e a esposa do engenheiro, talvez tenha sido, até então, a hóspede que mais tenha tirado proveito dela.

— Quem me dera ter a sua idade — o médico lamenta, tentando retomar o assunto da mesa.

— Mas você já teve um dia, não? Ou já nasceu com mais de 40 anos? — Marília rebate, arrancando risos até mesmo da chorona. — Mas o que faria se pudesse voltar no tempo?

— Talvez aproveitasse mais a vida. Faria algumas coisas mais loucas!

— O que seriam coisas loucas? — Marília instiga.

— Trabalharia menos e viveria mais. Dedicaria mais tempo a velejar, consumiria menos, para ter menos contas a pagar. Esta seria a minha loucura! Queria saber quem disse aos americanos que fomos colocados no mundo para consumir de maneira desenfreada!

— Concordo, mas não acho que seja uma questão de idade, e sim de decisão pessoal — Marília complementa. — Tenho 32 anos e estou arriscando meu emprego, mesmo sabendo que preciso dele. Prefiro correr o risco de perdê-lo a continuar na certeza de que estava vivendo pela metade. Não podia mais adiar planos.

Todos ficam calados e Marília sente vontade de rasgar seus livros de autoajuda. Está começando a se parecer com Melanie, uma chata que solta frases de efeito como se quisesse

catequizar o mundo. *Chega disso, Marília! Repreende a si mesma. Chega dessa conversa!*

\* \* \*

Assim que terminam de comer todos decidem ir embora. Teriam que estar de pé às cinco horas da manhã para serem levados para Ankara, onde pegariam o voo de volta para os EUA, com uma rápida conexão em Istambul.

— Você não vai embora amanhã. Pode ficar — Paul propõe, de maneira que apenas Marília escute.

— Eu?

Paul lança um sorriso convidativo, mas ela reluta por alguns instantes. Não sabe se a culpa é da bebida, mas um lado seu quer ficar. Está mais corajosa. Além disso, não tem compromisso algum no dia seguinte. *Até que não é uma má ideia.*

Marília acompanha o grupo até o lado de fora do restaurante, onde se despede dos dois casais. A enfermeira pede que troquem e-mails e Marília aceita, mesmo sabendo que nunca mais se falarão ou, no máximo, se adicionarão em páginas de relacionamento.

— Melhoras — Marília segura as mãos da mulher do engenheiro. — Espero que um dia volte aqui e possa aproveitar tudo o que sempre sonhou.

— Desculpe... — a mulher diz, caindo novamente num choro discreto.

— Não se desculpe, viva!

*Cale a boca, Marília! De novo querendo dar lições de vida!*

Ela larga as mãos da mulher e seu marido a arrasta pelo braço. *Os hormônios estão loucos ou dando um aviso?* Marília avalia. *Cuide da sua vida!*

Ao ver os casais se afastando, Marília é invadida por um violento e inesperado aperto no peito. Olha para trás e vê Paul no balcão. Volta a olhar para a frente. Pessoas "normais" como ela, com vidas atribuladas, estão indo embora e ela ficando. Sente-se caindo num abismo, tudo está escuro e solitário. É dominada pela confusão. O sentimento de culpa por estar deixando o trabalho acumular se faz imenso. Sente-se fora do mundo. Quer pegar sua bolsa e ir embora também. *Ei! Esperem por mim! É minha última chance de sair daqui! Não me deixem aqui!*

Marília parece decidida a ir embora, mas com a mesma violência do desespero, um surto de lucidez substitui o vazio de seu pânico. Ela fecha os olhos, respira fundo, respira novamente, mais uma vez, e se permite: *essa estadia é temporária, e o mundo não vai acabar só porque quero ser melhor para mim.*

\* \* \*

— Ontem eu lhe contei tudo sobre mim. Hoje é a sua vez. Como veio parar aqui? — Marília pergunta quando Paul termina o expediente e se senta ao seu lado no bar.

Está feliz por Paul estar usando uma touquinha que parece, ao menos, menos suja.

— Vim mudar a minha vida.

— Isso eu já sei. Mas pessoas de 35 anos não estão rodando pelo mundo assim, à toa.

— Mas eu não fui assim a vida inteira.

— Um à toa?

— Se é assim que você me vê.

Marília fica sem graça. Mas Paul tem uma armadura que o defende do que as pessoas falam

ou pensam dele. Essa capacidade de se resguardar lhe causa inveja. Como seria viver sabendo dosar até onde a opinião dos outros pode ir? *Como não mostrar quem somos através das marcas que vestimos?* Por isso se sentira tão nua quando chegou aqui? Não tinha suas roupas adoradas como cartão de visita, para ser admirada de imediato. Para Marília, ter tanta autoconfiança como Paul parece o mundo perfeito, a própria definição de liberdade.

— Eu levava uma vida normal, como a de todo jovem, cheia de planos para aproveitar o futuro — Paul começa a contar sua história. — Até que a princesa Diana morreu. A comoção em Londres foi geral, mas em mim bateu algo diferente. Era como se ela tivesse aguentado um monte de humilhações e crises, com a promessa de, no futuro, ser mais feliz. Mas o que aconteceu quando ela resolveu assumir seu namoro e ser livre para viver o que queria?

Sem saber o que a princesa Diana tem a ver com a história, Marília dá de ombros.

— Ela morreu!

— E isso fez você mudar sua vida? Ela morreu em 1997!

— Eu sei, é meio louco. Quando ela morreu, eu ainda era novo e não agi, mas quando comemoraram os dez anos de sua morte, foi ainda mais forte. Eu me senti como ela. Estava usando a minha vida para planejar a vida que eu *queria* ter. Sou formado em engenharia florestal — finaliza, com algo que, enfim, faz algum sentido para sua ouvinte.

— Mesmo?

— Mesmo. Trabalhava em uma multinacional e era um frustrado. Fazia meu trabalho, mas queria mesmo era mostrar a um bando de seres humanos idiotas o que eles estão fazendo. Se tivessem ideia do que está acontecendo! Da merda que estamos fazendo com o planeta!

— Desculpe, Paul, mas acho que perdi alguma coisa — Marília o interrompe, sem entender o discurso inflamado.

Ele a tranquiliza.

— Você não perdeu nada.

Ela se empolga quando começa a falar da natureza e do mal que o ser humano faz a ela, achando que o primeiro passo tem sempre que vir do vizinho.

— Mas essa é a minha história. Não queria estar naquele escritório. Não me sentia útil nem para mim mesmo. Quando chegamos aos dez anos de morte da princesa, senti que era hora de agir. Entendi que precisava *apenas* fazer. Era simples. Era só mudar, de verdade.

— E foi quando você veio para cá? — Marília tenta encaixar as peças do quebra-cabeça.

— Primeiro, vaguei pelo mundo, ficando um pouco aqui, outro ali. Sempre em contato com a natureza.

— Desculpe, mas ainda não entendi a relação exata com a princesa Diana. Paul olha para os lados fazendo alguns movimentos engraçados com a boca. Parece buscar as palavras certas.

— A morte da princesa tocou a todos em Londres. Pegou esta parte?

— Sim.

— E os dez anos de seu falecimento geraram nova comoção, certo?

— Certo.

— Ótimo. Em mim também gerou muita comoção, mas de forma diferente. Ela morreu justamente quando tomou a decisão de aproveitar a vida de verdade, sem amarras, sem medos do que a realeza pudesse esperar dela. Mas e aí? Levou uma rasteira da vida.

A frase que anda perseguindo Marília vem na ponta da língua: "a vida não faz acordos." Mas consegue segurá-la. Ao invés disso, faz uma pergunta mais razoável.

— Você fumou alguma coisa? — questiona, diante da história fantasiosa.

— Não, mas vou fumar agora, está afim?

— Não estou aqui para isso. Melhor eu ir embora.

Paul a surpreende, despedindo-se com um beijo no rosto e não insiste para que fique.

*Mas eu ficaria...*

## Dia seguinte

---

Marília tenta pegar o relógio, que apita alguns centímetros além do alcance de sua mão. Com certo esforço o alcança e desliga, só voltando a acordar ao meio-dia.

Lamentando acordar tão tarde, coloca uma roupa qualquer, pega um de seus livros e decide andar à toa pela rua. Quer observar as pessoas e entender o que está fazendo de errado, já que ainda não encontrara respostas para o tal equilíbrio que veio buscar.

Ao passar pela recepção, vê Paul lendo um livro.

— Aonde você vai?

— Estou com fome. Vou comer alguma coisa e depois quero aproveitar este sol para caminhar sem rumo.

— Almoçar tudo bem, mas caminhar sozinha pode ser perigoso — ele adverte, em tom de brincadeira. — Melhor eu ir com você.

Marília tem vontade de dizer que quer ficar sozinha, que não gostou do fato dele fumar maconha, que tem nojo de suas toucas sujas de crochê e que ainda está tentando entender a parte da princesa Diana, mas não tem coragem de recusar a companhia.

— Você até pode vir comigo, mas vou querer ler meu livro.

— Eu também. Não viu que eu estava lendo quando você chegou? Foi você que me interrompeu.

Marília dá um sorriso. Paul tem o dom de pensar rápido.

\* \* \*

Depois do almoço, Paul fica mais calado do que Marília esperava. Caminha pelas ruas sentindo os cheiros, admirando as cores, enfim, a vida do lugar, como se fosse seu primeiro dia. Sente prazer em cada passo que dá, como se a vida fosse vivida a cada microinstante e seu único plano fosse vivê-la.

Após a caminhada, se sentam embaixo de uma árvore a sós com seus livros.

— Posso perguntar uma coisa? — Marília interrompe a leitura de Paul.

— Deixa só eu terminar esta página — ele pede.

Marília volta a ler seu livro, contrariada.

— Agora pode falar — é autorizada.

Ela pensa em fazer charme, mas desiste. *Essa não é uma relação amorosa.*

— Por que escolher viver assim? Com tão pouco.

Paul olha para o horizonte.

— Meus pais me fazem esta pergunta todas as vezes que ligo para eles.

— Eles devem odiar a princesa Diana — Marília brinca, fazendo seu companheiro rir.

— Eu comecei a questionar certas atitudes. Por que eu precisava de tantas coisas no meu

apartamento? Eu não usava cinquenta por cento delas e percebia que viveria muito melhor sem a maior parte. Ao mesmo tempo, me sentia um atrasado se não entendesse das novidades tecnológicas. Quando eu conseguia comprar um celular da moda já estavam lançando outro! Quando eu estava aprendendo a mexer em um programa de computador já estava ultrapassado. Era uma permanente sensação de impotência angustiante.

— Você não tinha mais tempo para viver, só para se atualizar... — Marília parece falar de si mesma.

— Isso! — Paul mostra espanto diante da afirmação certa.

— Não se espante. Não são só os amantes da natureza que estão se sentindo esmagados por tanta informação. É como se você só fosse admirado depois de uma aquisição. Mas, você faz a compra, e daí? Nada acontece. A tal felicidade, por ter aquela tela de computador mais moderna do mundo não vem. A satisfação plena que deveria vir dentro da caixa, como brinde, simplesmente não está incluída.

Paul se mostra feliz com o que ouve. É o mesmo sentimento de vazio que tomara conta dele quando optou por sair pelo mundo e se permitir ser ultrapassado, em nome de viver a vida que acontecia além do cotidiano desgastante.

— Mas por que você está aqui se não quer virar bicho-grilo? — Paul questiona.

— Porque não quero mais ser *workaholic*, e nem tão radical quanto você. Não quero acumular riqueza em troca de desperdiçar a vida, mas também não quero gastar de forma irresponsável, não quero ser a pessoa que adia planos, nem a que age por impulso. Não quero deixar tudo para amanhã, mas também não quero precisar fazer tudo hoje. Quero achar o equilíbrio.

Os olhos de Paul brilham diante de um discurso tão perfeito.

— Acho que estou diante da mulher da minha vida.

Marília sente seu coração se remexer discretamente. Ignora-o. Tem certeza de que nunca se apaixonará por uma pessoa como Paul.

## Jantar

---

*Toc, toc, toc.*

Marília interrompe sua leitura. Caminha até a porta. Abre. Paul está diante de seus olhos.

— Desculpe, não quero me tornar inconveniente, mas gostaria de convidá-la para jantar.

Ela não sabe o que responder. Passaram a tarde inteira juntos. *O que este homem fazia antes de eu chegar aqui?*

— Você deve estar se perguntando: o que este cara ainda tem para conversar comigo...

*Quase leu meus pensamentos.*

— Mas é que achei muito interessante esse seu jeito de pensar em equilíbrio. Essa coisa do amanhã, do hoje e de fazer mudanças radicais *sem* ser radical.

Marília sabe o valor de uma conversa quando estamos confusos, quando os caminhos parecem tortos e a vontade de mudar bate de frente com a realidade e acabamos deixando tudo para depois. Mas o que ainda teria para conversar com Paul? Tinha virado uma ávida leitora de autoajuda e o máximo que poderia fazer seria lhe repassar algumas frases feitas.

— Tudo bem se não quiser — Paul diz, diante do silêncio.

— É que... Você não vai trabalhar? Já são sete da noite.

— Vou. Seria depois.

— Acho que vai ficar um pouco tarde. Amanhã vão me pegar às cinco da manhã para voar de balão.

Paul dá um sorriso tímido e se desculpa por ser inconveniente. Marília olha-o nos olhos. Sente algo estranho. Quer voltar atrás e aceitar o encontro. Ele parece mudado e mais centrado, desde que se separaram, duas horas atrás. Ela pensa em seus livros e mais uma vez quer rasgá-los. Mais uma vez tinha dito palavras de questionamento a uma pessoa que estava quietinha no canto dela. Além disso, sente que Paul tem uma queda por ela. Como mostrar que não quer nada com ele sem partir o seu coração?

— Não quer me convidar para almoçar amanhã? — ela sugere, diante de seu rosto sem consolo.

O sorriso de Paul se ilumina. E o coração de Marília se remexe.

Ela volta para a cama e termina de ler as últimas páginas de um de seus livros. Depois pensará como deixar claro para Paul que não quer nada com ele. *Não é o tipo de homem para mim.* Agora, só tem cabeça para curtir a ansiedade do passeio do dia seguinte. A ideia de voar de balão pela Capadócia a faz transbordar de expectativa. Está tão ansiosa que mal consegue pregar os olhos. Os livros ganham ponto, porque lhe fazem companhia até duas horas da manhã.

Às cinco horas da manhã, Marília está de pé em frente ao hotel aguardando a van que a levará até o local de partida do balão. Apesar de ter dormido menos de três horas, não sente sono. Seu coração está disposto a lhe causar as mais deliciosas emoções.

Já no campo de onde sairá o balão, Marília recebe as instruções e não consegue acreditar que está vivendo tudo isso, de verdade. Viu tantas vezes esta experiência em vídeos na internet que se pergunta se não está diante de mais um deles. Como resposta, recebe uma onda de emoção, uma sensação inexplicável de estar vivendo intensamente.

Entrar no balão e vê-lo se afastar do chão é a parte mais difícil. Todos parecem dividir a sensação de medo. Mas à medida que se vai ganhando altitude e velocidade, a ansiedade dá lugar à contemplação de um mundo vivo. Um mundo que existe, uma Marília que existe. Em pleno dia de semana, ela está aqui, vivendo o que seu trabalho pode lhe proporcionar. *Então, isso é vida...* Sente como se toda a correria, agora, valesse a pena. *Estou, enfim, fazendo uma troca justa.*

— Não entendo como ele pode perder tudo isso — Marília ouve, sem querer, o comentário de uma mulher que completa o grupo de seis turistas a bordo.

Ela fala baixinho com o marido apontando, com o olhar, um garoto de uns dez anos de idade, que admira a vista enquanto escuta o seu iPod.

O marido concorda, ao perceber que os pais parecem não se importar. É natural que o menino ouça música, mas Marília entende o que o casal intrometido quer dizer. *São tantos sons novos. O som do balão, o som do vento, o som do nada, o som do tudo.*

Talvez, mesmo sem o fone de ouvido, o menino não conseguisse se envolver no passeio. Está inserido num mundo tão acelerado que a concentração é algo que não lhe cabe mais. E essa dádiva não pode ser dívida com mais nada. Precisa dos olhos para ser contemplada, dos ouvidos para ouvirem o som singelo e dos lábios para emitirem os sons de êxtase.

Marília imagina que, provavelmente, os pais do menino acham natural e até admiram a habilidade da nova geração para fazer tudo ao mesmo tempo. Mas não percebem, ou não querem perceber, que seu filho pode nunca mais viver uma experiência como essa. Talvez o pai nunca mais tenha a oportunidade de lhe mostrar um mundo novo como o que está agora à sua frente. Quando se lembrar desse passeio, o menino não se lembrará da voz do pai, nem da mãe. Não se lembrará dos novos sons ou dos "Oh!'s" emitidos pelos turistas a cada nova cena. Quando recordar esse dia, só se lembrará de um único som: o do seu moderno e potente aparelho de música. Sem que os pais percebam, ele está vivendo uma experiência solitária, apesar de estar tão perto das pessoas mais importantes da sua vida. Mesmo que ainda seja muito novo para saber disso.

Marília está feliz em sentir que está conseguindo ver além da vida louca. Está orgulhosa de estar resistindo ao celular, computador e demais eletrônicos, antes, imprescindíveis.

Avalia que o menino à sua frente parece crescer com todos os tesouros materiais que os pais podem comprar, mas não tem um bem único: a habilidade de desfrutar com intensidade. De valorizar o momento, a conquista de viver. Marília se lembra do homem sem paladar. Esse menino tem ouvidos perfeitos, mas é surdo.

\* \* \*

Ao descer do balão Marília está alegre demais para voltar para a cama e descansar. É

deixada no hotel às dez horas da manhã e precisa dividir com alguém a sensação maravilhosa de querer gritar de alegria.

Hipnotizada pelo êxtase da superação e atraída pela ideia de que Paul está interessado por ela, decide bater na porta dele. *Se ele pode me incomodar, eu também posso.*

*Toc, toc, toc.*

— Paul! — ela chama seu nome, ao ver a porta se abrindo diante de seu toque. — Podemos adiantar o almoço? — pergunta, sem entrar. — Paul!

— Estou um pouco ocupado — ele diz, com a voz ofegante, ao ver a porta se abrir.

Marília sente o cheiro forte. Fica tensa. Paul aparece na porta enrolado em um lençol verde claro. Ela percebe alguém se movimentar atrás dele. Uma menina de uns vinte e poucos anos abraça-o pelas costas. Marília está sem reação.

— Está um pouco cedo para o horário que combinamos — ele diz.

Ela se sente ridícula e humilhada. Como pôde imaginar que ele tinha alguma queda por ela? *Quem você acha que é? Fica por aí andando com essas roupas simples, quem se apaixonaria por você? Já tem mais de 30 anos! Ponha-se no seu lugar!*

— Marília, está tudo bem?

*Não!*

— Drogas são aceitas no hotel? — é tudo o que ela consegue dizer. — Estamos na Turquia, você pode ser preso!

Paul coça a cabeça.

— A gente toma cuidado.

— A gente? Então vocês dois estão juntos? — age como se o homem à sua frente fosse seu namorado. — Quer saber? — diz, antes que possa receber a resposta. — Eu vou embora!

Marília dá as costas esperando que Paul venha atrás inventando alguma história. *"Não foi bem isso o que você viu" já serve!* Mas ele não vem. Ela para e olha para trás. A porta do quarto dele já está fechada.

\* \* \*

*Onde eu estava com a cabeça esse tempo todo?*

Sozinha em seu quarto, somente os questionamentos fazem companhia a Marília. Primeiro, achou que estava rolando um clima. Depois, pensou que poderia ser amiga de um cara que largou tudo para viver no meio da natureza e gasta todo o seu dinheiro em baseados. *Um bandido que deveria ser preso!*

Marília se deita na cama e vê o ânimo sair pela porta. Uma sensação ruim começa a dominá-la aplacando sua vontade de gritar de felicidade. Criara um cenário em sua imaginação e agora a vida mostra que não quer fazer parte dessa peça. Retoma uma frase de um de seus livros: "a vida pode até ser sonhada, mas deve ser vivida um dia de cada vez. Passo a passo. Surpresa a surpresa". *Só assim para a gente não ser surpreendida.*

Vira o rosto e enxerga a pilha de livros na mesa de cabeceira. Não veio até aqui para viver um grande amor. *Nem para salvar o mundo.* Veio para crescer. É hora de ir atrás de seu companheiro fujão: o ânimo. Acabara de realizar um sonho, é hora de alegria e de orgulho, não de decepções sem sentido. Com autocontrole, manda o desânimo esperar até a noite para se manifestar. Aí, ela lhe dará uma bela rasteira, fechará os olhos e terá belos sonhos.

\* \* \*

Marília volta para o hotel já no início da noite. Resolveu pegar um *tour* depois do almoço, uma caminhada de três horas no meio das chaminés das fadas.

Se Paul bateu em sua porta enquanto ela esteve ausente, não sabe, nem procurou saber, apesar de desejar que o tivesse feito. Mas de uma coisa ela tem certeza: está cansada e feliz. Toma um banho e desmaia na cama, encantada por conseguir sentir tanto orgulho de si mesma.

## Alegria

---

*"Não sei quando vai ler este e-mail. Seu pai voltou para o hospital. Ele está bem, foi só um exame de rotina. Sei que vai querer voltar correndo, mas só volte se já tiver encontrado o que foi buscar aí.*

*Minha filha, sua avó sempre dizia uma frase que estava esquecida nas minhas lembranças, mas que não sai da minha cabeça desde que você viajou: Podemos passar a vida sonhando com o dia de amanhã ou aproveitar o hoje como se o amanhã nunca fosse existir.*

*Hoje, decidi que deveria lhe contar isso. No dia de nosso fim, não importa se acumulamos riquezas ou se não temos um centavo. Iremos todos para o mesmo local. Seremos esquecidos da mesma forma. Se deixarmos muito dinheiro, os herdeiros brigarão como inimigos e até nos rogarão pragas por não termos feito uma divisão satisfatória. Se deixarmos pouco, lamentarão nosso insucesso. E assim, nossas boas ações vão sendo levadas pelo tempo.*

*Amo você e respeito suas escolhas. Temo pelo futuro dos meus filhos, mas não posso nem mesmo garantir que chegarão lá. Quando seu pai me deixou, sofri muito porque eu tinha muitos planos para o "amanhã". Sonhava com as viagens a sós que faríamos depois que vocês saíssem de casa, com a volta do romantismo, com os dias de alegria. Mas, enquanto eu sonhava com o futuro, seu pai vivia o presente, só que com outra pessoa. Eu agia como se o futuro fosse algo que me pertencesse. Errei.*

*Eu achava a frase da sua avó inconsequente e, por isso, talvez nunca tenha dado valor. Mas quando ouvi você falar em equilíbrio, senti que ela podia me ajudar. Era sábia.*

*Os filhos ensinam muito aos pais. Estou aprendendo com você. Obrigada.*

*Sua mãe."*

Marília está estática diante do e-mail, recebido em seu sétimo dia na Capadócia. Acordou cedo, animada para mais um passeio, mas resolveu usar o computador antes de sair.

As lágrimas lhe vêm aos olhos, mas elas as segura a tempo. Lê e relê o e-mail. Não parece a sua mãe escrevendo. Lembra-se de mais uma frase de seus livros de autoajuda: "quando você se transforma, tudo ao seu redor também se transforma". Apesar da forte emoção, sente-se bem.

Lê o e-mail da mãe uma última vez. *Encontrei o que fui buscar? Já posso voltar para casa?* Marília não tem resposta, mas sua meia hora chega ao fim. Confusa, precisa caminhar, precisa pensar. Quer ligar para saber como está o pai, mas se a mãe diz que ele está bem, ele está bem.

Após duas horas vagando sem rumo, Marília volta decidida para o hotel: é hora de ligar para casa. Está em busca do equilíbrio, não em uma prisão.

A mãe atende e, ao saber que é a filha mais nova, retribui de forma calorosa. Marília corresponde, mas logo encurta os afagos para perguntar o que precisa saber.

— Seu pai está bem. Fique tranquila.

— Tentei ligar para ele, mas o celular está fora de área.

— Não pega bem dentro do hospital.

— Obrigada por me dar notícias.

— Mesmo com nossos problemas, ele é seu pai.

— Ainda assim, obrigada.

Um breve silêncio toma o lugar das falas educadas.

— Mãe.

— Sim.

— Ainda não achei o que eu vim buscar aqui.

— E você sabe o que foi buscar aí? — ela questiona, de forma doce, uma reação rara quando se trata deste tipo de assunto.

— Não... Estou lendo bastante sobre autoconhecimento. Mas acho que estou vivendo apenas uma aventura, sem foco. Tenho a impressão de que vou voltar para casa e em poucos dias tudo voltará a ser como antes.

O silêncio consome mais alguns minutos da ligação internacional.

— Tenho que desligar — Marília finaliza.

— Fique com Deus.

— Tchau.

— Marília!

— Mãe? Estava quase desligando.

— Queria lhe dizer uma coisa.

— Sim.

— Eu acho sua vida interessante e agitada, mas não a quero para mim. É você quem tem que avaliar.

— Por que está dizendo isso?

— Lembra quando me perguntou sobre qual seria meu último desejo se soubesse que iria morrer amanhã?

— Lembro.

— Hoje entendo aonde queria chegar. Não somos donos do futuro para depositarmos todas as nossas fichas nele.

Marília está confusa. Não sabe o que está acontecendo com a mãe. Aquelas palavras não são dela, mas emocionam.

— Espero que encontre o seu equilíbrio.

— Obrigada.

Marília desliga. Seu coração parece agradecido pela conversa. Sente-se mais tranquila por saber que o pai está bem e que a mãe, à sua maneira, a está apoiando. De alguma forma, percebe que já havia encontrado um pouco do que veio buscar.

A manhã se vai, mas a tarde está só começando. Marília decide que é hora de fazer o que tinha prometido a si mesma: observar as pessoas da Capadócia. Ver famílias, idosos, saber como vivem.

Deixa o celular no quarto e ganha as ruas. Seu estômago exige comida e ela se senta num café, que já está se tornando o seu predileto. Os atendentes já a reconhecem, apesar de não trocarem muitas palavras pela limitação do idioma.

O dia está agradável e Marília se acomoda em uma pequena mesa do lado de fora. Sente falta de Paul. *Queria que ele aparecesse aqui.* Mesmo com sua touca suja. Sente falta do seu riso gratuito, de seu rosto pensativo, de suas histórias loucas com a princesa Diana. Mas logo trata de mudar os pensamentos. Paul não faz parte dessa viagem.

Delicia-se com seu chá de maçã e não gosta do fato de ver que todo mundo fuma por aqui. Meninos passam com um cigarro na boca, como se fosse um pirulito. Pais fumam na cara de bebês.

*Então, o que aprenderei com esses turcos?* Gosta de estar aqui, mas não consegue tirar nada da vida dessas pessoas que possa aplicar à sua. *Se ao menos tivesse alguém para conversar, trocar ideias... Se ao menos Paul estivesse por aqui...*

— Olá.

— Paul!

*É assim? É só pensar nele que ele aparece? Assim, tão simples?*

— Posso me sentar? — ele pergunta, parecendo sem graça. — Queria falar com você sobre o que aconteceu ontem.

Marília o olha nos olhos e quer dizer não. Mas fazer charme não é nem ao menos plausível. Em alguns poucos dias irá embora, e não há nada entre os dois. Foi tudo fruto de sua imaginação. Ele podia sair com quem quisesse.

— Posso ou não? Não vou tomar muito do seu tempo. Quero apenas a chance de esclarecer.

— Senta — Marília autoriza, com desdém tentando ser racional, mesmo com uma ardência no estômago que sabe bem o que significa: atração.

Paul puxa uma cadeira e se acomoda.

— Queria pedir desculpas pelo que você presenciou ontem no quarto. Perdi o limite. Acho que estou perdendo *todo* o limite. Minha busca está perdendo o rumo.

— Está usando seus dias à toa — ela avalia, parando por alguns instantes. — Desculpe, não tenho nada a ver com a sua vida.

— Não, foi bom você falar sobre isso! Eu não tenho nada com aquela moça — Paul mostra-se aliviado por poder explicar. — Ela chegou ao hotel com aquilo, acabei fazendo amizade e deu no que você viu. Mas não me senti bem. Quando vi você indo embora, percebi que nunca gostei muito de fumar aquele negócio. Vi que estava te perdendo.

Marília fica calada. Tenta controlar o coração inquieto, virtude dos apaixonados. Está assustada com a falta de controle. *Paul não é nada do que eu quero para mim... Mas ele estava com medo de me perder...*

— Gostaria de conversar mais com você. Suas palavras são sensatas.

*As minhas?* Mesmo seduzida, ela se esforça para manter a boca fechada. Não veio de tão longe para conversar com alguém que quer se encontrar. Está aqui para encontrar *a si mesma*.

Não é como Melanie, que quer mudar o mundo. Um pouco de egoísmo, neste caso, seria melhor descrito como foco. Sua meta precisa ser não se envolver com Paul.

— Queria lhe fazer um convite — ele tenta quebrar a distância que Marília colocara entre os dois.

— Faça.

— É uma surpresa.

— Por que aceitaria?

Paul mira em seus olhos e usa do seu sorriso mais sedutor.

— Porque seria uma honra para mim.

Subitamente, Marília deixa o rancor de lado. Paul acaba de dizer palavras mágicas: surpresa, honra, perder. Está envolvida demais para recusar.

\* \* \*

— Espere aqui — Paul pede, ao chegarem a uma pequena praça.

— Você é o chefe, não vou sair daqui — Marília brinca, sentando-se na calçada.

Sob o sol ameno da tarde e o vento refrescante, ela se perde em divagações. *Há quanto tempo não me sento numa calçada? Questiona, surpresa com o prazer de algo tão simples. Como as pessoas parecem grandes vistas daqui de baixo. O céu parece maior...* Brinca consigo mesma.

Sente vontade de ficar parada. Nem mesmo os pensamentos são bem-vindos, somente o vento que abraça merece um lugar de destaque.

— Vamos? — Paul interrompe o devaneio de Marília, estendendo a mão para que ela se levante do chão.

De pé, ela limpa sua calça jeans e dá um olá ao adolescente turco que agora acompanha Paul.

— Onde vamos? — ela pergunta, apertando o passo para alcançar os dois.

Mas Paul não precisa responder. Uma *scooter* preta logo lhe é apresentada. Sem que Marília tenha tempo de esboçar reação, o rapaz turco dá algumas orientações rápidas e dá as costas, desejando bom passeio. Paul sobe na moto com propriedade.

— Pronta? — ele estende a mão para que Marília faça o mesmo.

— Hã? — é o máximo que ela consegue expressar.

— Vamos! Não vai dizer que tem medo!

Até tem medo. Mas esse não é o motivo.

— Confie em mim!

Marília confia. *O que uma moto pequena como essa pode causar de danos, diante de uma queda?* O problema é outro.

— Desculpe — ela diz, colocando uma mão na cabeça e a outra na cintura, tentando disfarçar a cara de gatura. — Dá para você desligar a moto? Por favor. Só por um instante.

Paul atende o pedido. Qualquer motivo poderia estar passando por sua cabeça, que hoje não sustenta touca alguma.

— O que foi?

— Cadê, cadê a minha moto? — ela gagueja, tentando disfarçar.

— Mas você sabe pilotar? — Paul pergunta, surpreso.

— Não...

— Então teremos que ir em uma só. Você vai na garupa. Suba!

Marília põe a mão sobre os olhos, respira fundo e ajeita os cabelos que estão presos em um coque displicente.

— Eu preciso confessar uma coisa — ela diz, rapidamente.

— O quê?

Ela pondera se vale a pena contar ou tentar encarar o passeio, de olhos fechados. *Não seria tão difícil*. Mas só de olhar para Paul, ela desiste. Não vê outra opção, senão dizer a verdade.

— Não é nada pessoal, pode parecer estranho, mas...

— Mas o quê?

— Mas eu tenho nojo de cabelo de *dread*.

— Do *meu* cabelo? — Não, não, não! — ela se apressa em esclarecer. — Não do *seu*, mas de qualquer cabelo tão sujo assim!

Paul não esconde a surpresa diante da ousadia.

— Paul, fala alguma coisa! — ela implora, aflita. — Você é um cara legal! Eu sei que soa meio estranho e até parece que sou fresca, mas estou aqui para tentar mudar um pouco. Se fosse antes, eu nem conseguiria me sentar à mesa com você, mas tenho me esforçado...

— Você tem nojo de comer perto de mim? — ele pergunta, com o olhar distante. — Todos os dias você sentia nojo?

— Não! Não é isso! — Marília tenta escapar, mas se enrola nas próprias palavras. — Não vou ficar dando explicações. Você me desculpe, mas não vou andar de moto com seu cabelo na minha cara, não dá. Impossível, sem chance. Não vai acontecer — aperta as mãos sentindo gastura ao imaginar a cena.

Paul continua com a mesma expressão. Um semblante tranquilo, com certo ar de dúvida. Marília está apreensiva com o que virá.

— Só um minuto, por favor — ele pede, descendo da moto. — Preciso devolver a *scooter*.

— Paul... — Marília ainda tenta argumentar, enquanto ele se afasta.

No meio do caminho até a loja de motos, Paul olha para trás.

— Esqueci de perguntar — grita. — Ainda está interessada no passeio? Não vai ter cabelo na sua cara.

Marília comprime os lábios, mostrando arrependimento pelo que dissera.

— Ainda interessada no passeio? — Paul repete.

Marília faz que sim com a cabeça.

Ela se senta na calçada novamente e enfia a cabeça entre as pernas. Os minutos de espera parecem intermináveis, mas Paul logo aparece puxando duas bicicletas, uma em cada mão.

— Vamos? — sua voz faz Marília levantar a cabeça enterrada entre os joelhos. — Ao menos sabe andar de bicicleta, não sabe?

Marília dá um sorriso sem graça, seguido de uma resposta afirmativa. Seus lábios parecem a ponto de estourar de tanta pressão. Já de pé, ela sobe em uma das bicicletas.

— Quanto eu te devo? — ela pergunta.

— Nada — Paul responde, subindo na bicicleta e deixando-a para trás como um moleque.

Marília começa a pedalar devagar, seguindo atrás, quando na verdade a sua vontade é virar à esquerda e ir em direção ao hotel.

Paul já está muitos metros à sua frente e, ao perceber que ela ainda está longe, grita:

— Ande mais rápido! Melhor vir ao meu lado, porque se ficar atrás de mim, meu cabelo vai

ficar te encarando!

Ela sorri, sem saber se o comentário vem cheio de mágoa ou é apenas uma brincadeira. Mas atende ao conselho. Acelera, ultrapassando-o. É o chamado para uma corrida.

Muitas pedaladas à frente, o cenário começa a exibir sua majestade. As casas ao longe se confundem com as pedras, o vento sopra delicioso nos cabelos, quase ninguém à vista na paisagem lunar. Tudo o que havia visto do balão agora está tão perto. Andar nesta bicicleta, dá uma sensação de liberdade, de pertencer, de ser parte de uma outra comunidade, uma outra realidade.

— Até onde vamos? — Marília emparelha, mostrando-se exausta.

— Só mais um quilômetro — Paul responde, com o cansaço sob controle.

— Mas já andamos quase dez!

Paul a ignora e acelera. Algumas barracas apontam ao longe.



— Achei que a gente não fosse parar nunca! Estou exausta — Marília revela, descendo da bicicleta.

— Por isso, eu queria vir de *scooter*...

— Se importa de esquecermos meu comentário sobre o seu cabelo? — ela o interrompe, colocando a bicicleta no descanso e se jogando no chão.

Paul concorda em não falar mais no assunto e se joga ao lado dela. Não aparenta tanto cansaço quanto Marília, mas a *scooter*, definitivamente, teria sido mais prazerosa.

— Quer saber? — ela comenta. — Tudo tem seu lado positivo. Vou poder comer o que eu quiser hoje à noite. Sem culpa.

— Pena que não vai ter forças para comer nada — Paul devolve.

— Verdade, ainda tem a volta! — ela respira fundo. — Será que se a gente pedir carona a um ônibus desses de excursão eles levam a gente? Você conhece tanta gente por aqui.

Paul fica calado.

— Desculpe... Estou adorando o passeio.

— Sabe por que paramos aqui? Marília faz que não com a cabeça. Para ela, é apenas mais um local cheio de pedras que fazem parecer que estão na lua.

— Está vendo ali? — Paul aponta.

— Onde?

— Ali. Aquela pedra é um coelho.

— Coelho? Sim! Um coelho! Vi em um dos meus guias! — Marília vibra, como uma criança. — É aqui que tem o salmão subindo o rio?

— É... — Paul responde, sem entender a alegria repentina.

Todo o cansaço de Marília parece sumir, enquanto tenta encontrar também o famoso camelo.

Paul ri e também se levanta, para ajudá-la a buscar as figuras indicadas no guia. Logo ela saca a câmera e, como qualquer turista, rico ou não, *hippie* ou não, com roupas caras no guarda-roupa ou não, faz poses nas pedras que antes estavam apenas em seus guias e agora fazem parte de sua vida, de sua história.

Marília se emociona ao saber que está num lugar onde as formas de cogumelos são chamadas de chaminés das fadas. É a realização de algo que pensava jamais conseguir fazer sozinha. Realmente está na Capadócia. Em momentos como este, tem certeza de que não é um sonho ou apenas planos espremidos em sua agenda lotada de coisas perfeitamente adiáveis. Não é algo que está planejado para o futuro, é o presente. *O futuro chegou.*

Após os momentos de deslumbramento, Marília senta-se novamente no chão, ao lado de Paul.

A conversa flui tão leve, animada e tranquila que ela não se dá conta de que o rosto dele está perigosamente próximo ao seu. Sente o coração bater, apreensivo. Os lábios dele encostam nos seus. Nada os impede.

— Desculpe... Mas eu não consigo — Marília diz, com os olhos fechados, sentindo a respiração de Paul bem perto. — Quando eu beijo, coloco a mão no cabelo da pessoa e acho que não vou gostar de tocar o seu — finaliza, abrindo os olhos e afastando o rosto.

Paul não diz uma palavra. Continua com os olhos fechados, deixando Marília encabulada. Quando decide abre os olhos, Marília o está olhando.

— É por isso que eu fumo maconha, sabia?

*O quê?*

— Vamos embora! — ela ordena, levantando-se bruscamente. — Quer saber de uma coisa? Se permite que eu me intrometa um pouco em sua vida, você é tão vazio quanto eu. Está precisando rever os seus conceitos tanto quanto eu estou!

Paul não responde e Marília continua:

— Cada um tem uma maneira de confrontar sua própria sociedade. Eu entendo você, porque chega uma hora em que percebemos que queremos ser quem somos e não o que querem que a gente seja. Anular-se, apenas para ser aceito, já não faz tanto sentido. Mas, sinceramente, não acredito que as drogas sejam a resposta! — finaliza, revoltada.

— Em que livro de autoajuda você leu isso? — Paul rebate, enquanto Marília sobe na bicicleta, irritada por estar provando do próprio veneno.

— No da minha própria vida! — devolve, com grosseria. — Por isso estou aqui! Do contrário, estaria na minha casa, usando drogas bem mais pesadas do que maconha — dispara na bicicleta, sem esperar a resposta.

\* \* \*

A volta é silenciosa, quase insuportável. Marília não consegue mais observar a paisagem, nem pensar na briga que tivera com Paul. O cansaço é cruel. Não pode desperdiçar sua

energia pensando na raiva que está sentindo. Precisa de cada gota de suor, cada suspiro, cada pensamento, tudo deve ser poupado. Suas pernas dão sinais de que podem cair a qualquer momento. Seus joelhos ardem como fogo. A bunda está dormente e os braços já nem têm força para frear quando necessário.

Em alguns momentos em que a dor dá uma trégua, ela avalia que foi longe demais em suas aventuras. Nos dias que lhe restam, só vai explorar a Capadócia em tour, dentro de um micro-ônibus bem fresquinho e confortável. *Quero todo o luxo que o meu dinheiro pode comprar. Chega de buscas!*

Após intermináveis quilômetros, surge ao longe a praça de Goreme e Marília ganha fôlego para acelerar. Já são quase seis horas da tarde e seu estômago reclama de fome, mas ela só pensa em tomar um banho, engolir um analgésico para a dor e desabar na cama do seu hotel de pedra.

— Obrigada — diz ao adolescente turco, na loja de aluguel de bicicletas e motos.

Marília se arrasta em direção ao hotel. Paul a segue. Tenta conversar, mas ela não responde às suas perguntas. Ela mesma precisa de respostas.

Mais uma vez pergunta-se por que nos livros estas incursões em busca de paz espiritual são tão interessantes, enquanto a dela parece estar dando errado desde o primeiro dia. Começa a achar tudo um tédio, um sacrifício desumano, sem propósito. A brincadeira amorosa com o rapaz que não faz parte do seu mundo acaba aqui.

— Toma, Paul — ela estende a mão, impaciente, dando-lhe um livro, assim que chegam na porta do hotel.

— Para mim? — ele reluta em pegar.

— Sim, um presente para retribuir o passeio de bicicleta — justifica, subindo as escadas, degrau por degrau, como uma velhinha de cem anos.

— Mas é o livro que você estava lendo quando nos encontramos hoje!

— Exatamente. Quando você me encontrou na hora do almoço eu estava na última página. Não é o melhor livro que já li, é meio lento, um tanto teórico, mas a ideia é o que importa. A partir da página 80 fica mais interessante. Persista.

— Mas, Marília...

Ela bate a porta na cara dele.

*Fim.*

\* \* \*

Já na cama, Marília faz movimentos lentos e calculados para que sua mão entre no pacote de batatas. O mesmo processo é feito com o chocolate que vem a seguir. Enquanto olha para o teto, tentando fazer a menor quantidade de movimentos possível, ela se lembra da passagem de um livro: "Quando estamos vivendo uma nova experiência, devemos contar a nós mesmos o que está acontecendo, assim teremos força para continuar a jornada." Segundo o autor, a reflexão nos dá forças e nos faz tomar uma distância necessária para analisar os fatos.

Marília começa seu relato timidamente, mas em tom de revolta. Ao menos sua boca não dói.

"Que dia! Estou exausta. Se aqui tivesse televisão, eu estaria assistindo, mas como não tem, estou tendo tempo de me ouvir e até de me contar esta história — ri. — Que bom não ter TV!

Hoje recebi um e-mail do meu chefe. Parecia nervoso porque eu não respondo os e-mails que ele envia. Questionava para que tenho um celular multifuncional, e respondi: "Também

não sei. Estou pensando em vendê-lo quando voltar e trocar por um celular bem popular que só faça e receba chamadas." Segundos depois ele me respondeu, dizendo que achava engraçado, mas que eu não tinha respondido às suas perguntas. E não tinha mesmo, nem vou. Estou de férias! Não foi fácil fazer isso e manter a distância, mas eu fiz. Não sou escrava de um telefone e, se quisesse ser localizada a cada passo, colocaria uma coleira com GPS nas minhas pernas. Mas precisar ser monitorada o tempo todo não é coisa de detento? Estamos todos presos?

Não estou mais entendendo o mundo. Antes, talvez, eu veria algum glamour em ficar atendendo a várias chamadas mesmo estando tão longe. Sentiria que sou importante, mas hoje vejo que seria ridícula! O mundo não vai cair se eu não atender a uma ligação. Ninguém é tão importante assim. Nem eu."

Marília adormece. O cansaço é mais poderoso que seus pensamentos.

## Paul

---

Marília abre os olhos. Suas pernas doem mais do que no dia anterior e sua coluna parece partida ao meio. Com um esforço desumano, se levanta lentamente e caminha até o banheiro para tomar banho. Veste um moletom lilás claro e abre a janela. O sol de meio-dia parece cegar de tão vivo e brilhante, apesar de a temperatura não lhe ser correspondente, não faz mais do que 18 graus.

Ela coloca os óculos escuros e vai até o restaurante ao lado do hotel para almoçar, tentando disfarçar ao máximo seu andar estranho.

A refeição é servida rapidamente. Ela come e caminha de volta ao hotel tentando manter a mesma velocidade com a qual mastigou, mas suas pernas nem de longe conseguem ser tão ágeis quanto sua boca. Ela toma mais uma dose dupla de analgésicos e se joga na cama para ler.

Após uma tarde entre livros e cochilos, sente-se revigorada. Seu corpo ainda dói muito, mas sua barriga parece ter voz própria, ela ronca de fome, fazendo barulhos vergonhosos. Ela ataca seu inseparável pacote de batata, enquanto se arruma com estilo. Já está cansada de andar de tênis e todo tipo de roupa confortável. Opta por uma de suas adoradas camisas brancas Anne Fontaine de mangas compridas, calça uma sandália rasteira cheia de pedrarias e veste a única calça jeans que não havia usado até agora. Exagera nos acessórios, quer se destacar esta noite. *Quem sabe Paul estará no bar? Pensa, enquanto passa o rímel. Espero que não esteja, Marília! Você não veio aqui para se apaixonar. Ele é quase um homem das cavernas e você não se apaixona por gente assim! Olhe-se no espelho, você gosta desse luxo! Gosta muito!*

Pronta, ela abusa do perfume, como se não o usasse há anos. Na recepção do hotel, esbarra com duas mochileiras que conhecera alguns dias antes em uma caminhada. Trocam alguns "ois" educados e comentam sobre o dia. Quando se despede, Marília diz que está indo a um pequeno restaurante no fim da rua. Estão convidadas.

— Talvez a gente apareça por lá. Vamos usar a internet agora — agradecem a gentileza, dando sinais de que não passa de educação.

Com um de seus livros nas mãos, Marília caminha em direção ao restaurante. Está começando a se sentir parte da cidade, mesmo que isso só aconteça agora, no fim de seu oitavo dia e quando está vestida mais para um jantar em algum restaurante japonês transado do que em um bar enfiado no fim do mundo. *Mas eu até que gosto desse fim de mundo.*

\* \* \*

Tapetes e almofadas fazem as vezes de cadeiras. Marília se acomoda. O garçom traz um chá de maçã e ela não consegue dominar seus pensamentos. Sente uma falta agressiva de Paul.

Queria tê-lo por perto para ele ver como está bonita, cheirosa, saudosa. Tenta, mas não consegue parar de pensar no que acontecera no dia anterior. *Chega!* Não está aqui para ver duendes, fazer uma viagem espiritual ou contestar o mundo. *Nem para encontrar um grande amor!* Quer apenas se conhecer um pouco mais, aprender sobre uma nova cultura e relativizar seus conceitos arraigados. *Se quisesse uma viagem espiritual teria feito o Caminho de Santiago de Compostela! E se quisesse um namorado não seria aqui que viria buscar! Nunca!*

Somente após beber toda a caneca de chá de maçã, Marília consegue amansar seus pensamentos e fixá-los na leitura do livro. Voltou para *O Castelo de vidro*. Quer ler sobre a vida dos outros e tirar uma folga da sua.

— Posso me sentar aqui? — uma voz masculina pergunta.

— Sim, claro — Marília diz, sem olhar para cima para ver quem pede. Não havia gostado do início do livro, mas agora, por algum motivo, não consegue mais desgrudar os olhos.

— Como você deixa um estranho se sentar à sua mesa, sem nem olhar para ver quem é? E se ele tiver *dread* no cabelo?

Marília sente o estômago arder. Pressiona os lábios. Seu coração está acelerado. *Por quê?*

— Não vai olhar para mim?

*É ele!* Levanta o rosto, feliz.

— Quem é você? — questiona assustada.

Seus olhos demoram a reconhecer o homem à sua frente.

— Paul?

— E quem mais poderia ser?

— Cadê o seu cabelo?

Ele dá um largo sorriso e se senta em uma das almofadas ao lado de uma Marília ainda incrédula.

— O que aconteceu com o seu cabelo?

— Cortei.

— Como você é bonito! — ela exclama abismada, passando a mão no rosto dele.

Ele dá uma gargalhada.

— É verdade! — ela mostra-se confusa e impressionada. — Que sorriso brilhante, Paul... Você tem dentes lindos!

— São para te devorar! — ele brinca, imitando o lobo mau de *O chapeuzinho vermelho*.

— Como eu nunca tinha reparado?

— Vou me afastar antes que você me agarre! — ele brinca, se ajeitando nas almofadas, ficando de frente para Marília.

Ela não diz nada. Busca palavras para entender como uma pessoa pode ter ficado tão bonita em tão pouco tempo. *Onde esse homem esteve este tempo todo?*

— Estou tão diferente assim?

— Muito! Mas por que você fez isso? Aliás, antes que você responda, quero me desculpar por ontem. Eu não queria te magoar e...

— Não... Por favor, não se desculpe — Paul a interrompe e, antes que possa continuar, é interrompido pelas duas mochileiras que Marília tinha convidado.

Ela se arrepende do convite, mas se esforça para ser simpática. Todos se cumprimentam. Marília lança um olhar cúmplice para Paul, deixando claro que preferia ficar sozinha com ele.

— O que podemos fazer? — ele sussurra.

*Fugir daqui!*

As duas animadas mochileiras japonesas se esforçam para falar um inglês perfeito, mas escorregam tanto no idioma que acabam provocando algumas risadas. O papo vai ficando animado. Assuntos dos mais variados são abordados, mas a maior parte é mesmo em relação ao passeio de balão que as japonesas farão no dia seguinte, às cinco da manhã.

— Melhor nós irmos dormir — uma delas diz, depois de menos de uma hora no restaurante.

*Ótimo!*

\* \* \*

— Enfim sós — Paul anuncia, abrindo um largo sorriso.

Marília se derrete. São dentes lindos e lábios carnudos, que chamam seu nome. Sabe que não irá resistir, vai jogar todo o seu charme. Não acredita em sinais, mas admite que o fato de as japonesas terem ido embora tão rápido mostra que hoje é o dia. Sente-se linda. *E Paul está limpinho.* A noite vai ser longa.

— Vamos pedir a conta? — Paul a surpreende.

— A conta?

*Por quê? Agora que elas foram embora? E o sinal?*

— Estou cansado. Amanhã tenho que acordar muito cedo.

— Também vai fazer o passeio de balão? — ela tenta saber o motivo, sem precisar perguntar diretamente.

— Não.

Mesmo decepcionada, Marília não insiste. Paul não quer contar o que tem na cabeça, além de menos cabelos.

\* \* \*

— Não sei se o que eu disse tem alguma coisa a ver com o corte do seu cabelo, mas quero que saiba que sinto muito — Marília diz, enquanto caminham de volta para o hotel.

— Estou me sentindo melhor assim — Paul confessa.

Marília quer saber mais. Tem medo de onde suas perguntas vão chegar, mas não consegue resistir à curiosidade. Não entende como Paul pode ter mudado tanto de um dia para o outro. Até as roupas estão diferentes. Veste camisa polo e calça jeans de marca famosa. Seu cheiro é maravilhoso, apesar de que, antes, também andava muito perfumado, mas agora não tem o toque de erva impregnado.

— É uma mudança muito radical, Paul. Por que fez isso?

Ele dá uma gargalhada e fica alguns segundos calado, antes de responder. Quer medir as palavras.

— Anda, Paul! Está me matando com este silêncio!

Ele dá mais uma risada, mostrando seus dentes, que, agora, parecem ávidos por brilhar, depois de tanto tempo ofuscados pela cabeleira imunda que roubava toda a atenção.

— Vou falar — ele diz, dando mais um sorriso. — Tudo isso aconteceu por sua causa.

— Eu sinto muito por ter nojo de *dread*...

— Não é nada disso. Eu aprendi uma coisa muito importante com você: equilíbrio. Não é

preciso ser tão radical para mudar certas direções.

Marília não entende como pode ter ensinado algo a alguém. Sente-se um fracasso ensinando a si mesma.

— Também estou em uma fase de transformações — Paul continua. — Quando saí pelo mundo eu só conhecia extremos. Estava há tanto tempo querendo me libertar, viver, que foi uma explosão. Ontem, quando voltei do restaurante, fui para o meu quarto e devorei o livro que você me deu. Era como se estivesse lendo exatamente o futuro que quero para mim. Foi outra explosão. Olhei para as minhas roupas, minhas toucas de crochê, aquele cabelo todo e me senti na mesma prisão em que estava antes. Só que, agora, tendo que sustentar uma imagem de desprendimento total.

— Foi o mesmo impulso que te levou a correr o mundo?

— Não, foi diferente, porque aprendi com você.

— Comigo? — Marília se surpreende mais uma vez com tamanha certeza.

— A maioria das pessoas que conheci, e que embarca nessa viagem de autoconhecimento, quer algo muito radical, mas você não. Você quer achar um meio termo.

Marília fica feliz por ter ajudado alguém, apesar de ela mesma estar perdida em meio a tanta autoajuda que anda lendo. *Um único livro guiou Paul. E eu?* Veio de tão longe, já coleciona leituras e nada. Não sente a tal explosão a que Paul se refere. *Terei que cavar em meio às rochas para encontrar o que estou buscando?* Mas agora não é hora de falar ou pensar, só de ouvir. Como Paul aprendera com ela, o contrário também pode acontecer. Quem ensina sempre tem algo a aprender.

— Fiquei um pouco chateado por você ter falado daquela forma sobre o meu cabelo. Mas, hoje, acordei certo de que realmente não havia motivo para o que eu estava fazendo. Pensei no futuro, mas de forma oposta. Você não quer ser tão presa à sua sociedade, e eu decidi que já não quero mais ser tão solto.

Paul reforça a ideia de que se alienar não iria ajudá-lo a mudar nada. É mais fácil as pessoas ouvirem alguém de terno e gravata do que um *hippie* que aproveita as noites para fumar maconha.

— Ontem, quando você falou comigo daquele jeito, percebi que não vou conseguir salvar a floresta me vestindo de árvore. Se me esforçar para me enquadrar um pouco, talvez alguém me ouça. E se tiver alguém me aplaudindo, talvez eu possa ganhar aliados importantes e dar o meu recado com eficiência.

— Estilo "A lista de Schindler"?

— O filme? De onde você tirou isso?

— É, sei que é uma comparação distante — Marília justifica, sem jeito. — Mas Oskar Schindler só conseguiu ajudar os judeus porque era uma pessoa influente no meio dos alemães. Era admirado e aplaudido por eles, ganhou sua confiança, e acabou usando seu prestígio e dinheiro por uma causa nobre.

— Marília, a cada dia que passa você me surpreende mais — ele sorri.

— Eu surpreendo? E você, que mudou de vida por causa do aniversário de morte da princesa Diana? — ela provoca, fazendo Paul abrir mais um de seus brilhantes sorrisos.

Marília sente uma súbita vontade de se jogar em seus braços, mas se contém. Precisa ter foco. Seu coração a lembra de que o que sai de sua boca precisa ser colocado em prática, para que ela mesma se beneficie.

— E você Marília? O que quer?

— Eu?

— Sim, você.

— Quero continuar usando as roupas de marcas famosas que eu tanto amo. Só uma mulher sabe o que um Louboutin pode fazer por suas pernas!

— Mas...

— Calma! Não se apavore ainda. A diferença é que, aqui, entendi que posso gostar e gastar com todas as grifes que eu adoro, mas isso não pode me definir. Não posso me sentir poderosa só porque estou vestindo determinada marca — surpreende a si mesma. — Quero usar o que acho bonito. Não quero colocar uma roupa cara para ser mais bem aceita. Quero que a segurança venha de dentro de mim. Foi difícil admitir que sim, eu me escondo atrás dos meus bens e do meu guarda-roupa invejável!

— Legal.

— Calma! Tem mais! Ainda não terminei! A gente vai se enchendo de tantas coisas, tantas tarefas, que não percebe que está perdendo a essência de viver. Não vamos ser menos conectados se não tivermos o computador mais moderno. Eu optei por não usar meu telefone e só checo e-mails a cada dois dias. Estou aprendendo com uma frase que você me disse, não sei se lembra: "Se você não é dono do seu tempo, não é dono de nada na sua vida." Quero ser dona do meu tempo, dona de mim.

— Isso é tudo? — Paul pergunta, parecendo sufocar.

Marília sabe que falou demais.

— Desculpe... — pede, colocando a mão no rosto de um jeito charmoso.

Ela sente que é a hora de fazer com que algo aconteça entre os dois. *Não há mais o que esperar.*

Com alguns olhares, ela consegue atrair a atenção de Paul. Aproxima-se dele. Fica perto o suficiente para deixar claro que devem ir em frente. Ele parece entender. *Pegue em minha cintura, me leve para junto do seu corpo. Um beijo, só um...*

— Acho melhor a gente entrar — Paul sugere, cortando o clima. — Estou cansado demais. Fui muito cedo para Urgup, em busca de roupas novas e de um barbeiro disposto a encarar o desafio.

— Estou sem sono. Dormi demais — Marília responde, rispidamente. Paul a olha nos olhos.

— Adoraria conversar mais com você. Mas no meu quarto.

Marília sorri. Ele entendeu suas intenções. Está pronta para Paul.

\* \* \*

Paul vai direto ao banheiro, escova os dentes e entra debaixo das cobertas.

— Acho melhor eu ir embora — Marília avalia.

— Não! Estou apenas cansado. Fique. Se eu acabar adormecendo é só você fechar a porta e nos vemos amanhã.

*Ele não entendeu nada?*

— Neste caso, é melhor eu ir embora, realmente — ela insiste, decepcionada.

— Quero que fique — Paul diz, enfático.

Marília fica confusa. Deduz que talvez seja um jeito inglês de flertar.

Enquanto Paul escovava os dentes, ela notou que ao lado do velho mochilão havia uma mala de rodinhas.

— Reparei que você comprou uma mala nova.

— É... — ele boceja.

— Acho melhor eu ir embora, mesmo. Você parece cansado demais.

Paul senta-se rapidamente na cama e aproxima-se de Marília. Delicadamente, pega sua mão e a beija.

— A partir de agora, você será o centro de toda a minha atenção.

Marília sente-se acanhada, como uma menina apaixonada.

— Assim está bom? Vou, inclusive, olhar nos seus olhos.

— Não precisa olhar nos meus olhos — ela diz, fazendo charme. — Vou ficar sem graça.

Mas a partida para o clima já foi dada. Olhos nos olhos, Paul atento, Marília seduzida. Ele a puxa para perto de seu corpo e, juntos, eles caem deitados na cama.

Em meio a um estômago ardente e beijos *calientes*, Marília se entrega. Não há mais cabelo nojento, nem cheiro ruim de erva ou roupas alternativas. Só sua paixão por este novo homem.

— Não, não, não! — Marília grita, empurrando Paul com as mãos.

— O que eu fiz de errado?

— Nada. Mas eu vim aqui para mudar isso também! Não quero transar por transar. Não tem nada a ver com você. Tem a ver com o que eu quero mudar — explica, tentando se levantar, mas Paul a puxa de volta com carinho. — Eu já disse que não! — ela insiste.

— Calma... — ele pega na mão dela com delicadeza. — Não vou fazer nada que você não queira... Só fica aqui ao meu lado, vou te escutar — diz, acolhendo-a nos braços.

Marília não reluta. Estar em seus braços é bom demais. Na escuridão, seus corpos se encaixam. Ela sente medo, sabe que não tem mais volta, está apaixonada. Nunca sentiu algo tão forte por um homem.

— Eu sinto um vazio muito grande quando transo com um homem e sei que não teremos futuro algum, o vazio do dia seguinte — Marília tenta justificar.

— Você fez muito isso?

Ela responde que nem tanto. Sabe que é como um sinônimo de mulher moderna, bem resolvida. A sociedade pode se modernizar o quanto for, mas nada substitui o ato de amar e a delícia do desafio de conquistar a mesma pessoa todos os dias. É reconfortante saber que você pode falhar naquela noite, porque o sexo tem a ver com amor e carinho, e não com puro desempenho.

Silêncio.

— Paul. Paul... — Marília o chama novamente, ao ouvir a respiração forte.

*O que você está fazendo? Está virando uma chata puritana! Por que não transou logo? Que discurso ridículo foi esse? O que deu em você! O homem até dormiu!*

Mesmo sabendo que está fazendo tudo errado, Marília considera a possibilidade de passar a noite em meio a esses braços que fazem seu corpo arder por completo. Mas decide ir embora. Com movimentos delicados, estende a mão e acende a luz do abajur. Vira o rosto e olha para o homem deitado ao seu lado. Quer acordá-lo e seguir em frente, mas sabe que seu coração lhe cobrará muito caro quando toda a fantasia acabar e, em alguns dias, ela for embora.

Com cuidado, se levanta, se veste e ajeita as cobertas para que Paul fique aquecido. Antes

de sair do quarto, o observa mais uma vez. Ainda há tempo de aplacar o desejo de se entregar.  
*Prudência, Marília.* Não entende o que está acontecendo, mas sabe que Paul é especial.  
*Muito especial.*

## Indo embora

---

*Toc, toc, toc.*

Marília abre os olhos com dificuldade.

*Toc, toc, toc.*

Enrolada nas cobertas, ela se levanta e arrasta-se até a porta.

— Paul?

— Ainda estava dormindo?

— Agora estou quase acordada. Entra.

Ele agradece, mas diz que não tem tempo.

— Estou ocupado fazendo as malas.

— Para ir aonde?

— De volta a Londres — ele anuncia, fazendo Marília acordar por completo.

— Londres?

— É hora de ir embora.

Paul quer voltar ao seu país, que o espera com todas as suas regras e padrões nos quais terá que se enquadrar novamente, mas, principalmente, aprender a impor seus limites. Terá que se readaptar à vida da qual abriu mão. Terá que aprender a se defender, para se preservar.

— Só vim aqui para perguntar se quer almoçar comigo, uma despedida.

A cabeça de Marília diz que sim, mas seu semblante exhibe desespero.

— Venho te buscar ao meio-dia.

Marília não responde. Continua de pé, enrolada no cobertor como uma sem-teto, enquanto Paul finge não notar sua reação.

— Paul — ela reage. — Se a gente transar, você fica mais alguns dias comigo? — propõe, deixando-o surpreso. — É uma boa moeda de troca, não acha?

Paul coloca as mãos nos bolsos da frente de sua calça jeans nova. Marília se derrete.

— O que acha da proposta? Não me torture com o silêncio...

Ele sorri, fazendo o estômago dela queimar ainda mais forte.

— Talvez... Mas na Inglaterra posso conseguir coisa melhor.

— Foi só uma brincadeira — ela se apressa em dizer, desconcertada. — Mas só pra você saber... Eu teria prazer em cumprir este acordo.

Paul sorri e lhe dá as costas. Marília não resiste e retoma o discurso desesperado.

— Você não é dono do seu tempo? — ela o desafia, ao vê-lo se afastar.

Paul para de andar. Com calma, vira-se para trás, ficando de frente para Marília.

— Por isso estou indo embora. Porque sou dono do meu tempo.

Ela sabe que não há o que dizer a quem tem sua decisão tomada, que o amanhã é uma surpresa sobre a qual não temos domínio. Aprendera nos livros que todo mundo amanhece com a mesma quantidade de tempo: alguns preferem enaltecer a falta dele, enquanto outros o

usam da melhor maneira. Diante da realidade, resolve não mais insistir.

Marília sente-se abandonada, mas sabe que Paul não estava em seu *script* de viagem. Sua presença deve ser encarada como uma boa surpresa no caminho de sua busca pelo equilíbrio. Não está aqui para se apaixonar, mas para avaliar prioridades e derrotar falsos ídolos. Mesmo assim, tão racional, não consegue resistir. Corre para a janela do quarto.

— Te espero ao meio-dia — grita, ao ver Paul caminhando pela rua.

— Vou estar aqui — ele responde, parando inesperadamente. Paul dá alguns passos, aproximando-se um pouco mais da janela onde Marília está, no segundo andar do hotel.

— Marília, só para você saber, eu teria acordado ao seu lado esta manhã e teria sido um enorme prazer. Teria muitos sentimentos a dividir. Na verdade, acho que eu poderia acordar ao seu lado pelo resto da minha vida.

Ela sente um choque, ou a tal explosão à qual Paul tanto se refere. Seu corpo se remexe de saudade e dor, como se seu cavalheiro do amor estivesse indo embora, triste, porque ela o havia rejeitado. É como se tivesse perdido uma parte do filme e, quando voltou, a cena do beijo, a mais romântica, já havia passado.

Paul dá um sorriso, dos mais grandiosos. Então, coloca as duas mãos nos bolsos da frente da calça de maneira displicente, como fizera antes, dá as costas para a janela e continua sua caminhada, distanciando-se cada vez mais da visão de Marília. Ela passa a mão nos cabelos, completamente desgrenhados. Uma lágrima solitária consegue escapar ao seu bloqueio.

\* \* \*

Ao meio-dia em ponto, Paul espera por uma Marília que passou a manhã em total desequilíbrio. Gastou suas horas buscando soluções para o imprevisto no meio de seu caminho. *Um imprevisto chamado Paul.*

Yoga foi o que funcionou. Mal sabia como fazer, mas o manual que Melanie a tinha obrigado a trazer fez com que precisasse se concentrar tanto em executar o exercício corretamente, que Paul se tornou um problema menor. *Estou curada deste imprevisto. Depois deste almoço, continuo minha viagem como o previsto.*

No restaurante, Paul mostra-se pensativo. Em seu olhar, há uma certa animação pelo que está por vir: uma recriação de sua antiga vida.

Marília tenta entender. Para encontrar o equilíbrio, Paul está fazendo o caminho oposto ao seu. Ela o busca no isolamento, ele na multidão.

— Quando vai me contar o que está acontecendo de verdade? — Marília arrisca.

— O que mais você precisa saber?

Ela tem novamente a impressão de que perdera uma parte do filme. Só que agora, a parte principal, aquela que faz você entender toda a trama. Sente um pouco de raiva por ter levado Paul a enxergar certas coisas, mas não insiste em busca de respostas. Não há mais nada a ser feito. *Além do mais, ele apenas cortou os cabelos, não virou um bom partido.* Nesta altura de sua vida, não se apaixonaria por um homem que não tem nem onde morar.

\* \* \*

Depois do almoço, Paul quer comprar algumas lembranças para os pais e amigos. A loja escolhida oferece lindas pedras, enfeites e presentes que encham os olhos até dos mais

insensíveis. Marília se encanta por um tapete colorido. Paul aceita sua sugestão e o compra para a mãe.



— Vou levar um para o meu apartamento também — ele diz à vendedora.

— Você tem um apartamento? — Marília pergunta, surpresa.

— Sim, está alugado. Vou pedir de volta.

Em seu mundo real, Marília ficaria feliz em saber que um possível pretendente tem sua própria casa. Mostra responsabilidade, autonomia, pé no chão. Mas, agora, só quer mesmo que Paul volte a ser o cara do cabelo de *dread*. O cara que a fazia enxergar a vida de uma forma mais simples. É um sentimento egoísta, mas sua consciência não se importa. Seu coração está apertado. Precisa fazer algo para que Paul não se vá.

Duas horas da tarde. Com as compras guardadas no hotel, Paul quer fazer um último passeio pela Capadócia.

— Acho melhor eu não ir — Marília responde, ao ser convidada para acompanhá-lo na *scooter*.

— Por que não? Não há mais cabelo sujo.

— Eu sei.

— Por favor... Quero ter você ao meu lado neste último passeio.

Marília não sabe se quer participar dessa despedida. Sente que está contribuindo para a busca de Paul e não para a sua. *É sempre mais fácil resolver os problemas dos outros do que os nossos*. Talvez, por isso, esteja ficando tão boa em propagar os ensinamentos de seus livros de autoajuda para os outros e incapaz de colocá-los em prática na própria vida. Lembra-se de uma frase de um deles: "Energia é o que nos move, e saber onde concentrá-la é saber para onde ir ou quanto tempo gastar em cada tarefa. De outra forma, a energia se dissipa, sem que cheguemos a lugar algum". Começa a entender a importância dos minutos e de suas escolhas, que ditam a quantidade de tempo que terá disponível. É ela quem decide para onde sua energia será direcionada.

Diante do silêncio, Paul se ajoelha no chão.

— Vem comigo. Eu preciso ter você ao meu lado.

Marília tem certeza de que vai desmaiar. O estômago arde, o corpo surta. Seu coração entra em um frenético descompasso e ela não resiste. Ainda precisa de muito equilíbrio para dizer não, diante de Paul ajoelhado à sua frente.

\* \* \*

Com o vento batendo em seus cabelos, abraçada a Paul, Marília tem a certeza de ter feito certo ao não aceitar a primeira carona. Teria ficado com tanto nojo do cabelo de *dread* bem diante de seu rosto, que se jogaria da moto. Só de imaginar aqueles fios imundos e grudados, enfiados dentro da touca de crochê encardida, sente náuseas. *Melhor pensar em outra coisa, porque agora tudo é diferente.* O cheiro que o vento traz é o de um homem limpo, perfumado, com um pescoço sedutor. A boina de crochê deu lugar ao boné. *Ele é outra pessoa.*

No mesmo local onde Marília rejeitou seu beijo, Paul para a *scooter*. Como da primeira vez, se sentam no chão e se divertem, buscando formas nas pedras. Paul parece não querer muito assunto. Está mais interessado em admirar a vista e se despedir. Mas Marília, não. Ainda teria muito tempo para dizer adeus à paisagem cor de areia.

— Você acha que tudo depende do ponto de vista? — ela pergunta.

— Talvez...

— Estou começando a achar que sim. Para algumas pessoas, meu emprego é maravilhoso, para outras é um tédio.

— E para você?

— Para mim? Para mim é legal — avalia.

— Mas você gosta do seu emprego ou do que ele te rende?

— Dos dois... Eu acho — titubeia.

— Estou achando que gosta mais é dos aplausos.

Marília não responde. É aceita como alguém de sucesso porque seu trabalho é valorizado no meio onde vive. Seu ego está em paz.

— Se você pudesse, ficaria mais?

— Não — Paul responde, certo.

— Não? — Marília se decepciona.

*Por que ele nunca dá as respostas românticas que eu fantasio?*

— Nada me impede. Se eu quisesse ficar mais, eu ficaria. Sou dono do meu tempo.

Marília se cala. Ele está certo. Ela é que ainda não havia entendido, ou fingia não entender: só nos tira a atenção o que permitirmos que tire. Só entra em nossa agenda o que colocamos, com nossas próprias mãos. Paul está voltando para Londres porque é onde quer estar. Não há amarras.

— É fácil dizer que é dono do seu tempo morando no meio do mato — ela lança, sem entender muito bem seu desespero em impedir a partida de Paul. — É muito fácil falar assim, quando não se tem que enfrentar trânsito, filas, regras — solta, querendo correr para um canto e ficar de cabeça para baixo, tentando acertar as posições de Yoga aprendidas pela manhã. *Só assim para calar a minha boca e parar de implorar que ele fique!*

Paul sabe que é fácil dizer que é dono de seu tempo na Capadócia. Mas sabe também, que as escolhas são suas e que cada minuto passado no trânsito, na fila, no banco, é sim, precioso

como o segundo passado ao lado de um grande amor, de um filho ou comendo a sobremesa de que mais gosta.

— Essa coisa do *ter que ser* para sempre é que mata. Ter que ser a mesma pessoa. Interpretar o mesmo personagem sempre. Tomar decisões que têm que ser mantidas eternamente.

— Mesmo no casamento? — Marília questiona. — Como casar sem ao menos pensar que será para sempre?

— Nem tudo se aplica a tudo, nem todas as promessas são para sempre. Nem tudo tem que mudar. Foi você, Marília, quem me ensinou a buscar o equilíbrio. Talvez precise aprender comigo a usá-lo, porque encontrar, você já o encontrou. Já sabe aonde quer ir seu coração. Não há mais o que procurar. Só precisa colocar em prática, porque nem todo mundo que deseja, realiza. Nem todo mundo que sabe ensinar, sabe praticar.

— Como alguém pode ensinar se não sabe fazer?

— Não sei, você é quem está conseguindo fazer isso.

\* \* \*

Quatro horas da tarde.

— É hora de ir embora. Meu ônibus sai às sete da noite — Paul diz, fazendo Marília perceber que o fim está próximo.

*Melhor assim, sem envolvimento.*

— Vou sentir sua falta — ele continua, olhando nos olhos dela, antes que se levantem do chão. — Sua companhia nos sete dias que passamos juntos foi a melhor coisa que me aconteceu no último ano.

*Foi?*

— Eu te trouxe aqui, em meu último passeio pela cidade, porque quero saber se a minha mudança valeu a pena.

— As mudanças sempre são positivas.

— Então, você me beijaria agora? — Paul pergunta, segurando a mão de Marília, sem rodeios.

*Beijar?*

Seus olhares estão juntos. A tal explosão parece ser compartilhada entre os dois.

Marília sorri diante da sensação boa e então, fecha os olhos. É hora de arriscar e se entregar a esta paixão. Não só o estômago, mas todo o seu corpo queima, arde, se entrega. Ela sente cada pelo de seu corpo se arrepiar. O beijo de Paul é o melhor que já experimentou em toda a sua vida. Os braços dele, acolhendo seu corpo, mostram que quer muito mais. Mas o tempo passa depressa e quebra todo o romantismo. Parece não perdoar o fato de Marília querer que ele pare um pouco, até que ela decida o que quer de Paul. *Se o tempo é o mesmo para todos, porque passa tão lento para uma pessoa doente em recuperação e tão rápido para uma noiva no dia do seu casamento?*

Mas pensar sobre o tempo, ou sobre os segundos que voam, não dá poder a ninguém para controlá-lo. As horas caminham como tem que ser e já são seis da tarde quando Marília se vê dentro do quarto de Paul. O banho dele parece durar uma eternidade, mas ela consulta o relógio e percebe que não se passaram nem cinco minutos. *Só depende de mim! Preciso fazer algo para que ele fique. Mas eu quero que ele fique? Quero! Quero muito...*

Mas nada acontece. Paul sai do banho, Marília não se oferece e ele nada tenta. É o final do filme romântico mais sem graça que ela poderia imaginar. Desolada, ela permite que uma solitária lágrima escorra por seu rosto. *Acabou.*

\* \* \*

Paul e Marília caminham juntos pela rua. Ela aproveita para dar algumas dicas sobre Istambul, enquanto lamenta que a rodoviária seja tão próxima. Gostaria que ela fosse mais distante, mas em menos de dez minutos, a passos lentos, quase arrastados, eles chegam.

Marília se senta no meio fio enquanto Paul vai até o guichê, se informar sobre a chegada do ônibus. O transporte por aqui pode ter um horário estimado, mas não exato.

Enquanto Paul caminha de volta, Marília o observa. Vem à sua mente a lembrança de quando o conheceu, apenas um *hippie* "veterano" que a chamara de "a moça que não saía do quarto". Tem a sensação de que haviam passado meses juntos, mas tinham sido apenas sete intensos dias.

Marília admira a mudança de Paul e se pergunta se conseguirá sair da Capadócia com uma transformação tão grande quanto a dele. É como se ele tivesse entrado numa máquina de transformar. E onde estaria a tal máquina que a faria voltar para casa mais equilibrada? Que a ajudaria a não adiar planos, a não deixar decisões para o futuro e a entender que o hoje, o agora, é a única garantia possível? Talvez essa máquina pudesse ajudá-la a entender, de uma vez por todas, que o amanhã é resultado do que é feito hoje, misturado às surpresas não dominadas.

Paul se senta ao seu lado no meio-fio.

— Será que um dia vamos nos ver de novo? — ela pergunta, de cabeça baixa, desenhando com o dedo na areia do chão.

Ele não responde. Não quer responder um "sim" displicente. Sabe das reais possibilidades de nunca mais trocarem uma única palavra. Conhece uma ameaça bem realista: o rolo compressor do tempo, que consegue apaziguar até mesmo os sentimentos mais indomáveis. A explosão de sentimentos entre os dois pode ficar guardada no coração, mas talvez ele não seja seguro o suficiente para resguardá-los do poder impiedoso e inevitável das horas, dos dias, dos anos.

— Será que vamos conseguir ao menos ser amigos, fora da Capadócia? — Marília insiste, buscando uma esperança.

— Por que não seríamos?

— Não sei. Talvez seja como "O que acontece em Vegas, fica em Vegas."

— E Vegas tem muita coisa sua guardada?

— Nem nunca fui lá. Foi só um exemplo.

— Eu sei, querida.

— Querida? O que posso entender com este querida? — Marília questiona emocionada, não só com o termo carinhoso. Já estava querendo chorar há muito tempo. Ela arde de paixão, expectativa, ilusões.

Paul pega em sua mão de forma carinhosa.

— O que aconteceu na Capadócia não ficará na Capadócia. Não há porque não sermos amigos — ele a abraça, fazendo algumas lágrimas rolaem dos olhos de sua companheira.

— Acha que poderemos ser mais que isso? — ela pergunta em seu ouvido, embriagada por

seu perfume.

— Não agora. O tempo certo para tentarmos passou.

— Mas isso pode mudar! Você disse que nem todas as promessas duram para sempre!

Paul a aperta ainda mais forte em seus braços. O som da Capadócia para, para que possam lamentar o tempo desperdiçado.

Marília sente vergonha. É veterana em conter as emoções, mas agora não consegue segurar uma única lágrima. Lamenta não poder voltar no tempo. Quer tentar, pedir, implorar! *Por que não podemos comprar um pouco de tempo? Só um pouquinho!* Questiona, de maneira ingênua. Sabe que não há como comprar um único segundo.

— Novos tempos virão e com eles, quem sabe, a nossa nova chance — Marília avalia, se soltando dos braços de Paul, tentando recobrar a razão.

— Você sempre me ensinando — Paul abre seu sorriso devastador. — Vamos combinar de colocar isso em prática. Não hoje, nem amanhã, mas arriscar, se nós dois estivermos vivos no futuro.

— Chega, Paul! — Marília ordena, secando as lágrimas. — Está ficando místico e complicado demais! — se revolta. — Até para se usar autoajuda há que ter equilíbrio. Vamos estar vivos no futuro! E você está indo embora, agora.

O ônibus chega. Marília estremece. Em poucos minutos, tudo estará terminado. Os dois se levantam do meio-fio. Ela o acompanha até o ônibus. Ele coloca a mala no bagageiro. *Ainda dá tempo, faça algo para que ele fique!*

— Divirta-se em Istambul — é o máximo que ela consegue dizer.

— Vai ser só um dia. Uma volta gradativa à civilização. Não quero cair direto em Londres — Paul brinca.

— Você não estava isolado numa selva. Estava apenas viajando pelo mundo.

Ele concorda e abre um sorriso largo, um dos mais irresistíveis. Marília dá vazão a mais lágrimas. Elas são discretas, mas não conseguem esconder que quer Paul por perto. *Bem perto.*

— Não chore... — Paul enxuga uma de suas lágrimas. — Preciso ir.

— Por que tão rápido? Por que não esperar mais alguns dias?

— A gente acredita que quem morre não tinha planos para o dia seguinte. Não tinha coisas que *iria* fazer quando os filhos terminassem a faculdade, quando acabasse de pagar a prestação do carro, mobiliasse a casa ou simplesmente arranjasse coragem.

O choro aumenta e Marília não vê outra saída, joga-se nos braços de Paul.

— Mas por que está fazendo assim? Tão rápido... — ela lamenta, baixinho, no ouvido dele.

— Certas decisões têm que ser tomadas e cumpridas sem pensar duas vezes. O tempo não espera, porque a vida não faz acordos. Aprendi com você — ele sussurra. — Não foi isso que te trouxe aqui?

Marília o solta, diz um sim pouco amigável e seca mais algumas lágrimas. Paul a olha com admiração, enquanto ela pede desculpas pelo descontrole.

— Você tem meus contatos. Se quiser, me liga, manda um e-mail, uma mensagem num balão — ele brinca, enxugando mais algumas lágrimas que caem no rosto da mulher à sua frente. — Eu venho te salvar. Eu *sempre* irei te salvar.

— Eu sei que não pode, ou não quer, mas... Fica! Por favor — o choro volta forte, complementando a súplica.

Os motivos pelos quais ela quer que Paul fique são confusos, mas parecem fortes o suficiente para valer os apelos e a vergonha de ser o centro das atenções.

Paul segura o rosto de Marília com força. Com a outra mão a puxa para perto de si e a surpreende com um beijo digno de uma grande despedida. Os movimentos são lentos, para que cada segundo possa ficar guardado em suas memórias. Marília se entrega. Sente seu corpo amolecer. *Ele vai ficar.*

— Preciso entrar no ônibus — Paul anuncia, complementando o beijo com um forte abraço.  
— Me dê a sua mão — ele pede, lhe entregando um pequeno embrulho.

— O que é isso?

— Abra no hotel — Paul pede, puxando-a para um último abraço. — Se cuida — ele a beija no rosto e lhe dá as costas.

Com um último sorriso, ele entra no ônibus. *Acabou.*

Marília sente falta dos segundos. Sempre teve tantos, e agora se sentiria grata por uns poucos a mais com o homem de Londres. *Não posso resgatar todos os que foram desperdiçados à toa?* O tempo em excesso em frente à TV, as intermináveis horas na internet, em sites que nada lhe acrescentaram. Não poderia trocar todos eles por mais alguns minutos ao lado de Paul? Mas o tempo não negocia.

Com o embrulho na mão, ela o observa se acomodar na poltrona. O ônibus dá a partida e se prepara para ir embora quando duas jovens vêm correndo pela rua, esbaforidas. São as mochileiras japonesas do hotel. Elas gritam, pedindo que o ônibus as espere. O motorista abre a porta novamente e, de mau humor, diz alguma coisa em turco que parece significar: "andem rápido!" Elas não entendem, mas se apressam em entregar suas mochilas ao rapaz que abre o bagageiro.

Marília ganha mais alguns segundos com Paul por perto, mesmo que através da janela de um ônibus. Em outros momentos passariam despercebidos, mas agora, para ela, têm um valor incalculável. Só a dor da despedida e da espera são capazes de causar tamanha adoração por simples segundos.

Marília cumprimenta as japonesas rapidamente.

— Tchau — elas acenam, entrando no ônibus.

Novamente a sensação de abandono invade o coração de Marília, como quando os casais americanos foram embora. Mas, agora, nem Paul está ficando. Está só. Sente-se em um dilúvio, onde só ela é deixada para trás. Até os animais estão na arca, só ela está de fora em uma cidade prestes a explodir.

O ônibus some de sua visão. É de verdade. Só ela e a Capadócia sabem o tamanho de sua tristeza. Ela olha ao redor, as pessoas passam, sem saber que algo especial acabou de acontecer entre ela e Paul.

Devagar, ela caminha pela rua em direção ao hotel. Ainda são sete e meia. A noite vai ser longa. Tristeza e saudade fazem com que os minutos pareçam passar mais lentos. Ela não se importa com as lágrimas que escorrem deixando seu rastro pelas ruas.

Com a solidão como companheira, Marília chega ao quarto. É hora de abrir o embrulho entregue por Paul. Sorri ao ver o que está ali dentro. É uma de suas toucas, a mais suja delas. "Para nunca esquecer a sua importância na minha vida. Você é parte de mim."

Ela desaba. Quer Paul por completo. *Para sempre.*

Inundada em lágrimas e devastada pela dor, após intermináveis horas de saudade, ela

adormece abraçada àquele pedaço de crochê que tanto nojo lhe havia causado.

## Impulso

---

— Faltam dois dias... — Marília diz a si mesma ao abrir os olhos pela manhã.

Sabe que precisa se animar, por puro instinto de sobrevivência. A alegria faz o relógio passar apressado.

Farta de suas leituras de autoajuda, ela avista seu guia de viagens na cabeceira e o folheia.

— É isso! — diz em voz alta, ao ver imagens de Pamukkale.

Não sabe se é por se sentir sozinha, por saudade de Paul ou apenas por medo, mas conclui que já aprendeu o que tinha para aprender na Capadócia. *Meu coração não está mais em Goreme! Eu vou embora!* Alguns minutos depois, tem um surto de sobriedade. Reflete se ir embora antes do tempo é mesmo o melhor a ser feito. Deve ficar aqui até o fim e cumprir o combinado. *Mas meu coração não quer mais estar em Goreme!* Mesmo assim, resolve pensar melhor antes de agir.

\* \* \*

Marília toma o café da manhã e vai caminhar pelas ruas. Anda até um local de onde pode ver a cidade de cima. Decide mais uma vez colocar em prática a técnica aprendida em um de seus livros: falar em voz alta.

Ela olha para os lados para se certificar de que não há ninguém por perto e vai em frente.

"Quando eu vim para cá, achei que aprenderia novos hábitos com os turcos. Mas quem apareceu no meu caminho foi um inglês. Uma pessoa que eu poderia ter conhecido no meu dia-a-dia, não precisaria vir tão longe.

Mas era Paul quem devia estar no meu caminho. Através dele, pude ver que estava certa, não precisamos ser radicais para dominarmos o nosso tempo. Não são apenas as pessoas alternativas, que optam por morar no mato, que podem ter uma vida saudável e em paz.

Ajudando, eu fui ajudada. Passando as mensagens que aprendia nos livros, aprendi também.

Nem todo mundo vai ser mãe, nem todo mundo será avô, não porque não queiram, mas porque talvez nem consigam passar da infância, mesmo que seus pais tenham planos ambiciosos para o futuro.

Fazemos planos para algo que nem sabemos se estaremos lá para cumprir. Privamo-nos do hoje, para um amanhã que nem sabemos se estaremos lá para usufruir.

Não devemos idolatrar objetos, tecnologias. Da idolatria, vem o desequilíbrio."

Marília se cala. Deixa o vento forte ter som. Busca no horizonte um sinal que lhe diga para onde ir, o que fazer, como, quando. Olha fixamente para uma das inúmeras rochas em forma de chaminé, exigindo uma resposta.

— Espera aí! O que estou esperando? Um disco voador? Um ET que venha me guiar, com

uma luzinha na ponta do dedo?

Começa a falar em voz alta novamente, sem nem ao menos se certificar de que continua sozinha.

— Estou tão decepcionada por ter vindo de tão longe, e ter aprendido logo com um cara de Londres, que estou me negando a entender que não existe um grande mensageiro! Não vai haver uma grande mudança para que eu aja! Chega, Marília! — grita consigo mesma. — Nenhum momento mágico vai ajudar você a parar de adiar seus planos! Paul, foi o que veio buscar na Capadócia! Acabou!

Ela se levanta do chão e caminha a passos largos para o hotel. Na recepção, tenta negociar a diária já paga. Não consegue. Se não ficar a próxima noite vai perder o dinheiro. *Talvez seja um sinal para eu ficar.* É tomada por um desânimo, mas logo se recupera. *Passei a ler autoajuda, mas ainda não acredito em sinais! Eu vou, porque é o que eu quero!*

No quarto, Marília arruma a mala numa rapidez que a surpreende, e em menos de uma hora a está arrastando até a rodoviária para embarcar no próximo ônibus para Pamukkale. Decepciona-se ao saber que só sairá à noite. Decidida, continua arrastando sua mala até uma agência de viagens e descobre que uma van passará por Urgup, cidade vizinha a Goreme. Dois lugares estão vagos. A agente oferece um carro particular para levá-la até o local de onde a van sairá. Custa onze vezes mais do que o ônibus, mas ela aceita. Três horas depois, está dentro da van rumo a Pamukkale. Seu coração está ao seu lado.

\* \* \*

Algumas horas depois da partida, Marília se sente mais relaxada. Não acredita que foi capaz de tanto. Tinha seguido um impulso e agora está viajando sozinha com um bando de desconhecidos, pois os livros, seus companheiros, atenderam ao chamado da estante do hotel. *Quem sabe ajudarão mais pessoas?*

Ela sente medo, mas ele é abafado pela satisfação da coragem. Estou agindo. Usando o único tempo que tem nas mãos, o agora.

Entre um cochilo e outro, ela observa a paisagem passando do lado de fora. Um celular toca. Um russo atende. Ela não entende uma única palavra, mas isso não é importante. O que a deixa contente é lembrar que seu telefone não toca desde que chegara à Turquia.

É segunda-feira e ela imagina sua mesa. Estaria cheia de trabalho ou já teria sido substituída por outra pessoa? Algum colega de trabalho já teria assumido suas tarefas, procurando "ser útil"? Um pavor vai ganhando espaço. O mundo anda tão competitivo e ela aqui, dentro de uma van fedorenta, curtindo uma aventura adolescente. *Algo pode dar errado! Não avisara a ninguém de que estava deixando Goreme. Como pude esquecer minha vida? Onde estou com a cabeça?*

O turista desliga o celular. Como mágica, Marília parece desligar também suas preocupações. É como se estar perto de pessoas antenadas com o mundo a fizesse sentir-se obrigada a fazer o mesmo, para ser aceita. *O ego, mais uma vez o ego. Você estava feliz até dois minutos atrás e continuará assim! Você está sendo corajosa e isso não há tecnologia que compre!*

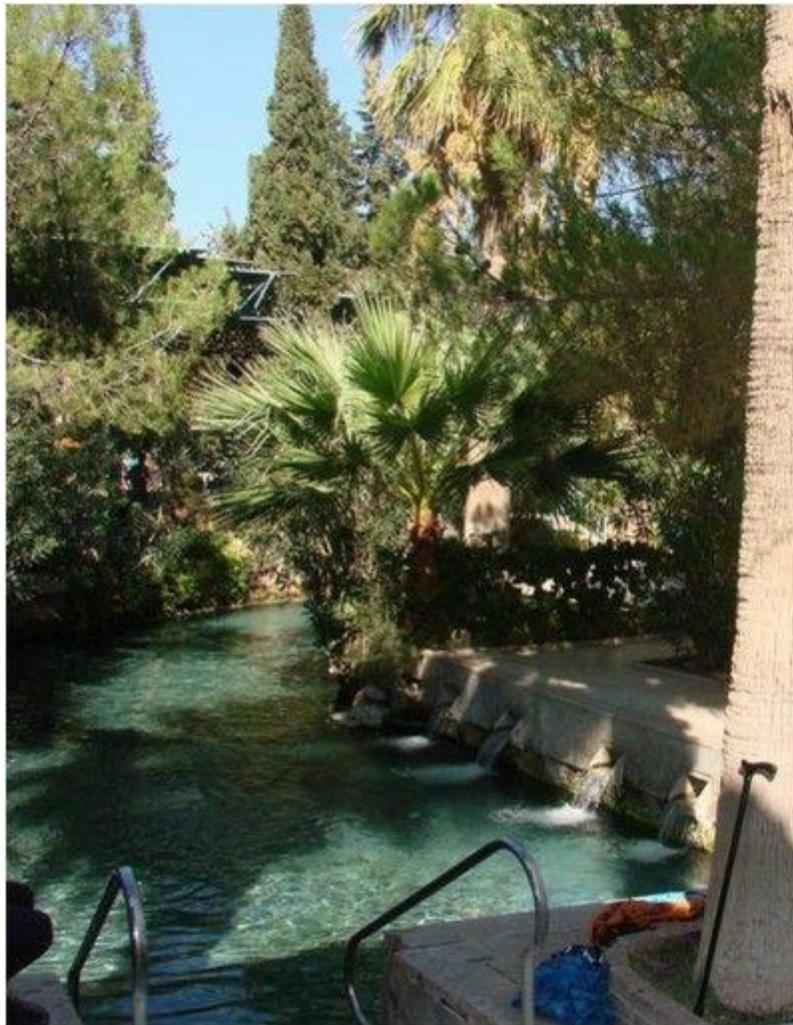
O pensamento positivo parece dar certo. O ego sob controle dá lugar ao sono, que a embala até a chegada ao seu destino.

## Pamukkale

---

Marília está sem palavras para descrever tamanha beleza. Após uma deliciosa noite de sono, está diante da famosa montanha conhecida como "Castelo de Algodão". Tira fotos sem parar. Em seu guia, a montanha branca parecia bem mais bonita e conservada, mas seu fascínio é o mesmo. Tudo o que está vivendo é muito mais interessante do que qualquer programa de TV ou site da internet. *Não há como colocar o fascínio em imagens! É lindo demais!* Quer encontrar palavras, dizer a si mesma que viver é algo mágico, que vai muito além das limitadas fronteiras do seu escritório, da tela do computador ou de um carro novo. *Muito além...*

Para subir pela montanha de calcário e chegar até o topo, é preciso tirar os sapatos. Marília o faz com prazer. Está ansiosa para chegar lá em cima e mergulhar na piscina de água quente, gasosa e cheia de história. Seus três guias de viagem dizem que até Cleópatra teria se banhado aqui, e que muitos acreditam que tenha poderes medicinais.



Após a longa subida sob o sol e tantas fotos que mal consegue contar, Marília se delicia com o banho. A temperatura da água é acolhedora, 36 graus. Um presente dos deuses, como recompensa pela caminhada montanha acima.

Dentro da água, ela vai deslizando seu corpo por todos os cantos da imensa piscina natural. Deixa-se acariciar, sentindo-se digna de cada momento que está vivendo.

Aproveitando o sol acolhedor, ela se encosta em uma das colunas de mármore espalhadas dentro da piscina, resquícios das ruínas da cidade de Hierápolis. Fecha os olhos e se permite ter todo o tempo para pensar. Na manhã seguinte, irá rumo a Istambul e de lá de volta para casa. *Gostaria de poder ficar mais tempo.*

Abraçada pela água quente, Marília avalia tudo o que passou em sua viagem até aqui. Pensa na Capadócia. Não aprendera nada com a vida dos turcos, mas com Paul, sim. E, principalmente, consigo mesma e os companheiros de autoajuda, antes tão abominados. Sente saudade deles, sente saudades de Paul.

Chega a algumas conclusões. Paul a tinha feito entender que não são os grandes acontecimentos que transformam a vida, mas sim a disciplina, o dia-a-dia, o querer, o tentar, o avaliar. Ter decidido vir a Pamukkale foi a decisão mais acertada. *Ter vindo para a Turquia foi a decisão acertada.*

Agora, é hora de esvaziar os pensamentos. O tempo, ao menos hoje, é todo seu.

\* \* \*

Marília dá uma última olhada ao redor antes de embarcar no ônibus que a levará de volta para Istambul. Um de seus pés quer entrar, enquanto o outro faz força para ficar. Mas é preciso ir. Colocar o aprendizado em prática. E, quem sabe, um dia, reencontrar Paul.

\* \* \*

Amanhece, e o ônibus chega à rodoviária de Istambul. Marília ainda tem algumas horas antes de ir para o aeroporto. Apesar de cansada, decide pagar a um taxista para dar uma volta por Sultanahmet.



Enquanto observa a cidade passar pela janela do carro, ri de seu nervosismo na chegada ao país. Estava apavorada com o que estava por vir e agora está tão segura. Nada ao seu redor mudou, foi ela quem se transformou. A vida continua a mesma. *Mas eu, não.*

Seu tempo está acabando. Precisa ir para o aeroporto. Enquanto o carro se afasta, observa a cidade ficando para trás, e uma parte de sua história também.

\* \* \*

Se na vinda Marília queria desistir no *check in* em Frankfurt, agora também tem dificuldades em entregar a mala. Não que queira ficar na Turquia, mas quer ter a certeza de que essa nova pessoa também está embarcando junto com ela.

— Senhora, preciso que coloque sua bagagem na esteira.

Marília atende ao pedido e, mas uma vez, pede um assento longe da asa. É o máximo que pode fazer. Veio buscar o equilíbrio, mas só saberá se conseguiu alcançá-lo, quando voltar à sua vida real.

Dentro do avião, um pensamento toma conta de seus últimos instantes de lucidez: *o equilíbrio está dentro de nós e a força para que ele se torne realidade, também. Não é possível que consigamos dar o nosso melhor para tantas coisas sem importância, enquanto dedicamos tão pouco à nossa verdadeira felicidade.*

Algumas nuvens passam ao lado, e ela tem a certeza de que entendeu que é a única dona de seu tempo. Não do futuro, mas do tempo que tem hoje, agora, o futuro de ontem. *Por que deixar para amanhã o que se pode fazer hoje?* Agora ela entende que não é uma frase feita. É apenas a verdade. Porque o amanhã pode nem chegar.

\* \* \*

O avião está no solo. Marília esfrega os olhos, querendo acordar, e tem a visão do caos. Mal o avião para e boa parte dos passageiros já está de pé.

As pessoas ligam seus celulares e, freneticamente, começam a fazer ligações, mandar mensagens e conferir e-mails, como se as decisões mais importantes do mundo precisassem de um telefonema para serem tomadas. Sente-se patética, por um dia ter sido assim, tão ansiosa, tão superficial.

Ela entende o que Paul queria dizer com readaptação: não cair de volta na sociedade *high tech* com tanta violência. Acha triste ver as pessoas dessa forma, como se tivessem passado sufocadas o voo inteiro, por não poderem usar seus celulares e acessar a internet, como se fossem os seres mais procuradas do mundo e todo o universo fosse desabar porque estavam desconectadas. *Como o ser humano é carente de reconhecimento!* Avalia, com propriedade. *E acreditar que já fui assim...* Enquanto os outros passageiros acariciam seus egos quase numa competição, Marília sorri discretamente e olha pela janela antes de se levantar. Ela tem o que ninguém ali pode comprar em lojas, nem através de seus modernos celulares: autoconfiança.



## A volta

---

Melanie está no saguão com o filho. A mãe de Marília também. Apesar de sempre dizer que não se importa em tomar um táxi, a mãe e a irmã lhe fazem esta surpresa. Marília gosta do que vê. Emociona-se ao avistar o sobrinho segurando um de seus desenhos.

— Adorei! — diz, pegando o menino no colo e lhe dando um abraço apertado. — Essa sou eu?

— Sim! — ele responde, feliz.

— Obrigada por terem vindo! — ela abraça a mãe e Melanie ao mesmo tempo.

As duas querem saber tudo sobre a viagem. Essa é a melhor parte. Todos iriam ao seu apartamento e, enquanto abrisse as malas, a farra iria sendo feita entre histórias, fotos, carinhos e presentes. O sorriso de Marília não poderia ser maior. *Hoje parece Natal.*

## Encaixando

---

Alguns dias depois de chegar de viagem, Marília volta ao trabalho de maneira dolorosa. Sentira falta de sua rotina atribulada, mas agora sente muito mais da liberdade que vivera na Turquia. Mas, como já sabe que não nasceu para ser *hippie*, terá que colocar os ensinamentos em prática aqui mesmo, no seu mundo real. *Mas como?* Não pode, nem quer ser como Melanie. *Nem namorado eu tenho!* O trabalho é necessário e, de certa forma, prazeroso.

Marília deixa os questionamentos de lado e parte para a ação. As mudanças começam pelos pequenos hábitos. Não dorme mais vendo televisão. Tirou-a do quarto assim que voltou de viagem. No início, era como se tivesse sido abandonada. Ir até a sala para assistir um programa era como andar quilômetros. Mas, em poucos dias, aprendeu a apreciar a privacidade de seu quarto. Nada como ligar o abajur e ler um bom livro, até adormecer. Só agora admite que a televisão ligada para distrair, a deixava mais agitada.

A segunda atitude foi deixar de atender o celular durante as refeições, quando estivesse acompanhada. Principalmente nos fins de semana.

Porém, Marília sabe que a promessa mais importante e difícil de cumprir é a de não levar mais trabalho para casa. Sua meta é, todas as noites, correr em um parque perto de sua casa para movimentar as pernas e todo o corpo. Um frescor para a mente.

Por um período, tudo caminha conforme o combinado. Até que o tempo, sempre o tempo, passa.

— O chefe disse que precisa dos relatórios para segunda-feira — a secretária avisa, entrando na sala de Marília.

— Segunda-feira? Impossível!

A secretária faz uma cara de: "Nada posso fazer. Se vira!"

Marília já tinha levado trabalho para casa durante toda a semana. Faz quase um ano que voltara da Turquia e já não consegue mais correr uma única noite.

Decidida, ela vai até a sala do chefe. Não pode passar o fim de semana cheia de trabalho. Não pode voltar a ser como antes. Além do mais, precisa terminar sua dissertação do mestrado. *Essa sim é prioridade.*

— O que está acontecendo com você? — o chefe questiona. — Sempre foi uma das funcionárias mais eficientes da empresa!

— E continuo sendo. Só preciso de mais tempo para finalizar este relatório! — ela argumenta, sentada de frente para ele.

— Sinto muito, mas desta vez não dá para aliviar. Quanto mais subimos, mais trabalho nós temos. Vá se acostumando. É o preço do sucesso. O dinheiro não vem de graça! Agora, me dê licença, tenho que resolver o problema de um cliente.

Marília sai da sala, se martirizando por não ter conseguido ser firme, enquanto enxerga o inevitável: voltou a ser consumida pela adrenalina da correria e da agitação. Não há como se

enganar. Muito do que deseja já está sendo enviado para o tal futuro.

\* \* \*

— Não estou achando a mamãe para ficar com as crianças, preciso que fique com elas. Minha sogra sofreu um enfarte — Melanie diz nervosa ao telefone. — São só algumas horas enquanto vamos ao hospital e nos inteiramos da situação.

É domingo, sete horas da noite. Para Marília, o fim de semana ainda nem começou e já está no fim.

— É que... — Marília quer dizer que ainda tem muito trabalho a fazer. — Nada. Traga os meninos!

Ela fica apreensiva com a responsabilidade de cuidar de duas crianças e ainda dar conta de todo o material a ser entregue no dia seguinte. *É uma emergência.*

Por sorte, o sobrinho mais novo já chega dormindo, porém o mais velho, de sete anos, está a todo vapor. Melanie se despede, prometendo não demorar.

*O que fazer com uma criança ativa como essa, quando se tem tanto trabalho a fazer?* Marília o põe para desenhar enquanto vai terminando o trabalho. Ela de um lado da mesa, ele do outro. Faz uma brincadeira com o menino de vez em quando.

Após uma hora, o garoto está cansado de desenhar. Ela não vê outra solução, senão colocá-lo em frente à televisão. Fica impressionada como o menino é hipnotizado rapidamente, e vê ali uma oportunidade de ter tranquilidade para trabalhar.

— Vou estar no escritório, tudo bem? Qualquer coisa é só chamar a titia.

O menino concorda, vidrado no desenho. *Nada de mal pode lhe acontecer.*

Meia hora depois, Melanie toca o interfone.

— Já? — Marília pergunta, abrindo a porta para a irmã arrasada. Ela dá notícias da sogra. O marido ficou no hospital e acharam melhor que ela fosse para casa cuidar das crianças.

— Vá pegar sua mochila para irmos embora — ela pede ao filho.

— Mãe — o menino se aproxima, antes de atender o pedido. — Como que um menino pode morrer sem ser pai?

As duas se entreolham.

— Onde ouviu isso, meu filho?

— Eu vi agora na televisão. O moço mostrou a foto do menino e disse que ele morreu.

— O que é morrer, meu querido? — Melanie se abaixa, fica na altura do filho e lança um rápido olhar de desaprovação para Marília, que sabe, deveria tê-lo vigiado melhor.

— Você disse que é ficar junto do papai do céu.

— Isso mesmo. Ele foi para junto do papai do céu. Lembra do vovô? Quando ficamos velhinhos, vamos para o céu descansar.

— Mas o menino ainda não era avô, por que ele precisava descansar?

Melanie fica sem resposta e Marília quer se esconder. Sabe como a irmã é radical com a seleção do que os filhos assistem na televisão.

— Eu também vou descansar com papai do céu? Ainda não estou cansado — o menino reflete, fazendo sua mãe se arrepiar com a possibilidade de algo lhe acontecer.

Ela o abraça forte, beija e cheira seus cabelos, parecendo querer agradecer o fato de estar diante de seus olhos, tão saudável.

— Você vai descansar, mas em casa! Vá pegar sua mochila no quarto da sua tia — ordena.

— Esqueça essa história!

Melanie olha para Marília, furiosa.

— Eu não tive culpa... Coloquei no canal de desenhos!

— Mas ele sabe trocar os canais! Agora me diz, o que eu respondo a ele? Como vou explicar que os filhos podem morrer antes de seus pais?

Marília não sabe o que dizer. Queria ter recusado o trabalho para fazer em casa. Queria voltar no tempo. Queria ter respostas. O questionamento do sobrinho é assustador para ela também. A morte não escolhe sexo, idade, nem classe social. Nessas horas, tem vontade de largar tudo e viver a vida a cada minuto. Num *flashback*, a Capadócia lhe vem à cabeça. Esqueceu-se de tudo o que aprendeu? Esqueceu Paul?

O menino volta com a mochila. Melanie pega o mais novo no colo e sai sem falar com Marília.

\* \* \*

Marília passa a semana ligando para Melanie, pedindo que lhe perdoe. Sabe que a irmã exagera no radicalismo em relação ao que os filhos assistem na TV, mas o questionamento do sobrinho tinha sido certo. Como responder a pergunta do menino? *Eu não sei...*

\* \* \*

O telefone vibra. Marília olha no visor. Seu coração descompassa. Pede licença ao cliente com o qual está almoçando.

— Desculpe, preciso atender, é urgente.

Ela caminha rapidamente até o lado de fora do restaurante, sentindo o gosto da aventura que andava adormecido desde que voltara da Capadócia.

— Paul! — grita, no meio da rua, tendo os altos prédios ao seu redor como testemunhas de sua alegria.

Ele corresponde à empolgação e conversam rapidamente sobre as mudanças em suas vidas. Até aqui, haviam trocado alguns raros e-mails e um único telefonema quando ela chegara da Turquia.

— Não vou tomar seu tempo. Só quero saber a que horas chega seu voo.

— Meu voo?

— Isso! Meu casamento! Você confirmou sua presença por e-mail, lembra?

Marília se lembra de ter confirmado alguma coisa, mas... *Era o casamento dele?* Em meio a tantos e-mails que chegam diariamente, não havia percebido que...

— Você vai se casar?

— Vou! Você sabe, recebeu o convite!

— Casar, casar mesmo? Na igreja? Com uma mulher?

— Marília... Que brincadeira boba. Diga logo a que horas seu voo chega.

Ela pensa em uma rápida desculpa para não ir. Agora se lembra de Paul ter comentado sobre o reencontro com a namorada, da qual se separou quando resolveu sair pelo mundo em busca de aproveitar melhor o tempo.

— Não aceito desculpa alguma! Faço questão de você aqui.

— Não sei... Eu entro em contato.

— Hoje ainda?

— É...

— Ótimo! Estou ansioso para te ver.

*Eu também.*

— Agora volte para o seu cliente. É muito ruim ser interrompido por celulares. Cortam nossa emoção.

— Como você consegue? — ela pergunta, em nome de seu desespero para manter Paul na linha.

— Consigo o quê?

— Manter o equilíbrio. Tenho escorregado tanto...

— Um dia de cada vez. E muita disciplina.

— Ou mudando para a Capadócia — ela brinca.

— Ou mudando para a Capadócia — Paul ri. — Mas não é isso o que queremos.

— Se for com você... Eu quero... Sempre vou querer.

— Marília... O que aconteceu na Capadócia fica na Capadócia. Volte para o seu cliente.

Frustrada, ela desliga. A última coisa que quer é voltar para aquela mesa. Quer ir para um bar e por lá ficar, quem sabe tomar um porre e entrar em coma alcoólico. Só agora se dá conta de que não teve tempo para pensar em seus sentimentos em relação àquele casamento, mas já sabe que não são dos mais felizes. Acreditava que um dia ficaria com Paul, assim como tinha acreditado que um dia reataria o relacionamento com o ex-namorado. Achava que, quando estivessem prontos um para o outro, o tempo ou o destino se encarregaria de reuni-los. Mas este não é um romance com final feliz. *Como deixar Paul se casar com outra pessoa?* Ele é o homem ideal. A perfeição do equilíbrio, na sociedade engolidora de gente. *E com o sorriso mais lindo que já vi.*

Decidida, ela faz o que tem que ser feito. Volta para a mesa do restaurante e finaliza sua reunião. Mas depois, faz a sua loucura. Manda uma mensagem de texto mentirosa para o chefe, dizendo que não está se sentindo bem. Vai a uma agência de viagens e compra a passagem para Londres. Vai ao casamento. *Será mais uma loucura. Ando precisando delas. Preciso reencontrar Paul.*

## Londres

---

O sorriso de Paul é contagiante. Ao avistar a noiva entrando na igreja, parece ver a mulher mais linda do mundo. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Marília imagina como deve ser maravilhoso ser admirada assim, com tamanha pureza. Será que um dia sentirá essa emoção? Por que não é ela que está no altar?

Desde que chegara a Londres, tivera pouco tempo para conversar com Paul. Foi um rápido encontro, mas suficientemente longo para mostrar que ele conseguiu. É Londres quem está se adaptando a ele e a seu voluntarioso coração.

Para vir para Londres, Marília arrastou Rachel junto. Não conseguiria encarar este momento, sozinha. Veio decidida a recuperar Paul, mas durante o voo, resolveu que respeitaria a escolha dele. Tinha tido todo o tempo do mundo para ir em busca do amor do *ex-hippie*, mas preferira usá-lo de outra maneira, no trabalho e em coisas que, hoje ela percebe, eram irrelevantes.

Assim, agora, às onze e meia da manhã, enquanto Paul cruza a nave da igreja, saindo de mãos dadas com sua, agora, esposa, Marília sorri para eles e se obriga a ficar feliz.

\* \* \*

— Se eu pudesse, convidaria você para dançar — Dylan, amigo de faculdade de Paul que sofreu um acidente de carro e há três anos está na cadeira de rodas, diz a Marília durante a festa. Ela sorri sem jeito.

— Não precisa ficar acanhada, não tenho problemas com a minha cadeira.

Após um tempo de conversa com o homem animado, ela tem vontade de fazer uma pergunta. Fica em dúvida se deve ou não, mas ousa. — Como é viver em uma cadeira de rodas?

— Não é bom! — ele sorri, mostrando que tenta levar a situação com bom humor. — Aproveitei muito a minha vida, e ainda vou aproveitar muito mais! Estou aproveitando, na verdade!

— Que bom... — ela responde, descrente e quase piedosa.

— Mas você não está muito distante da minha realidade.

— Eu? — Marília aponta para si mesma.

— Sim, você. Com certeza, gasta a maior parte do seu tempo sentada em frente a uma tela de computador. Nos fins de semana, ao invés de curtir a vida, sair pelo mundo, aproveitar o simples fato de ter pernas saudáveis, opta por passar o dia na mesma posição que eu, sentada. Talvez você mesma possa me responder como é ver o mundo passar visto de uma cadeira.

Marília ainda está escolhendo se sente raiva ou ódio do homem à sua frente. Sente-se afrontada. *Como ousa dizer que tenho pernas saudáveis e vivo como uma cadeirante?*

— E então? — Dylan insiste. — Você fica mais tempo sentada ou de pé?

Marília é salva pelo barulho do talher batendo na taça de cristal. Aliviada, ela agradece por ser hora dos discursos. E eles são longos. Uns alegres, outros emocionantes. Até que Paul chega ao microfone. Ele declara o amor que sente pela esposa e como está feliz pela união. Marília é invadida pelo desespero da dor da perda.

— Sei que muitas pessoas vieram de longe, mas gostaria de finalizar agradecendo a uma mulher em especial — Paul anuncia. — Se não fosse por ela, talvez eu não estivesse aqui, me casando com quem tanto amo. Saí em uma viagem tentando me encontrar e acabei me perdendo, mas ela me resgatou. Estou falando de minha querida amiga Marília — finaliza, apontando para ela.

Todos olham em sua direção. Ela sorri sem graça. *Amiga? Quer sumir.*

— Obrigada por tê-lo mandado de volta para mim — a noiva diz, puxando o microfone, complementando as palavras do marido.

Marília tem lágrimas a derramar, mas sorri ao se tornar a dona de todos os olhares da festa. Paul pede que ela se levante, para que todos possam vê-la. Ela olha para Rachel pedindo socorro. Mas a amiga acha tudo muito divertido e a incentiva a se levantar. Marília fica de pé e dá um tchauzinho discreto. Fica satisfeita por ter acertado na escolha de um vestido Tuffi Duek, sexy na medida certa para a ocasião. Para completar, suas pernas são ressaltadas pelos saltos Louboutin.

— Obrigado, Marília! — Paul reforça as palavras da esposa.

Mesmo bem vestida, sentindo-se poderosa, Marília por dentro se sente mal amada, uma bruxa, uma destruidora de lares. Só ela e seu íntimo sabem que queria estar ali, ao lado de Paul, e não aqui de frente para ele, como a amiga *fashion* e boazinha.

— Ela poderia falar algumas palavras, não acham? Pelo que entendi, não estaríamos aqui se não fosse essa bela jovem — o cantor da banda sugere.

Todos concordam com aplausos, menos Marília. Não está preparada. Precisa de mais tempo para formular um discurso. Ela se sente como na despedida de Paul, na Capadócia. Onde estariam as mochileiras japonesas que chegariam correndo para lhe dar mais alguns segundos?

Desta vez não há mais tempo. Paul a encara com seu lindo e devastador sorriso de sempre, agora acompanhado por uma bonita loura, sua esposa.

Marília lança um novo olhar a Rachel pedindo socorro. A amiga a incentiva a seguir em frente e dizer algo. Sem saída, Marília se coloca em sua melhor postura e dirige-se ao microfone do palco, mas não sobe nele. *Seria demais.* Continua no chão. O cantor lhe passa o aparelho e ela se lembra das vezes em que narrou para si mesma, na Capadócia, como havia sido o seu dia e suas inquietações. *Não deve ser mais difícil que isso. É só fingir que não há ninguém por perto.*

Dá certo. Ela começa dando parabéns aos noivos, desejando muitas felicidades e fazendo uma ou outra piada, que não fazem tanto sucesso quanto gostaria. *Melhor apressar o fim.*

— Obrigada pela oportunidade de poder compartilhar com vocês este momento tão bonito — finaliza, devolvendo o microfone ao cantor.

Os aplausos a seguem no caminho de volta para a mesa, mas Marília não está satisfeita com o que disse. *Falta algo.* Algo importante. *Deixa para depois. Mando um e-mail.*

Avista Dylan sentado em sua mesa. Ele sorri. Ela para de caminhar. *Algumas coisas não podem esperar!* Os aplausos a encorajam e ela surpreende a todos, voltando a passos rápidos

para a frente do palco. Pede o microfone.

— Desculpem, poderia roubar só mais um minuto da atenção de vocês? — Marília pede, diante dos olhares curiosos. — Obrigada. Vocês são muito gentis. É que esqueci de dizer uma coisa e posso não ter outra oportunidade, afinal os noivos já partem amanhã em lua de mel.

Respira fundo e controla as mãos trêmulas.

— Quando Paul deixou a Capadócia, disse que eu o havia ensinado, mas na verdade eu é que estava aprendendo. Não estava fazendo nada mais do que passar alguns ensinamentos dos livros de autoajuda, que minha irmã me obrigou a ler. Paul tinha a prática, eu a teoria. Juntos, evoluímos. Mas confesso que eu mesma não acreditava naquela teoria toda. Paul me ensinou a não ter preconceito com frases feitas, porque são frases comuns, usadas por nossos pais e avós para nos advertir. E só quando erramos é que percebemos que estavam certos. Por isso, vou usar agora uma bem popular: "não deixe para amanhã o que pode fazer hoje." Se há algo que posso desejar aos noivos é que não deixem a suposta falta de tempo afastá-los um do outro, não levem a tecnologia para a cama. Amem-se a cada minuto, a cada segundo. Eu achava que tinha todo o tempo do mundo e, por causa disso, perdi dois amores. O maior deles está na minha frente — emociona-se, causando espanto geral. Pode ver o sorriso de Paul se fechar, mas o olhar dele continua junto ao seu. — O amanhã é uma surpresa. Amem hoje, amem agora. Não façam como eu que não soube ir atrás do que eu realmente queria. Parabéns — dirige seu olhar à noiva. — Eu queria estar no seu lugar. Obrigada pelo tempo de vocês. Felicidades aos noivos.

Marília não recebe um único aplauso. Devolve o microfone ao cantor, apático e arrependido por tê-la incentivado a fazer o discurso.

Antes de voltar para a mesa, Marília olha mais uma vez para Paul. Ele corresponde. São milésimos de segundos. Ela pode ir até ele, mas vira o corpo e caminha com passos firmes, observada por boa parte da festa, em direção a Rachel. A banda toca qualquer coisa para amenizar a situação. Marília pega sua carteira em cima da mesa.

— Obrigada — diz a Dylan, que sorri satisfeito. Ele parece um anjo ou coisa assim.

Mas Marília não acredita em anjos nem em "coisa assim".

Ela avisa a Rachel que está indo embora. A amiga a surpreende, dizendo que vai ficar mais um pouco. Marília concorda e deixa o salão, sozinha. É tudo o que precisa.

\* \* \*

Marília pega um táxi e desce num lugar qualquer da cidade. Caminha pelas ruas. A sensação do que poderia ter sido, se tivessem ido além na Capadócia, ronda os seus pensamentos, mas é preciso reconhecer a derrota. Paul fez sua escolha. *E eu também, ao não vir atrás dele.*

Senta-se em um banco e observa as pessoas passarem, apressadas. Os pensamentos consomem sua energia, enquanto avalia tudo o que poderia ter feito para que o futuro, hoje, fosse diferente. Revê sua vida, que voltou ao normal, com a correria espremendo seus reais desejos num canto de sua agenda. Pergunta-se como o tempo conseguiu levar o equilíbrio trazido da experiência na Capadócia.

Ela abaixa a cabeça e olha para o seu vestido. Sente-se bonita e confiante, apesar do coração em pedaços. Lembra-se de algo que pode fazer para animá-lo. É o melhor momento para realizar um sonho: London Eye.



\* \* \*

Já a muitos metros do chão, Marília se sente sozinha, mesmo com vários turistas em sua cabine. Encosta as mãos no vidro e se lembra do passeio de balão. A vista é diferente, mas ainda assim, magnífica.

Vendo Londres de cima, sente seu estômago arder de emoção, assim como ainda arde por Paul. Tem a certeza de que a autoajuda, a frase feita, ou qualquer que seja o nome que lhe dê, pode mesmo funcionar como alguém passando a mão em sua cabeça. *Mas, e quem não precisa de um cafuné de vez em quando? Sofremos tantas derrotas, por que não, ao menos, ler num livro, ou em vários, que podemos nos levantar, mesmo quando nem nós mesmos acreditamos que iremos conseguir?*

Marília se sente plena, enquanto os raios de sol brigam com as nuvens cinzentas. Está contente por Paul, pelo ex-namorado, por si mesma. De alguma forma, todos encontraram seu caminho. *Mas Paul ainda pode fazer parte da minha história? Como? Eu o quero tanto...*

Um menino de uns cinco anos de idade enche a mãe de perguntas, deslumbrado com o que vê através da gaiola transparente da imensa roda-gigante. Marília se lembra da pergunta perturbadora do sobrinho. Agora, aqui em cima, a resposta invade seus pensamentos. Se ele perguntasse novamente como uma criança pode morrer antes de ser avô, ela diria: "juventude não é garantia de vida longa, nem velhice de vida curta. Um velho de 90 anos pode ter mais tempo de vida do que um jovem de 18. O amanhã é um desconhecido. Não podemos dominar o tempo que está por vir, mas podemos negociar com o que temos."

Marília se lembra do sonho com o senhor de barba branca, que mostrava sua vida passando pela janela, sem ela. Percebe que precisa fazer ajustes. Amará Paul para sempre? Não sabe, mas sorri decidida: irá tirar novas férias. Assim que voltar para casa, escolherá o novo destino. Essa ideia a deixa feliz.

Ela se lembra de um filme que vira antes de embarcar para Londres, "Bella". Assim que a história começa, o protagonista comenta que sua avó sempre dizia que, se quisermos fazer Deus rir, devemos lhe contar nossos planos. Mas, neste momento, quem ri é Marília, porque Deus não tem motivo algum para isso, ela não está lhe contando seus planos, ela os está *vivendo*.

# Table of Contents

[Copyright](#)

[Parte I](#)

[Olhe!](#)

[Ageusia](#)

[Tempo](#)

[Nunca será suficiente](#)

[Onde está você agora?](#)

[Férias](#)

[Natal](#)

[A vida não faz acordos](#)

[Eu não gosto de trabalhar](#)

[Só depende de mim](#)

[Insegurança](#)

[Parte II](#)

[Istambul](#)

[Capadócia](#)

[Dia seguinte](#)

[Jantar](#)

[Alegria](#)

[Paul](#)

[Indo embora](#)

[Impulso](#)

[Pamukkale](#)

[Parte III](#)

[A volta](#)

[Encaixando](#)

[Londres](#)